

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

Renata Sousa Costa

IMAGINÁRIOS SOBRE OS CHINESES NO BRASIL:
MOBILIZAÇÃO DOS AFETOS NO CANAL “PULA MURALHA” DURANTE A
PANDEMIA POR COVID –19

Belo Horizonte
2024

Renata Sousa Costa

IMAGINÁRIOS SOBRE OS CHINESES NO BRASIL:
MOBILIZAÇÃO DOS AFETOS NO CANAL “PULA MURALHA” DURANTE A
PANDEMIA POR COVID –19

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Comunicação Social.

Linha de Pesquisa: Comunicação, territorialidades e vulnerabilidades.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Maciel C. A. Mantovani

Belo Horizonte
2024

301.16 Costa, Renata Sousa.
C837i Imaginários sobre os chineses no Brasil [manuscrito] :
2024 mobilização dos afetos no canal “Pula Muralha” durante a
pandemia por COVID –19 / Renata Sousa Costa. - 2024.
112 f. : il.
Orientadora: Camila Maciel Campolina Alves Mantovani.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1.Comunicação – Teses. 2. Imaginário – Teses. 3.COVID-19
Pandemia, 2020- 4. Chineses- Teses. 5.Fake news - Teses .
I. Mantovani, Camila Maciel Campolina Alves . II.Universidade
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"IMAGINÁRIOS SOBRE OS CHINESES NO BRASIL: MOBILIZAÇÃO DOS AFETOS NO CANAL "PULA MURALHA" DURANTE A PANDEMIA POR COVID-19."

RENATA SOUSA COSTA

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia vinte e sete de junho de dois mil e vinte e quatro, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Profª Camila Maciel Campolina A. Mantovani - Orientado
DCS/FAFICH/UFMG

Prof. Daniel Reis Silva
DCS/FAFICH/UFMG

Prof. Rennan Lanna Martins Mafra
UFV

Belo Horizonte, 27 de junho de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Rennan Lanna Martins Mafra, Usuário Externo**, em 27/06/2024, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Maciel Campolina Alves Mantovani, Professora do Magistério Superior**, em 27/06/2024, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Reis Silva, Professor do Magistério Superior**, em 27/06/2024, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3310931** e o código CRC **A72720A3**.

AGRADECIMENTOS

Ao meu tio Beto (*in memoriam*) que nos ensinou a sonhar.

À minha tia Amparo que nos ensinou a não temer.

À vovó Lourdes que nos ensina a persistir.

À tia Marise (*in memoriam*) que sempre me reservou um pouco do doce.

Faço pausas e suspiro enquanto penso em como começar... Os agradecimentos me são desafiadores não porque sou de ingrata natureza, mas porque poderia me perder nesse ato tamanha a grandiosidade que gostaria de transformar este gesto. Sou grata! Imensamente grata!

À minha família que de longe, solo maranhense, sempre foi meu Norte! Em especial à mana Lourena, que é um dos anjos da guarda que tenho em Terra.

Grata pela oportunidade de fazer um mestrado numa instituição pública de excelência como a Universidade Federal de Minas Gerais.

Agradeço pela orientação da professora Camila que sempre me passou calma e firmeza nos momentos em que a costura desta pesquisa se mostrou desafiadora. Recebi acolhimento e tivemos partilhas que marcaram o meu caminho.

Aos colegas de trabalho da Pro-reitoria de Graduação da UFMG: vocês me ajudaram a cada sorriso, cafezinho, e palavras de força. Obrigada prezados(as)!

Ao meu fiel grupo de amigos “Cumadis”, Fernando, Cau, Flavita e Mayara. Amo vocês.

E ao final para ficar em destaque: obrigada mamãe e papai!

Obrigada! Edu, Chaplin e Mia!

RESUMO

Este estudo analisa os imaginários dos brasileiros sobre a China e os chineses durante a pandemia de Covid-19. A análise baseia-se em discursos de textos e comentários no canal do *YouTube*, Pula Muralha, escolhido pela sua relevância na conexão cultural entre Brasil e China. A pesquisa inclui uma retrospectiva do fluxo migratório chinês para o Ocidente e os primeiros contatos entre chineses e brasileiros, oferecendo uma perspectiva histórica sobre o período da pandemia. A partir desta base histórica, o estudo explora a percepção contemporânea dos brasileiros sobre temas como o “Perigo Amarelo”, Orientalismo e sinofobia, identificando microagressões raciais e estigmatizações exacerbadas pela disseminação de *Fake News*. Utilizando uma abordagem de inspiração na etnografia virtual, o estudo examina a dimensão afetiva e os atos relacionais observados nos comentários da plataforma, revelando possíveis quadros de risco e vulnerabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginários sociodiscursivos; Pandemia; Afetos; Sinofobia; *Fake News*.

ABSTRACT

This study analyzes Brazilians' imaginaries about China and the Chinese during the Covid-19 pandemic. The analysis is based on text speeches and comments on the YouTube channel, Pula Muralha, chosen for its relevance in the cultural connection between Brazil and China. The research includes a retrospective of the Chinese migratory flow to the West and the first contacts between Chinese and Brazilians, offering a historical perspective on the pandemic period. Based on this historical basis, the study explores Brazilians' contemporary perception of topics such as the "Yellow Peril", Orientalism and Sinophobia, identifying racial microaggressions and stigmatization exacerbated by the dissemination of fake news. Using an approach inspired by virtual ethnography, the study examines the affective dimension and relational acts observed in the platform's comments, revealing possible situations of risk and vulnerability.

KEYWORDS: Sociodiscursive imaginaries; Pandemic; Affections; Sinophobia; Fake News.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Matéria publicada pelo site G1 em 22 de janeiro de 2020 sobre a cronologia do coronavírus.....	17
Figura 2- coolies chineses no Panamá, séc. XIX. Fotografia	23
Figura 3 - Mapa da República Popular da China. Fonte: Portal Ibrachina.	28
Figura 4- Aquarela de Johann Moritz Rugendas dos chineses plantando chá no Rio de Janeiro	32
Figura 5 - Visão chinesa sobre o destino dos culis no livro A China e os chins. [Lisboa, 1888, p.344-345].....	33
Figura 6 - Documento raro que registra o pedido, feito pelos colonos chineses, que plantavam chá, para disporem de um intérprete. Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Nacional.....	34
Figura 7 - Imagem da Revista Ilustrada criticando a vinda dos chineses [1878, n.120, p. 8]. A revista pode ser consultada no portal da Hemeroteca da BN. Fonte: Acervo da Fundação da Biblioteca Nacional.....	36
Figura 8- Imagem da Revista Ilustrada, A 'ameaça a lavoura', representada como a moça intimidada [1879, n.175, p.4]	37
Figura 9 - Capa do livro Da França ao Japão, editado pouco antes da Missão brasileira ser aprovada.....	39
Figura 10 - The Yellow Terror in all His Glory (1899) representa um rebelde chinês da dinastia Qing (1636–1912).....	43
Figura 11- Dragão de luminária na Igreja do Pilar, Ouro Preto, com evidente influência chinesa. Nas artes, ela está presente, em especial, no barroco mineiro. Fonte: https://outraspalavras.net/	44
Figura 12 - Telhados em forma de pagode, Rio de Janeiro, 1818. Ilustração de Jean Baptiste Debret	45
Figura 13 - Publicidade de “Negócio da China” em que os atores puxam os olhos, imitando orientais.	46
Figura 14 - Vídeos do canal Pula Muralha	69
Figura 15 - Capa de vídeos com a temática sobre consumo de carne de morcego na China.....	71
Figura 16 - Publicação fixada no topo dos comentários do vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”.	75
Figura 17 - Comem tudo o que se mexe.....	75
Figura 18 - - Mito do Perigo Amarelo e Sinofobia.....	75
Figura 19– Perigo Amarelo.....	76
Figura 20 - Sinofobia	77
Figura 21 - Brasil falando de “Brasis”	78
Figura 22- Brasil falando de “Brasis”.	78
Figura 23- Brasil falando de “Brasis”.	79
Figura 24 - Brasil falando de “Brasis”. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.	79
Figura 25- Brasil falando de “Brasis”. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.	80
Figura 26- Fofos, lindos e admiráveis. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.	81
Figura 27- Fofos, lindos e admiráveis. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.	81

Figura 28- Carne de cachorro. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.	82
Figura 29- Carne de cachorro. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.	82
Figura 30- Cultura alimentar. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.	83
Figura 31 - Festival da Lichia. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.	84
Figura 32- Nuvem de palavras que compõem o objeto da nossa pesquisa. Fonte: https://www.wordclouds.com/	86
Figura 33- Descendente indígena relata que sofreu microagressão por causa do traço fenotípico dos olhos puxados, que se assemelham aos olhos dos chineses.	89
Figura 34 - Relato de um possível microinsulto ao falar que sofre “provocações” em cidades com poucos asiáticos no Brasil. Fala do medo de sair de casa e sofrer hostilização por estar resfriada.	90
Figura 35- Relato de microagressão em que há a percepção de comentários a seu respeito (vítima) que se cessam na sua presença. Há também a percepção de um comportamento evitativo após o retorno de sua viagem à China em período anterior ao surgimento da Covid-19.	91
Figura 36- Seguidora compartilha o viu no Facebook sobre microinsulto direcionado a uma chinesa no metrô de São Paulo.	91
Figura 37- Neste relato o usuário pratica a microinvalidação ao afirmar que o preconceito contra os orientais não ocorre no Brasil. A microinvalidação se baseia no discurso da “minorias modelo”.....	92
Figura 38 - Relato menciona que presenciou preconceito direcionado aos chineses professores de mandarim na Unesp.	93
Figura 39- Imaginários acerca do trabalho desempenhado pelos chineses em terras estrangeiras.	96
Figura 40- Estereótipos sobre os chineses e desejo de conter as migrações.....	97
Figura 41 - Denúncia de trabalho escravo e venda de carne de cachorro foi feita em 2013.	98
Figura 42 - Seguidores elogiam a aparência física e a forma de falar que troca o “R” pelo “L” da professora Sisi Lao.	99
Figura 43- Seguidores elogiam a aparência física e a forma de falar que troca o “R” pelo “L” da professora Sisi Lao.	99
Figura 44- Seguidores elogiam a aparência física e a forma de falar que troca o “R” pelo “L” da professora Sisi Lao. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.	100

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
1.1.	Recorte empírico e escolhas metodológicas	18
1.2.	Operadores de análise	19
1.3.	Percurso da escrita através dos capítulos	20
2.	FLUXO MIGRATÓRIO CHINÊS PARA O OCIDENTE: UM BREVE RELATO	22
2.1.	Ondas migratórias: do tráfico de <i>coolies</i> à abertura econômica	24
2.2.	Movimentos migratórios no território chinês	27
2.3.	A construção do imaginário sobre a China no Brasil: entre migrações e missões	31
2.4.	Orientalismo	42
3.	MICROAGRESSÃO RACIAL: SOBRE NOVAS MANIFESTAÇÕES DE RACISMO	48
3.1.	Ódios e microagressões raciais no ambiente digital	52
3.2.	<i>Fake News</i> e teorias conspiratórias	55
3.3.	Ontologia política do “Perigo Amarelo”: degeneração e emergência	57
4.	IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS E ESTEREÓTIPOS EM CIRCULAÇÃO: SOCIEDADE EM REDE	59
4.1.	Estereótipos e imaginários sociais	61
5.	CANAL PULA MURALHA: CONEXÕES ENTRE BRASIL E CHINA	68
5.1.	Mobilização de afetos no canal Pula Muralha: sobre o que me afeta/afetou	70
5.2.	Seleção do <i>corpus</i> e categorias de análise	72
5.3.	Diálogos entre vídeo e comentários	74
5.4.	Relatos de microagressão racial	87
5.5.	Diálogos sobre os imaginários sociodiscursivos	94
5.1.2	Imigrantes chineses no Brasil: relações de conflito	96
5.1.3	Objetificação da mulher asiática: fetiche e imaginário sobre submissão	99
5.6	Reflexões possíveis acerca da análise do <i>corpus</i>	100
7	REFERÊNCIAS	105

Prólogo

O percurso da experiência empírica com o nosso objeto teve início em janeiro de 2020, período em que os primeiros casos de Covid-19 foram notificados em diferentes partes do mundo: inicialmente chamou-me a atenção o sentimento antichinês, denominado sinofobia, que emergiu durante a pandemia, sendo este sentimento facilmente visualizado no ambiente digital, afinal, estávamos vivendo um isolamento social devido as sanções sanitárias o que aumentou o número de interações nas Redes Sociais e Plataformas Digitais.

Neste período, tive a possibilidade de me isolar de forma parcial por meio do trabalho híbrido no setor de revalidação de diplomas de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. O contato com pessoas estrangeiras e viajantes advindos de outros Estados do Brasil foi algo que experienciei, antes, durante e após a pandemia, pela natureza do labor. A esta altura já me interessava por canais no *Youtube* de brasileiros que moravam fora do país e de estrangeiros, a exemplo da *Sisi Lao* – Canal Pula Muralha - que aqui vieram se estabelecer por inúmeros motivos.

Sou uma migrante interna, também chamada de migrante nacional, termos que se aplicam a pessoas que mudam de lugares dentro do seu próprio país. Maranhense, nascida em Imperatriz, cidade que um dia já foi chamada de “Portal da Amazônia”, “Princesa do Tocantins” e não poderia esquecer de “Capital da Pistolagem” (termo amplamente disseminado na imprensa nacional nas décadas de 80, 90 com ocorrência até mesmo em 2010). Em contato com estrangeiros residentes ou visitantes do Brasil, me identificava diante de perguntas e afirmações como “você não pensa em voltar para o seu lugar de origem?”, “você ainda não perdeu o sotaque”. Outra curiosidade recorrente era a pergunta sobre o porquê da mudança de residência, me sentia inquirida a justificar de forma bem justificada, mas por vezes sentia que frustrava alguns interlocutores quando explicava que realizei a mudança por questões profissionais.

Em relação aos estrangeiros, não me identifico com as questões que envolvem xenofobia, pois nunca sofri ou percebi tal comportamento direcionado a mim. Fato que já não se aplica a amigos maranhenses de pele negra, que migraram internamente para a região Sul do Brasil. Sou parda, tom de pele que por muito tempo chamei de amarela e cabelos ondulados castanho escuro. Recentemente, durante o processo de

aprendizado de minha pesquisa, percebi o equívoco de me identificar com a pele amarela, pois, amarelo no Brasil, segundo a classificação do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) destina-se a classificação de pessoas orientais de origem chinesa, coreana e japonesa. Poderíamos pensar: e os demais asiáticos que fazem parte da mistura racial brasileira? Onde estão classificados no formulário do Censo? Para estes, restam as demais classificações e a autodeclaração de cor e raça, pelo motivo de que esta autodeclaração nem sempre se dá por questões objetivas, mas também por questões de identidade e percepção.

Acerca deste tema, de acordo com dados divulgados no último censo realizado pelo IBGE (2022), a parcela da população que se identifica como raça amarela, residente no Brasil, apresentou uma queda de 60% em relação ao censo de 2010. A redução da população amarela está associada a um procedimento adotado no Censo 2022: caso o entrevistado ou algum morador se declarasse como tendo cor ou raça amarela, o recenseador faria uma pergunta adicional padrão: "Considera-se como cor ou raça amarela a pessoa de origem oriental: japonesa, chinesa, coreana. Você confirma sua escolha?". Pela primeira vez desde 1991, a maioria da população brasileira se declarou como parda.

Bastante comum é ouvir "lá em cima, tudo é Norte, tudo igual" e, com relação às pessoas de origem oriental, o bordão se repete: "japonês, chinês, coreano" é tudo igual". Tais frases promovem uma ideia de homogeneidade que simplesmente não existe e que, em última instância, desumaniza os indivíduos ao desconsiderar suas complexidades. Isso remete a tantos outros estereótipos que a sociedade em geral carrega em relação ao outro e que se apresenta de várias maneiras como por exemplo por meio das frases: "pobre é tudo igual", "preto é tudo igual". Dito isso, partimos de forma específica ao que delimitamos entre fronteiras imaginárias, territoriais, digitais, dentre tantos outros elementos que afetam o nosso olhar, para o tema da nossa pesquisa: "Imaginários sobre os chineses no Brasil: mobilização dos afetos no canal do *Youtube*, Pula Muralha", durante a pandemia por Covid –19".

1. INTRODUÇÃO

No período pandêmico de 2020 a 2022, no qual vivenciamos o momento de maior perigo – situação emergencial de saúde encerrada pela Organização Mundial de Saúde, OMS, em maio de 2023 – as Redes Sociais e as Plataformas Digitais tornaram-se um dos principais territórios de mobilização social diante do isolamento imposto pelas medidas sanitárias. No ambiente digital, para além das possibilidades de contato e interação com pessoas para relações pessoais e afetivas e também para o trabalho (para aquelas que podiam realizá-lo de forma remota), foi potencializado o compartilhamento de *Fake News*, denúncias e comentários que produziram e reproduziram imaginários sociais, estereótipos, vulnerabilidades acerca do marco zero da doença (Província de *Wuhan* – China) e de sua disseminação pelo mundo, conforme os contextos regionais/locais, atravessados por discursos hegemônicos de lideranças políticas dentre outros articulistas e formadores de opinião, que se apresentaram naquela conjuntura. Diante desse cenário, por conta das discussões sobre a origem do vírus, pessoas com perfil que lembravam o fenótipo do leste asiático (coreanos, chineses, japoneses, taiwaneses) passaram a ser um público potencialmente vulnerável diante de um julgamento que levava em consideração os traços raciais constituintes de seus corpos e que, nos imaginários de muitos ocidentais, também significava que os corpos destas pessoas eram possivelmente transmissores da Covid-19.

Segundo relatório publicado pelo grupo *Stop AAPI Hate*¹ a violência contra asiáticos aumentou absurdamente no período da pandemia em países como os Estados Unidos e os principais alvos de ataques foram crianças, idosos e mulheres. A maioria das agressões foram xingamentos e humilhações verbais. Os relatórios do *Stop AAPI Hate* revelam uma vasta gama de atos de intolerância (manifestações baseadas em preconceitos contra diversas características individuais, como raça, gênero ou orientação sexual). Alguns desses atos podem se configurar como crimes

¹ Segundo relatório publicado pelo grupo Stop AAPI Hate Movimento social e de conscientização que surgiu em resposta ao aumento de ataques e discriminação contra pessoas de origem asiática, especialmente nos Estados Unidos e em outros lugares do mundo. Link: <https://stopaapihate.org/>. Acesso em 20 de março de 2024.

de ódio (delitos penais motivados por preconceito), no entanto, a maioria não ultrapassa os limites da lei o que não significa que tais comportamentos não contribuem para um ambiente hostil. A seguir tabelas com parte dos dados compilados na pesquisa do grupo.

Quadro 1. Tipo de Incidente e Percentual de Ocorrência
<p>Assédio Verbal: 82.7%</p> <p>Evitar ou Ignorar (Shunning): 16.5%</p> <p>Agressão Física: 5.2%</p> <p>Cuspir/Tossir em Direção à Pessoa: 1.6%</p> <p>Assédio Online: 8.6%</p> <p>Discriminação no Local de Trabalho: 4.2%</p> <p>Impedimento de Entrar em Estabelecimentos: 1.6%</p> <p>Impedimento de Utilizar Transporte Público: 0.6%</p>

Fonte: <https://stopaapihate.org/wp-content/uploads/2021/04/Stop-AAPI-Hate-Report-Anti-China-Rhetoric-200617.pdf>

Quadro 2. Local de Ocorrência da Retórica antiChina
<p>Negócios (Estabelecimentos Comerciais): 37.6%</p> <p>Calçada Pública: 13.3%</p> <p>Parque Público: 10.6%</p> <p>Transporte Público: 11.0%</p> <p>Residência Privada: 9.0%</p> <p>Online: 18.3%</p> <p>Escola: 3.6%</p> <p>Universidade: 3.2%</p> <p>Local de Culto: 0.2%</p>

Fonte: <https://stopaapihate.org/wp-content/uploads/2021/04/Stop-AAPI-Hate-Report-Anti-China-Rhetoric-200617.pdf>

Quadro 3. Motivos da Discriminação com Retórica antiChina
<p>Raça: 87.8%</p> <p>Etnia: 77.1%</p> <p>Uso de Máscara Facial ou Vestuário: 13.3%</p> <p>Gênero: 8.8%</p> <p>Idioma: 6.4%</p> <p>Alimentação: 3.2%</p> <p>Religião: 1.2%</p>

Fonte: <https://stopaapihate.org/wp-content/uploads/2021/04/Stop-AAPI-Hate-Report-Anti-China-Rhetoric-200617.pdf>

No Brasil, tivemos vários relatos de violência, que ganharam espaço na mídia², como por exemplo, a ocasião em que uma moça de 19 anos (descendente de japoneses) teve álcool borrifado em seu rosto por uma colega de trabalho. A agressão aconteceu em março de 2020, em São Paulo, e foi acompanhada por comentários da agressora como “Estou com a coronavírus aqui do lado”, “Olha a infectada”. De acordo com o Instituto Sociocultural Brasil – China, Ibrachina, em 2020, cerca de 300 mil chineses viviam no Brasil. Segundo dados mencionados pela Agência Senado em 2018³, o número de imigrantes chineses no Brasil soma cerca de 5% do total de imigrantes registrados no país.

Ainda conforme informações da Ibrachina, com a chegada da pandemia do novo Coronavírus ao Brasil, foi necessária a organização de ações de combate ao preconceito contra a comunidade asiática devido aos ataques xenofóbicos e racistas. A entidade criou uma central de denúncias e o Observatório do Coronavírus, que passou a trazer informações confiáveis sobre a doença e a desmentir *Fake News*.

O termo xenofobia tem origem no grego xénos, que significa estranho, e phóbos, que significa medo. Conforme definido no dicionário online Merriam-Webster, xenofobia refere-se ao "medo e ódio por estranhos ou estrangeiros ou qualquer coisa que seja estranha ou estrangeira". Por outro lado, segundo a psicóloga e estudiosa do tema, Oksana Yakushko (2009, p. 43, tradução nossa⁴), "xenofobia é uma forma de preconceito atitudinal, afetivo e comportamental em relação aos imigrantes e àqueles que se percebem como estrangeiros". A xenofobia direcionada a chineses é chamada de sinofobia (sentimento antichinês).

Tendo como base a observação realizada em nosso estudo no período da pandemia, podemos apreender que o vírus SARS-CoV-2, Covid-19, serviu como argumento para a justificativa de uma nova disseminação da ideia do mito do “Perigo Amarelo” [08] no século XXI. Historicamente, os chineses foram muitas vezes alvo de estigmatizações relacionadas à Ásia como um todo, afirma Billé (2018). O autor do

² Mulher borrifa álcool em jovem: “Você é o coronavírus”. Link: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2020/03/mulher-borrifa-alcool-em-jovem-voce-e-o-coronavirus.html>. Acesso em 15 de out. de 2023.

³ Ocasião em que ficou determinado o dia 15 de agosto como Dia Nacional da Imigração Chinesa: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/06/27/lei-institui-dia-nacional-da-imigracao-chinesa#:~:text=A%20data%20de%2015%20de,no%20Di%C3%A1rio%20Oficial%20da%20Uni%C3%A3o>. Acesso em 30 de abril de 2024.

⁴ “Xenophobia is a form of attitudinal, affective, and behavioral prejudice toward immigrants and those perceived as foreign”, Oksana Yakushko (2009, p. 43).

livro *Yellow Perils: China Narratives in the Contemporary World* (2018), Franck Billé (antropólogo da Universidade da Califórnia em Berkeley), destaca que os ocidentais não têm “monopólio” dessas discriminações — elas variam de local para local e, inclusive, acontecem dentro das fronteiras da própria Ásia e China. “[...] com demasiada frequência, as análises de estereótipos sobre os asiáticos assumem que o orador é ocidental e branco – e frequentemente do sexo masculino. Mas o Ocidente não tem o monopólio das narrativas sinóforas e anti-asiáticas” (Billé, 2018, p 12, tradução nossa⁵).

O livro citado examina o fenômeno do “Perigo Amarelo” ao longo do tempo e como ele evoluiu, mudando sua forma e conteúdo, mas mantendo sua influência e presença no imaginário coletivo. Ele também explora como a China é retratada na mídia, na política e na cultura popular, destacando as diversas perspectivas e preconceitos que podem estar presentes nessas narrativas. As questões trazidas acima são importantes, pois contextualizam as narrativas sobre a China em relação a temas contemporâneos, como relações geopolíticas, economia, cultura e tecnologia, e como essas narrativas impactam as relações globais, incluindo o entendimento do outro e a formação de identidades.

O canal do *Youtube* “Pula Muralha”, criado por *Sisi Lao*, chinesa e professora de mandarim, foi o foco da nossa pesquisa, sendo este o maior canal de cultura chinesa no país com 843 mil inscritos (dados coletados em 22 de fevereiro de 2024). Durante a pandemia por Covid-19, no Brasil, a professora de mandarim passou a sofrer de forma mais ostensiva preconceitos potencializados pelo efeito de *Fake News* e da falta de informação sobre a doença (antes da pandemia, *Sisi* já havia relatado sofrer sinofobia no ambiente virtual). Nesse período, a *Youtuber*, *Sisi Lao*, produziu conteúdos com o intuito de esclarecer sobre a doença, desmistificar hábitos, costumes alimentares e *Fake News* a respeito da Covid-19, bem como sobre a cultura chinesa. *Sisi* também lançou no Brasil a campanha “#eunãosouumvírus” – encampada inicialmente pela hashtag #StopAsianHate e replicada em várias partes do mundo – como forma de aumentar o engajamento do público em meio a problemática da

⁵ “All too often, analyses of stereotypes about Asians have assumed that the speaker is both Western and white—and frequently male. But the West does not have a monopoly on Sinophobic and anti-Asian narratives”, (Billé, 2018, p 12).

sinofobia que, no Brasil, teve vários registros na imprensa contra vítimas de fenótipo leste asiático.

Numa análise inicial, verificamos, no conteúdo dos comentários que repercutem determinados vídeos do canal, durante a pandemia, que os imaginários sobre os povos orientais são acionados de modo a produzir/reproduzir respostas, manifestações, estereótipos e enquadramentos reducionistas. Edward Said (2007) denomina esse tipo de atitude como Orientalismo⁶. Segundo o autor, uma das facetas dos imaginários sociais do Ocidente acerca do Oriente diz sobre a leitura de modos de vida “não civilizados” da população oriental. As narrativas acerca da origem do vírus, com foco na cultura alimentar (mercados molhados), explicitam uma dimensão que traz à tona uma intersecção entre pandemias e o modo como estas são imaginadas pela sociedade.

A obra *Human Extinction and the Pandemic Imaginary* (Lynteris, 2020) explora a intersecção entre pandemias e o modo como são imaginadas na sociedade. O autor aborda a história e a antropologia das epidemias, traçando uma linha desde os impactos desses eventos até os dias atuais, com foco especial na pandemia global. Lynteris (2020) faz uma análise perspicaz sobre como as pandemias são concebidas como ameaças à existência humana, não apenas em termos biológicos, mas também em relação às narrativas culturais, mitos e medos coletivos. Ele examina como o imaginário pandêmico molda a percepção do público e influencia a formulação de políticas, destacando a influência da cultura e da história na compreensão das ameaças biológicas.

A partir de Goffman (1975a), lembramos que as relações sociais complexas e as relações discursivas permitem o surgimento da tensão entre a normalidade e a anormalidade, bem como da dicotomia dos comportamentos considerados padrão e daqueles exigidos dos estigmatizados. As noções do eu, representações, estereótipos e identidades estão na base da teoria de Goffman (1975a). Dentre as características de estigmas, o autor mencionou os estigmas tribais de raça, nação e religião, estes seriam transmitidos através de gerações e “contaminariam” por igual todos os membros de uma família.

⁶ Segundo Edward Said, o orientalismo é um conceito crítico que descreve como o Ocidente (principalmente Europa e EUA) percebe e representa o Oriente (principalmente Oriente Médio e Ásia). Essas representações, além de imprecisas e estereotipadas, fazem parte de um sistema de dominação e controle.



Figura 1- Matéria publicada pelo site G1 em 22 de janeiro de 2020 sobre a cronologia do coronavírus.

Os interesses desta reflexão, a partir da perspectiva comunicacional constituída no contexto do canal Pula Muralha – *Youtube*, propõem observar os imaginários sociodiscursivos e estereótipos, tendo como ponto inicial a abordagem linguística do teórico (Charaudeau, 2017). O autor propõe uma reflexão profunda e analítica sobre a influência dos imaginários e dos estereótipos como elementos na comunicação, na formação de identidades e na construção das relações sociais, convidando à reflexão crítica e à desconstrução dos estereótipos para uma comunicação mais autêntica e inclusiva.

Neste escopo observaremos possíveis microagressões raciais (Sue et al, 2007) como formas sutis e frequentemente inconscientes de discriminação racial que ocorrem no cotidiano, muitas vezes manifestadas por palavras, ações ou atitudes que, aparentemente, são inofensivas ou não intencionais, alinhadas à sedimentação de estigmas (Goffman, 1975) no contexto midiático durante o início e pico de casos da Covid 19 no Brasil. Para o Goffman (1975), o estigma é marca social que desqualifica um indivíduo, estabelecendo-o como “diferente” de forma negativa em relação às normas sociais ou às expectativas comuns de uma determinada sociedade.

O imaginário sobre os modos de vida da população chinesa, com foco na cultura alimentar (mercados molhados), deu margem para especulações com raízes

em apegos ao particular, àquilo com o qual se está familiarizado. A iconografia observada em vários veículos de comunicação, principalmente durante o período da ocorrência dos primeiros casos, remeteu-nos a pessoas chinesas com máscaras, à marcação dos olhos puxados (fenótipo do leste asiático) e à cultura alimentar “exótica”, produzindo subjetividades e sensibilidades que afetaram a etnicidade e a cultura destes indivíduos.

1.1. Recorte empírico e escolhas metodológicas

O recorte do *corpus* de nossa pesquisa parte do vídeo “Morcego, *Fake News* e Preconceito (coronavírus) do Canal Pula Muralha”, publicado em 31 de janeiro de 2020 e que contava, até dezembro de 2023, com mais de 213.201 visualizações, sendo este vídeo um dos 69 mais vistos do canal num universo de 566 produções até o período acima mencionado.

A escolha desse vídeo ocorreu pelo número significativo de visualizações, comentários e se também pelo tema discutido em seu conteúdo, a saber, hábitos alimentares da população chinesa, assunto que foi amplamente divulgado como a possível causa da origem do Coronavírus, e que impulsionou diversos julgamentos, no mínimo, precipitados, e compartilhamentos de *Fake News*. O canal Pula Muralha produziu entre março e junho de 2020, dezesseis vídeos nesta perspectiva com a tentativa de abordar, esclarecer e desmentir *Fake News* sobre o Coronavírus.

Nossa análise, nesta pesquisa, partirá de dados qualitativos levando em consideração o aspecto interdisciplinar e a dimensão afetiva de nosso estudo. A perspectiva emocional da comunicação, conforme elaborada por Moriceau (2020), visa a equiparar a experiência de comunicação à experiência estética. Isso ocorre ao valorizar a sua natureza experiencial, aproximando assim a prática comunicativa da fenomenológica. Esse enfoque destaca o momento singular e transformador em que nossa subjetividade entra em contato com as forças do sensível.

A partir da perspectiva apresentada na obra “A dimensão dos afetos: movimentos entre *corpus* sensível e gestos de pesquisa” (Pessoa, et al., 2019), refletimos sobre o papel do pesquisador na análise de fenômenos e como ela poderia

seguir por um caminho distinto: “até que ponto um pesquisador consegue se distanciar verdadeiramente dos temas que estuda?” (Marques & Martino, 2017, p. 5).

A dimensão dos afetos apresentada no estudo mencionado propõe que o interesse primordial pelo trabalho de pesquisa já é permeado por afetos, indicando que, no início de cada proposta de pesquisa, há um impulso afetivo que guia a ação. Dessa forma, o pesquisador é inevitavelmente atraído para investigar temas e fenômenos que o provocam de alguma forma, em um novo gesto que transcende o simples intelecto.

Gostaríamos de esclarecer que optamos por utilizar um *corpus sui generis* (Pessoa, 2015) peculiar para compor o contexto de formação dos imaginários em relação aos chineses a partir de registros históricos de imigração, bibliografias, registros de jornais, revistas e produtos midiáticos. Já a análise realizada envolveu a seleção de um corpus específico de 3.871 comentários relacionados ao conteúdo do vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito (coronavírus) - Canal Pula Muralha”, e que agregam dados e informações, observadas desde a publicação do vídeo em janeiro de 2020 até junho de 2023, e o subsequente diálogo deste *corpus* com algumas descobertas de pesquisa relacionadas a ele através de compartilhamentos dentro da própria plataforma digital analisada.

1.2. Operadores de análise

De acordo com Charaudeau (2006), os “imaginários sociodiscursivos” podem se materializar de variadas formas, dentre elas em comportamentos, produções tecnológicas, culturais e na construção de símbolos. Ele afirma que, para que ocorra uma materialização discursiva dos “imaginários”, faz-se necessária a presença de uma racionalidade discursiva que será encontrada nos textos escritos e orais. O autor também afirma que a percepção dos imaginários dependerá de um número de sujeitos envolvidos nesta leitura. Esta especificidade incidirá sobre a ordem destes imaginários: se ele será um imaginário pessoal ou imaginário social.

O imaginário pessoal dirá sobre a percepção individual de uma pessoa referente a dado imaginário. Este, segundo Charaudeau (2007), será sentido e/ou julgado a partir da história de vida do sujeito. Já o imaginário social diz sobre uma

simbolização para o coletivo, num mundo regido por domínios de práticas sociais que poderão ser materializadas nas áreas das artes, religião, educação, política, dentre outras mais. Chamamos a atenção para o fato de que a percepção dos imaginários sociodiscursivos se apresenta nas situações comunicacionais onde nos parece existir uma problematização que diz respeito aos imaginários envolvidos, por exemplo, situações em que haja comparação dos imaginários de uma sociedade com imaginários estrangeiros.

Na obra, *Réflexions sur l'identité culturelle. Un préalable nécessaire à l'enseignement d'une langue* (2005) Charaudeau examina como a identidade cultural e os discursos contribuem para a construção e a expressão dos imaginários coletivos em uma sociedade. Ele aborda como os discursos refletem e moldam as visões que os indivíduos têm de si mesmos e dos outros, incluindo representações de culturas estrangeiras e seus imaginários. Essas situações podem revelar como as representações simbólicas de uma cultura são percebidas em relação às de outras culturas, destacando diferenças, semelhanças ou estereótipos. O teórico abordou essa temática em várias de suas obras, motivo pelo qual citamos neste estudo apenas algumas delas. Esta abordagem está no cerne de nossa análise.

Charaudeau (2006) sustenta que a utilização do conceito de imaginários denota sobre o que não é falso e nem verdadeiro. Os imaginários são constructos de sistemas de pensamentos onde visões de mundo, que se apoiam em determinados saberes, poderão excluir-se ou se sobrepor uns sobre os outros. Charaudeau (2006) apresenta ainda a dimensão comunicativa e discursiva dos imaginários sociais em que a noção dos imaginários pessoais poderá vir separada dos imaginários sociais. Aprofundaremos a abordagem da relação entre imaginários, dimensão comunicativa e discursiva mais adiante.

1.3. Percurso da escrita através dos capítulos

O percurso de escrita proposta parte da contextualização do fluxo migratório chinês para o Ocidente, abordando desde suas origens históricas até suas manifestações contemporâneas. Este contexto introdutório serve como base para a compreensão dos temas que serão explorados ao longo da dissertação. O primeiro

capítulo analisa as diferentes ondas migratórias, desde o tráfico de coolies até a abertura econômica, examinando também os movimentos migratórios internos na China e a construção do imaginário sobre o país no Brasil, considerando tanto eventos históricos quanto missões recentes.

A partir de um *corpus sui generis* (Pessoa, 2015), conjunto de materiais ou dados de pesquisa que possuem características únicas e diferenciadas, ou seja, que fogem do padrão tradicional de *corpora* usados em estudos acadêmicos, traçamos diálogos com produtos midiáticos, registros de jornais, revistas, e bibliografias que tocam o assunto do movimento imigratório de chineses para o Brasil para contextualizar a construção dos imaginários.

Já o *corpus* analisado é um *corpus* singular, pois, está vinculado a um único vídeo e comentários engajados a partir de seu conteúdo na plataforma digital, *Youtube*. O *corpus* será analisado de forma aberta e fragmentada em conjunto com a abordagem de Charaudeau (2007) que enfatiza a descrição dos usos e significações sociais na linguística do discurso a partir dos imaginários sociodiscursivos. Os imaginários sociais, conectados a uma dimensão emocional, influenciam a experiência do sujeito com a microagressão racial (SUE et al., 2007), que será explorada mais adiante.

Em seguida, a dissertação adentra o tema do racismo no Brasil, investigando suas diversas manifestações, com destaque para ódios e microagressões raciais, especialmente em ambientes digitais. Além disso, são discutidos o papel das *Fake News* e teorias conspiratórias na disseminação do racismo, bem como a ontologia política do “Perigo Amarelo”, explorando suas raízes históricas e manifestações contemporâneas.

O terceiro capítulo reflete sobre os estereótipos e imaginários sociais presentes na sociedade contemporânea, com foco na disseminação desses conceitos por meio das redes sociais e mídias digitais, contribuindo para a construção de representações culturais simplificadas e muitas vezes prejudiciais.

Por fim, a dissertação se volta para o canal Pula Muralha como um espaço de interação entre brasileiros e chineses, analisando os vídeos e comentários do canal para destacar relatos de microagressão racial e diálogos sobre os imaginários sociodiscursivos.

2. FLUXO MIGRATÓRIO CHINÊS PARA O OCIDENTE: UM BREVE RELATO

O movimento migratório chinês para o Ocidente tem raízes históricas que remontam ao século XIX, quando os primeiros imigrantes chineses chegaram aos Estados Unidos, Canadá, Austrália e outros países ocidentais em busca de trabalho, especialmente nas indústrias de mineração, construção e ferrovias. Muitos desses primeiros imigrantes enfrentaram discriminação e condições difíceis, contribuindo para a formação das comunidades chinesas diaspóricas nessas regiões. Nos séculos seguintes, houve diferentes ondas migratórias chinesas para o Ocidente, influenciadas por eventos históricos, mudanças políticas e econômicas na China e nos países receptores. Durante o século XX, a Revolução Comunista de 1949 na China e as políticas subsequentes do regime comunista resultaram em mais fluxos de emigração, incluindo estudantes, profissionais qualificados e refugiados políticos. Relataremos de forma breve esses fluxos a partir da China para o Ocidente, e logo a seguir, os primeiros contatos entre o Brasil e a China.

Desde os primórdios da dinastia Han, que vigorou de 206 a.C. até 220 d.C. na China, com registros históricos datando das constantes jornadas pela Rota da Seda⁷, vemos um intenso fluxo de produtos e pessoas que contribuiu para uma interconexão cultural, social e econômica entre as civilizações europeias e a civilização oriental. Nossa análise inicia-se após o término do domínio da dinastia Ming em 1667, com a conquista pelos Manchus, etnia que estabeleceu a dinastia Qing, o último império chinês. Conforme Minnaert (2015), o novo império Qing buscou enfraquecer o poder residual da dinastia Ming restringindo o comércio marítimo nas áreas que beneficiavam economicamente a dinastia derrotada. Isso resultou na interrupção das viagens de negócios via mar e na dificuldade dos habitantes em se sustentar devido à falta de recursos financeiros. Como aponta Bueno (2022), muitas vilas foram abandonadas nesse período, ameaçando a subsistência de seus habitantes. Enquanto a China restringia o comércio marítimo, o mundo ocidental expandia suas atividades comerciais no exterior.

⁷ A Rota da Seda foi uma antiga rede de vias comerciais, formalmente estabelecida durante a dinastia Han na China, que ligou as regiões do mundo antigo por meio do comércio entre 130 a.C. e 1453 d.C. Fonte: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-466/rota-da-seda/>. Acessado em 24 de abril de 2024.

Aproximadamente dois séculos depois, em 1888, após a restrição do comércio pelo império chinês, o tráfico de trabalhadores chineses para o Brasil começou de forma significativa, marcando o início da era do tráfico de *coolies* chineses do século XIX (entre 1888-1890).



Figura 2- coolies chineses no Panamá, séc. XIX. Fotografia. Fonte: Acervo da Fundação da Biblioteca Nacional.

O termo "*coolie*" historicamente se refere a trabalhadores asiáticos, principalmente da China e Índia, contratados para realizar trabalhos braçais em várias partes do mundo durante o século XIX e início do século XX. No entanto, é importante ressaltar que o termo tem uma conotação pejorativa e está associado a condições de trabalho exploratórias e desumanas

Minnaert (2015, p.109) identifica diversos fatores históricos que impulsionaram o tráfico de *coolies*: desastres naturais, uma população chinesa empobrecida e fragilizada por guerras, a proibição da escravidão de povos do continente africano e a necessidade de mão de obra nas colônias europeias. "Falsas promessas, enganos, sequestros e violência eram táticas comuns para aumentar o número de trabalhadores

contratados" (Minnaert, 2015, p.113). Embora as condições de trabalho dos *coolies* fossem semelhantes às dos escravizados africanos, muitos chineses viam a oportunidade de uma vida melhor e embarcavam para o continente americano e as colônias europeias com base em contratos de trabalho. Os principais pontos de partida eram os portos de Hong Kong e Macau, controlados por europeus.

2.1. Ondas migratórias: do tráfico de *coolies* à abertura econômica

O *coolies* foram os principais componentes do primeiro fluxo migratório chinês para o mundo e, nesse contexto, foram também designados como "Perigo Amarelo" sob a leitura dos nativos. A chegada dos *coolies* em terras estrangeiras foi marcada por conflitos raciais e discriminação cultural. Conforme Bueno (2022), devido à sua inserção forçada nas sociedades, os trabalhadores de origem asiática eram considerados ameaças indesejáveis para o mercado de trabalho dessas regiões, sobretudo em países do Novo Mundo em fase de desenvolvimento. Nesta perspectiva destacamos a retrospectiva histórica deste tipo de conflito para a contextualização do pensamento sobre a relação étnica entre os imigrantes chineses, seus descendentes e os demais indivíduos presentes no território migratório atual.

Território migratório é um termo que se refere a uma região geográfica na qual ocorre um fluxo significativo de entrada e saída de migrantes, seja em caráter temporário ou permanente. O conceito de "território migratório" é frequentemente associado ao trabalho de vários geógrafos e sociólogos que estudaram as migrações populacionais, estudos que tiveram avanços importantes a partir do século XIX, mas não há um consenso claro sobre quem foi o primeiro a usar esse termo específico. Esse território é caracterizado pela dinâmica migratória, pela presença frequente de movimentos populacionais, seja de origem interna ou externa, devido a fatores como trabalho, estudos, busca de refúgio ou asilo, entre outros motivos. A retrospectiva histórica da imigração chinesa será fundamental para o estudo da relação étnica entre imigrantes e demais pessoas que compartilham de um território migratório no século XXI.

A migração contemporânea chinesa, considerada como o segundo fluxo migratório, possui um aspecto mais estável e autônomo contrastando com o primeiro

fluxo migratório marcado pelo tráfico dos *coolies*. Refugiados descendentes de chineses das regiões do Sudoeste da Ásia, durante as guerras da Indochina (1947 e 1979), partiram com destino à América do Norte, Europa e Austrália, regiões em que havia necessidade de trabalhadores após o período da Segunda Guerra Mundial (Minnaert, 2015, p.123). Na época do estabelecimento da República Popular da China, o governo comunista assumiu a postura de um intenso controle de mobilidade humana para fora da república recém-inaugurada. Houve restrição à saída de chineses do país e cruzamento de fronteiras.

Durante a revolução cultural do governo comunista a migração tornou-se um fenômeno praticamente inexistente. Somente em 1978, o líder do partido Deng Xiaoping, aderiu a uma política de abertura de mercado para o mundo ocidental e, devido às relações comerciais internacionais, a China foi retirada do isolamento, assim como os chineses. De 1979 a 1991, cerca de 950.704 estudantes partiram da China. No início do século XXI, a China passou a fazer parte da Organização Mundial de Comércio e do mercado da globalização de produção.

A dinâmica comercial chinesa com o exterior, a partir do século XX, acelerou o fluxo de chineses para fora do país. A composição deste fluxo mudou e os imigrantes passaram a ser empreendedores, técnicos, empresários, ou seja, imigrantes, em sua maioria, qualificados para ocupar postos de trabalho melhores. Em paralelo à imigração de chineses qualificados, a imigração ilegal também aumentou nas últimas décadas do século XXI, e atualmente, representa o tipo de mobilidade de grande parte dos chineses no exterior. De acordo com Bueno (2022), imigrantes sem documentos estabeleceram redes de contrabando para manter o fluxo de mão de obra ilegal para países estrangeiros.

As redes de contrabando, conforme descritas por André Bueno (2022), referem-se a organizações ou grupos informais que facilitam a entrada ilegal de imigrantes em países estrangeiros, especialmente quando esses imigrantes não possuem os documentos legais necessários para entrar legalmente nesses países. Essas redes operam de maneira clandestina e muitas vezes envolvem uma série de atividades ilícitas para contornar os controles fronteiriços e de imigração. Essas redes desempenham um papel significativo na facilitação da travessia ilegal de imigrantes através das fronteiras, operando de forma clandestina para contornar os controles oficiais de imigração.

Uma das principais atividades dessas redes é coordenar e facilitar o transporte ilegal de pessoas por terra, mar ou ar, muitas vezes utilizando rotas pouco patrulhadas ou clandestinas. Essa facilitação da travessia ilegal permite que imigrantes sem documentos entrem em países estrangeiros de maneira não autorizada, evitando os procedimentos legais de imigração. Além da facilitação da travessia, as redes de contrabando frequentemente fornecem documentos falsificados aos imigrantes que desejam entrar ilegalmente em um país estrangeiro. Esses documentos, como passaportes falsos ou vistos adulterados, são utilizados para enganar as autoridades de imigração e facilitar a entrada ilegal dos imigrantes nos países de destino.

Durante a jornada dos imigrantes, as redes de contrabando também oferecem serviços de alojamento seguro e apoio logístico. Isso inclui o fornecimento de abrigos temporários, transporte local e orientação sobre como evitar a detecção pelas autoridades. Esses serviços são essenciais para garantir o sucesso da travessia e minimizar os riscos enfrentados pelos imigrantes durante sua jornada ilegal. No Brasil, muitos desses imigrantes entram por vias terrestres através das fronteiras com o Paraguai e a Bolívia. As cidades de fronteira, como Foz do Iguaçu (PR) e Corumbá (MS) são pontos de entrada conhecidos.

Segundo operação da Polícia Federal realizada em 2012, publicada em matéria do Estadão⁸ relatou a prisão de quatro brasileiros pela polícia americana em março daquele ano e que levou as autoridades brasileiras a descobrirem uma nova rota de entrada de chineses ilegais no Brasil e nos Estados Unidos, pelo Pará. Os brasileiros detidos transportavam 33 imigrantes ilegais de barco, que se lançaram ao mar com a chegada da Guarda Costeira.

Avisada, a Polícia Federal iniciou uma investigação sigilosa e descobriu que muitos dos clandestinos obtiveram vistos falsos no Suriname para entrar no Brasil. Mais 12 chineses foram presos perto de Soure, no litoral paraense. Esta é a primeira vez que a PF detecta a entrada ilegal de chineses pelo Norte, anteriormente restrita ao Sul e Sudeste.

Ainda de acordo com a matéria do Estadão, o superintendente da PF em Belém, Geraldo Araújo, afirmou que a imigração ilegal de chineses aumentou recentemente. Com os detidos, a polícia apreendeu mais de duas toneladas de alho

⁸ Pará é rota de entrada de chineses ilegais. Link: <https://www.estadao.com.br/brasil/para-e-rota-de-entrada-de-chineses-ilegais/>. Acesso em 20 de março de 2024.

chinês. As investigações indicam que os chineses escolheram a rota pelo Norte devido à fiscalização mais frouxa e para evitar extorsão de máfias chinesas. Eles viajam clandestinamente da China, cruzam a Mongólia, Rússia, Europa e África, até chegarem ao Suriname.

“Ao chegar nas proximidades da Costa Rica, o barco foi abordado pela Guarda Costeira dos Estados Unidos. Os quatro brasileiros foram presos, e os imigrantes clandestinos se jogaram ao mar. A PF não soube informar se eles foram ou não resgatados. A partir daí, a PF começou a monitorar a entrada de barcos e aviões procedentes do Suriname, prendendo em um só dia, num voo de Paramaribo para Belém, nove chineses clandestinos. Todos os vistos de entrada no Brasil eram falsos”. (Pará é rota de entrada de chineses ilegais, matéria do Estadão publicada em 03 de março de 2012).

A partir disso, a PF começou a monitorar a entrada de barcos e aviões do Suriname, prendendo nove chineses com vistos falsos em um voo de Paramaribo para Belém. Na semana passada, foram presos mais 12 chineses com uma carga de alho em um barco vindo do Caribe. Os investigadores acreditam que o contrabando financia a obtenção de documentos falsos. Além de alho, os chineses transportavam uísque e sucata de bateria de carro.

É importante destacar que as redes de contrabando cobram altas taxas dos imigrantes em troca dos serviços prestados. Essas taxas podem variar dependendo da distância percorrida, do grau de risco envolvido na travessia e do destino dos imigrantes. A cobrança de taxas elevadas é uma fonte significativa de lucro para as organizações envolvidas no contrabando de imigrantes.

2.2. Movimentos migratórios no território chinês

A República Popular da China abrange uma vasta área territorial de aproximadamente 9,6 milhões de quilômetros quadrados⁹, consolidando sua posição como o maior país da Ásia e o terceiro maior do mundo, logo após a Rússia e o Canadá. Este vasto território é marcado por uma diversidade geográfica e climática notável, que varia desde as vastas planícies do leste até as montanhas e planaltos do oeste. No contexto marítimo, a China continental é banhada por cinco mares: o Mar

⁹ Conheça melhor a geografia da China e suas províncias. Link: <https://ibrachina.com.br/conheca-melhor-a-geografia-da-china-e-suas-provincias/#:~:text=O%20territ%C3%B3rio%20chin%C3%AAs%20possui%2034,equivalentes%20aos%20estados%20no%20Brasil>. Acesso em 20 de fevereiro de 2024.

de Bohai, o Mar Amarelo (ou Mar do Sul da China Oriental), o Mar Oriental da China (ou Mar do Leste), e o Mar Meridional da China (ou Mar da China Meridional). Além disso, o país possui mais de 5.000 ilhas, com uma área total de aproximadamente 80 mil quilômetros quadrados, sendo a maior delas Taiwan, com 35,8 mil quilômetros quadrados.



Figura 3 - Mapa da República Popular da China. Fonte: Portal Ibrachina.

A República Popular da China abrange uma vasta área territorial de aproximadamente 9,6 milhões de quilômetros quadrados¹⁰, consolidando sua posição como o maior país da Ásia e o terceiro maior do mundo, logo após a Rússia e o Canadá. Este vasto território é marcado por uma diversidade geográfica e climática notável, que varia desde as vastas planícies do leste até as montanhas e planaltos do

¹⁰ Conheça melhor a geografia da China e suas províncias. Link: <https://ibrachina.com.br/conheca-melhor-a-geografia-da-china-e-suas-provincias/#:~:text=O%20territ%C3%B3rio%20chin%C3%AAs%20possui%2034,equivalentes%20aos%20estados%20no%20Brasil>. Acesso em 20 de fevereiro de 2024.

oeste. No contexto marítimo, a China continental é banhada por cinco mares: o Mar de Bohai, o Mar Amarelo (ou Mar do Sul da China Oriental), o Mar Oriental da China (ou Mar do Leste), e o Mar Meridional da China (ou Mar da China Meridional). Além disso, o país possui mais de 5.000 ilhas, com uma área total de aproximadamente 80 mil quilômetros quadrados, sendo a maior delas Taiwan, com 35,8 mil quilômetros quadrados.

A China também é reconhecida por ter a maior fronteira terrestre do mundo, estendendo-se por cerca de 22,8 mil quilômetros e fazendo fronteira com 14 países distintos. A Leste, a China compartilha fronteiras com a República Popular Democrática da Coreia; ao norte, com a Mongólia; ao nordeste, com a Rússia; ao noroeste, com o Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão; ao sudoeste, com o Afeganistão, Paquistão, Índia, Nepal e Butão; e ao sul, com Myanmar, Laos e Vietnã. Adicionalmente, por meio de suas águas territoriais, a China tem fronteiras marítimas com o Japão, as Filipinas, a Malásia, a Indonésia e Brunei. Abaixo, mapa da China:

A divisão administrativa da China reflete sua vastidão e diversidade étnica. O país é habitado por 56 diferentes grupos étnicos, e sua organização política considera essa diversidade. De acordo com a Constituição chinesa, a China é administrativamente estruturada da seguinte forma: províncias, regiões autônomas e municípios centrais; prefeituras autônomas, distritos, distritos autônomos e cidades subordinadas aos municípios; condados, condados étnicos e vilas. Cada região, prefeitura e distrito autônomos são administrados pelas respectivas minorias étnicas. O território chinês é composto por 34 divisões administrativas, incluindo 23 províncias, 5 regiões autônomas, 4 municípios centrais e 2 regiões administrativas especiais.

Em termos comparativos com o Brasil, as províncias e regiões autônomas seriam equivalentes aos estados, enquanto os municípios centrais são grandes cidades com administração semelhante ao Distrito Federal brasileiro. As regiões administrativas especiais representam áreas que, devido a acordos históricos, foram anteriormente colônias de outros países e posteriormente reintegradas à China no século XX. Entre os 4 municípios centrais da China, estão Pequim (capital do país), Xangai, Tianjin e Chongqing, que desempenham um papel fundamental no cenário político, econômico e cultural do país.

Hong Kong e Macau são as duas regiões administrativas especiais da China. Hong Kong foi devolvida à soberania chinesa em 1º de julho de 1997, após ter sido

uma colônia britânica desde 1842. Macau, juntamente com as ilhas Taipa e Coloane, foi reintegrada à China em 20 de dezembro de 1999, encerrando seu status de colônia portuguesa que datava desde 1535. Os movimentos migratórios dentro do próprio país se intensificaram nos últimos anos. A rapidez da construção civil e o crescimento da oferta de trabalho nos perímetros urbanos chineses, ocasionaram, nos últimos vinte anos, uma intensa migração de chineses do campo para áreas urbanizadas.

O professor chinês, Kam Wing Chan, referência nos estudos sobre urbanização e migração na China contemporânea, tratou deste assunto em várias de suas obras, incluindo *Urbanization with Chinese Characteristics: The Hukou System and Migration (English Edition, 2018)*. Segundo os estudos de Kam Wing Chan (2018), uma das formas mais proeminentes de migração interna na China é a migração rural-urbana, na qual milhões de pessoas deixam áreas rurais em busca de melhores oportunidades de emprego, educação e qualidade de vida nas cidades.

Os migrantes rurais frequentemente encontram emprego nos setores de construção civil, manufatura, serviços e comércio nas áreas urbanas, contribuindo para o crescimento e dinamismo das cidades. De acordo com Kam Wing Chan (2018), o movimento migratório dentro da China, de uma região para outra, representa um fenômeno multifacetado e de grande magnitude, influenciado por uma combinação complexa de fatores econômicos, sociais, políticos e demográficos. Este fluxo migratório interno desempenha um papel fundamental na dinâmica socioeconômica do país e tem implicações significativas para a economia, a demografia e o desenvolvimento regional.

Segundo *Embury-Dennis (2017)*, na ocasião do ano novo chinês de 2017, 130 milhões de chineses viajaram em retorno a suas localidades de origem sendo a maior migração de seres humanos já registrada do mundo. Trazemos estes dados para este estudo com o objetivo de ilustrar a dinâmica de deslocamentos dos chineses e contextualizarmos a história da imigração chinesa pelo mundo.

Em síntese, as reflexões apresentadas sobre a migração rural-urbana na China contemporânea destacam a importância de compreendermos os complexos mecanismos que impulsionam esses deslocamentos populacionais. Ao evidenciar a influência de diversos fatores socioeconômicos, políticos e demográficos nesse fenômeno, somos levados a reconhecer não apenas seu impacto local, mas também suas ramificações globais. Através dessa análise, somos convidados a refletir não

apenas sobre a dinâmica das cidades chinesas, mas também sobre questões mais amplas relacionadas à migração e à urbanização em escala internacional. Assim, a compreensão desses movimentos populacionais não apenas enriquece nosso conhecimento sobre a China contemporânea, mas também nos instiga a explorar e abordar desafios socioeconômicos globais que permeiam a realidade urbana em todo o mundo.

2.3.A construção do imaginário sobre a China no Brasil: entre migrações e missões

Os primeiros imigrantes chineses no Brasil chegaram no período em que ainda éramos colônia de Portugal (século XIX) e que envolveu conflitos étnico-raciais entre imigrantes chineses e os moradores do Rio de Janeiro (RJ) local do porto marítimo de desembarque dos primeiros trabalhadores chineses no Brasil. Havia discriminação cultural e o pensamento de que os chineses eram ameaça para a formação do estado-nação brasileiro (Clayton, 2010, p.188). O porto no Brasil que recebeu os primeiros trabalhadores chineses no século XIX foi o porto do Rio de Janeiro.

Em 1812, um grupo de aproximadamente 300 trabalhadores chineses foi trazido ao Brasil para trabalhar nas plantações de café. Eles foram recrutados por comerciantes portugueses que atuavam na China, visando suprir a demanda por mão de obra após a proibição do tráfico de escravos africanos. Esses trabalhadores chineses foram contratados sob um sistema de contrato de servidão por um período determinado de trabalho nas fazendas de café. Essa iniciativa representou um dos primeiros registros significativos da chegada de chineses ao Brasil e à América Latina.

Segundo os estudos de Chen e Liu (2015) durante os anos de 1855 até 1858, a mão de obra principal da construção da ferrovia no Brasil era a força de trabalho dos chineses trazidos para a construção da estrada de ferro, D. Pedro II, que, posteriormente, recebeu o nome de Estrada de Ferro Central do Brasil em 1889. Milhares de chineses perderam a vida devido a doenças tropicais, como por exemplo a Malária. Cerca de cinco mil chineses morreram, segundo Chen e Liu (2015) durante a construção dessa ferrovia, e seus corpos foram queimados naquela localidade que, anos depois, passou a ser a cidade de “Queimados”, município do Rio de Janeiro.

Esta seria uma das teorias acerca da origem do nome de “Queimados”, uma “homenagem” a esses trabalhadores, segundo informações do *site* da Prefeitura de Queimados (RJ).



Figura 4- Aquarela de Johann Moritz Rugendas dos chineses plantando chá no Rio de Janeiro. O Brasil foi o primeiro país no Ocidente a receber uma colônia oficial de chineses. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

Em junho de 1855, o governo brasileiro e a companhia *Sampson & Tappan*, de Boston, celebraram um contrato para a importação de dois mil chineses, o que ocorreria num período de dezoito meses. Desse total, somente 368 chineses desembarcaram no Brasil após a finalização das negociações com o governo chinês, sendo distribuídos entre os fazendeiros que inicialmente estavam entusiasmados pela expectativa da mão de obra de pouco custo. Estes trabalhadores vinham de Macau,

local marcado por simbologias romantizadas da relação entre os chineses e os portugueses.



Figura 5 - Visão chinesa sobre o destino dos culis no livro A China e os chins. [Lisboa, 1888, p.344-345]. Imagem capturada na Biblioteca Nacional de Portugal. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

No entanto, era no Porto de Macau que os *coolies* eram abusados, enganados e vendidos durante os anos previstos nos seus contratos de trabalho. Tempos depois deste desembarque de chineses, surgiram inúmeras desavenças entre empregados

e padrões. Diferenças culturais e a barreira linguística agravavam a situação. Abaixo um registro do pedido de um intérprete feito trabalhadores chineses aos patrões.

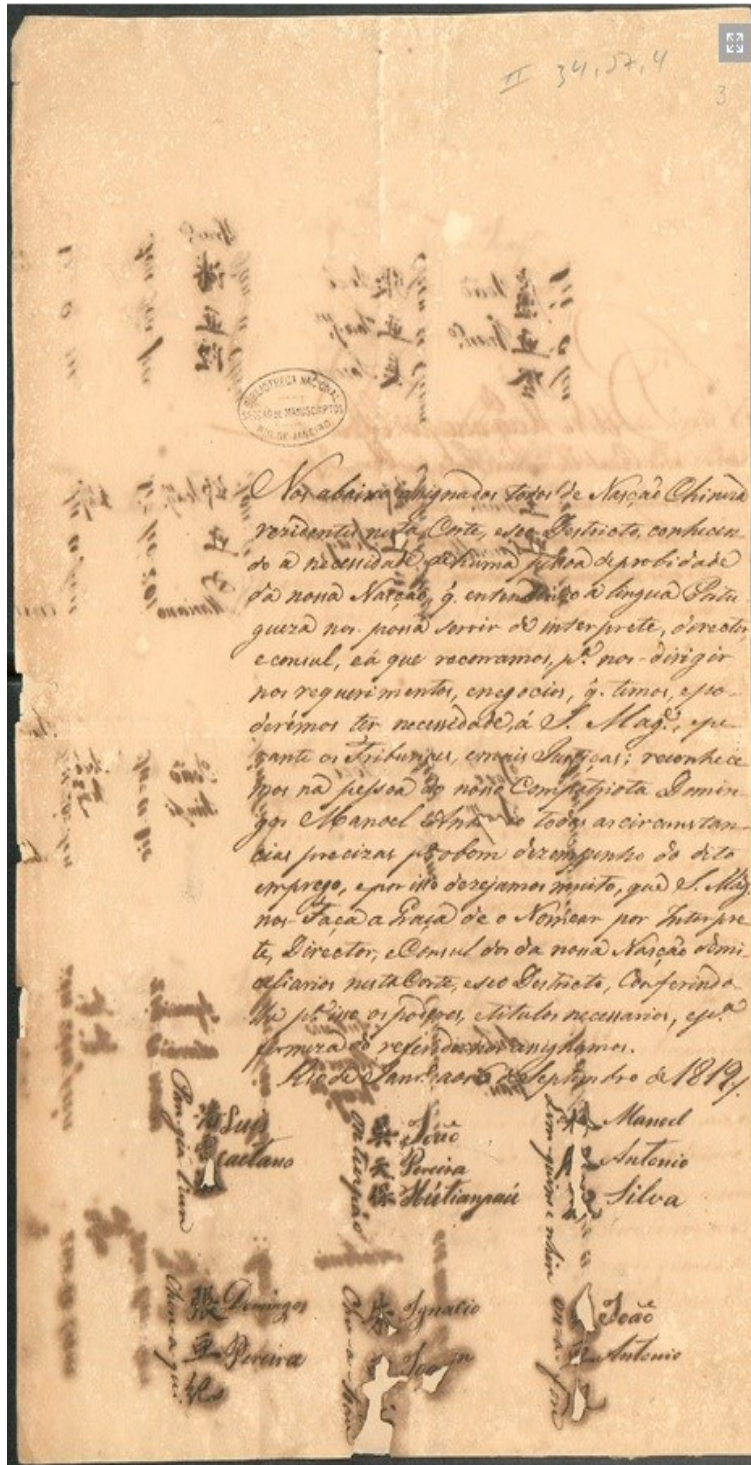


Figura 6 - Documento raro que registra o pedido, feito pelos colonos chineses, que plantavam chá, para disporem de um intérprete. Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

Os trabalhadores chineses foram acusados de indisposição e demora na execução das tarefas das lavouras, situação que culminou em rebeliões e castigos corporais. Havia um estereótipo do trabalhador chinês nesta época (1850-1860), que está registrado na literatura sobre o tema: raça inferior, de hábitos extravagantes, feios fisicamente, deselegantes no vestir e de linguagem pouco “eufônica”, melodiosa, afirma Bueno (2022). Há registros de que, em São Paulo, neste período (segunda metade do século XIX), ocorria a venda de *coolies*.

Esse contexto, aliado às condições precárias e trabalho análogo a escravidão, levou a conflitos e tensões entre os imigrantes chineses e os fazendeiros brasileiros, além de gerar desentendimentos diplomáticos entre o Brasil e a China. Em 1860, o governo chinês exigiu que o Brasil encerrasse o acordo e enviasse os chineses de volta à China. Isso resultou no fim abrupto do contrato e no retorno da grande maioria dos imigrantes chineses ao seu país de origem. O incidente marcou a chamada “Questão Chinesa” no contexto da história brasileira, destacando as dificuldades e desafios associados à tentativa de introdução de mão de obra estrangeira no país naquela época.

O problema central da “Questão Chinesa” no Brasil império era também resultado do pouco conhecimento da população e dos intelectuais brasileiros sobre a China e a sua cultura, pois, as informações eram todas de segunda mão. O Orientalismo tocava os imaginários do brasileiro em relação aos chineses. Segundo Bueno (2022) em geral, as pessoas tinham curiosidade ou detestavam os chineses e não se sabia exatamente o motivo deste fenômeno.

Estereótipos e fantasias eram a base do imaginário brasileiro durante o Brasil império que construía um Orientalismo de matizes nativas com elementos do Orientalismo e elementos crioulos, que remetem a processos de miscigenação cultural e étnica denominado por Bueno (2022) de “Orientalismo crioulo”.

Havia o mito da “harmonia das três raças” - portuguesa, indígena e africana – que teria resultado na formação da sociedade brasileira. Esta leitura aparece, por exemplo, na poesia indigenista de Gonçalves Dias. “Por outro lado, a escravidão dos afro-brasileiros, a imposição do catolicismo, com a exclusão de toda diversidade cultural, e os anseios eugenistas revelavam as contradições de nossa sociedade” (Bueno, 2022).



Figura 7 - Imagem da Revista Illustrada criticando a vinda dos chineses [1878, n.120, p. 8]. A revista pode ser consultada no portal da Hemeroteca da BN. Fonte: Acervo da Fundação da Biblioteca Nacional

Exemplo de oposição a vinda dos chineses para o Brasil, Luiz Peixoto de Lacerda Werneck, filho do Barão de Pati do Alferes e destacado cafeicultor na região fluminense, expressou suas opiniões sobre colonização por meio de editoriais no *Jornal do Comércio*, os quais foram posteriormente compilados no livro “*Ideias sobre Colonização*”, publicado em 1855. Com formação acadêmica em direito pela Academia de Paris e pela Universidade de Roma, Lacerda Werneck foi o mais veemente opositor da imigração chinesa antes de 1870.



Figura 8- Imagem da Revista *Illustrada*, A 'ameaça a lavoura', representada como a moça intimidada [1879, n.175, p.4] Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

Para Werneck, os chineses eram considerados uma “raça inteiramente avessa aos pensamentos, às ideias de melhoramento e progresso” (Werneck 1855, p. 77), refletindo uma visão eurocêntrica e preconceituosa sobre a cultura e a capacidade de desenvolvimento da China. Suas opiniões influenciaram profundamente o debate em torno da imigração chinesa no Brasil antes de 1870, contribuindo para uma narrativa negativa e estereotipada sobre os chineses como imigrantes potenciais.

Os estudantes da “Questão Chinesa” passaram a se preocupar em conhecer mais sobre a Ásia, mas, até aquele momento (segunda metade do XIX), isso se dava por via de conhecimento secundária. Havia uma curiosidade, fascínio pelo exótico, um certo “mistério oriental” sob os imaginários dessas civilizações milenares. O imperador, Dom Pedro II, erudito e poliglota, dedicava boa parte de seu tempo fazendo traduções da literatura oriental e, por causa dessa dedicação, foi considerado um orientalista e classicista notável de sua época. O imperador viajou para o Oriente Médio onde recolheu objetos antigos, além de produzir um importante acervo de fotografias, contribuições citadas nos trabalhos de Bergonha Berdiaga (1999) e Roberto Khatlab (2015). Outro exemplo que podemos trazer para ilustrar a criação de imagens orientalistas, no imaginário da época, foi a ida ao Egito de José Abreu, o Barão de Marajó, que chegou a comparar o rio Amazonas ao rio Nilo.

As opiniões sobre as controvérsias da “Questão Chinesa” eram muitas e, nesse ínterim, o cientista Francisco Almeida realizou, na segunda metade do século XIX, às próprias custas, uma rápida passagem pela China.

A viagem do cientista teve como fruto o livro “Da França ao Japão: narração de viagem e descrição histórica, usos e costumes dos habitantes da China, Japão e de outros países da Ásia” (1879). Francisco de Almeida (1879) fez uma tecitura do quadro sobre as culturas que encontrou pelo caminho durante a longa viagem. O relato de Francisco Almeida proporcionou pela primeira vez uma leitura da cultura chinesa a partir das referências de um brasileiro motivo da importância desta obra no contexto das relações diplomáticas entre Brasil e China. O cientista agradeceu-se do Japão pela abertura desta nação a ocidentalização, mas detestou os chineses por suas ressalvas quanto a admitir a potente influência cultural europeia. O que se passava no Extremo Oriente era algo ignorado pelo brasileiro médio até 1878.

A jornada empreendida por Francisco Antônio de Almeida, em 1874, representou um marco significativo na interação entre o Brasil e diversas sociedades ao redor do mundo. Essa viagem é reconhecida pela historiografia como o primeiro contato direto de um brasileiro com o Japão, que foi o destino desse percurso fascinante. Esse encontro histórico abriu novos horizontes culturais e estimulou o intercâmbio entre o Brasil e os países visitados contribuindo para uma compreensão mais ampla e profunda das relações entre esses países e suas respectivas culturas.

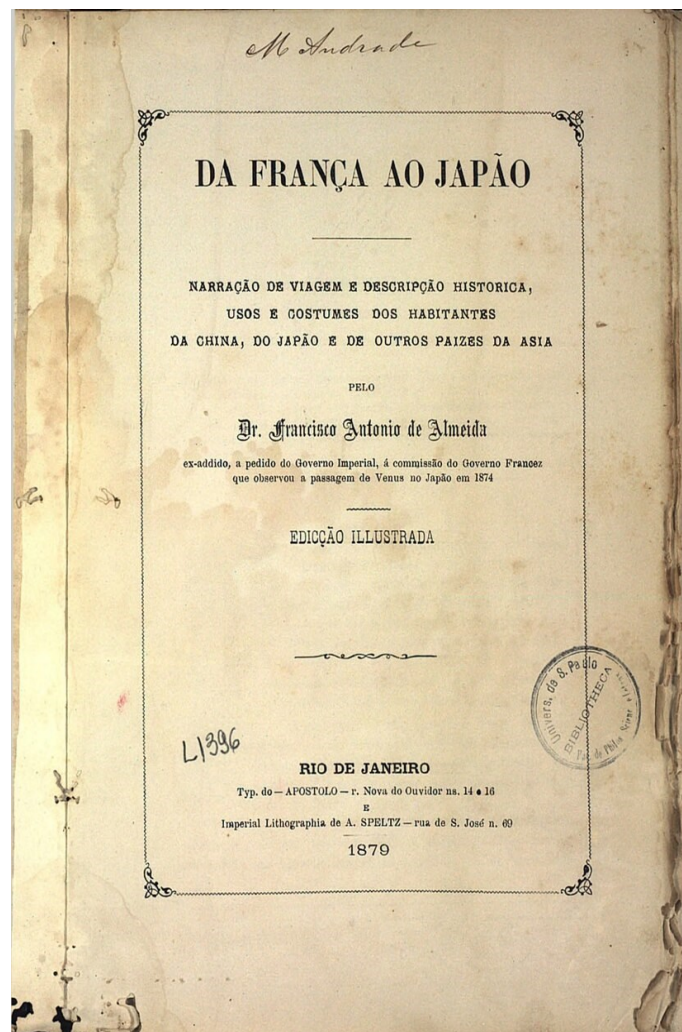


Figura 9 - Capa do livro Da França ao Japão, editado pouco antes da Missão brasileira ser aprovada. Imagem capturada do Wikimedia Commons

Neste contexto, o Brasil decidiu investir mais nas relações diplomáticas e comerciais oficiais com a Dinastia Qing (1644-1911) e produzir o registro dessa

travessia com o intuito de obter sucesso nas negociações sobre a vinda de trabalhadores chineses. Após intensos debates na câmara, o ministro da pasta de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, João Sinimbu, conseguiu a aprovação da missão para a China em 1879. A viagem planejada incluía uma parada na Europa para encontrar um intérprete, já que nenhum estava disponível no Brasil. A missão foi liderada por Eduardo Callado e Artur Silveira da Mota, sendo a primeira circum-navegação realizada por brasileiros, um feito comemorado. Durante o percurso, ocorreram problemas técnicos e transtornos. O encontro com as autoridades chinesas enfrentou dificuldades de negociação.

O império Qing, embora não estivesse nas melhores condições econômicas, resistia a imposições e ameaças externas. As autoridades brasileiras tentavam um acordo vantajoso para o império. Por fim, houve um acordo entre as duas visões dessas nações e ficou decidido que os chineses que quisessem migrar para o Brasil estariam, a partir do acordo, liberados para assim procederem. Em 1880, o Império do Brasil enviou à China o diplomata, Henrique Carlos Ribeiro Lisboa, secretário de missão especial encarregado de produzir um registro detalhado de suas impressões da viagem. As impressões produzidas pelo diplomata abordaram aspectos considerados como curiosos ou interessantes pelo autor. Nesta época, os mitos e as superstições influenciavam a leitura do Ocidente em relação ao denominado Extremo Oriente. A visão produzida pelo secretário em missão especial desenhava a China e os chineses como nação e povo respeitáveis, com quem se poderia estabelecer benéficas parcerias comerciais e políticas.

Com a retomada das discussões sobre as políticas migratórias, não só de asiáticos, mas também de europeus, no final do século XIX, temos um debate sobre a imigração de pessoas oriundas do Leste Asiático que, em linhas gerais, vai tratar a raça amarela como degenerante. Para Oliveira Viana (1994, p. 209), sociólogo brasileiro, “Os asiáticos são como o enxofre: insolúvel”. Para ele “É este justamente o ponto mais delicado do seu problema imigratório, aqui como em qualquer outro ponto do globo”. Na visão do autor, os japoneses eram “insolúveis como enxofre”, incapazes de se integrarem e de serem compreendidos e, caso essa integração acontecesse, seria causa da degeneração da população brasileira. Havia também defensores, dentre estes ambivalentes, pois defendiam a vinda dos trabalhadores do leste asiático, defendiam também que a permanência fosse temporária e de todo o modo, mesmo

os defensores estavam pautados pelos argumentos de hierarquia de raças amparada no racismo científico.

Entre os apoiadores dessa causa estava o político liberal Aureliano Cândido Tavares Bastos, um dos fundadores da Sociedade Internacional de Imigração. Bastos, abolicionista e defensor da imigração espontânea, inicialmente apoiou a imigração chinesa, mas posteriormente mudou sua posição. Ele passou a criticar a mão de obra *coolie*, considerando-a uma forma disfarçada de escravidão e uma ameaça à composição da nação desejada (Lesser 2001, p. 46). Essa mudança de posição reflete as complexidades e controvérsias envolvidas na discussão sobre imigração e trabalho no Brasil do século XIX. Quintino Bocaiúva escreveu, em 1868, um ensaio intitulado “A Crise da Lavoura”, no qual defendia a restauração da agricultura por meio da contratação de trabalhadores *coolies* e implementação de medidas auxiliares, como técnicas agrícolas avançadas, manejo do solo, impostos sobre terras não cultivadas e crédito rural. Bocaiúva estava bem informado sobre as questões relacionadas à imigração e seus desafios e ainda considerava que a agricultura brasileira estava prestes a passar por uma profunda crise devido à falta de mão de obra. Ele foi um dos fundadores da Imperial Sociedade de Imigração em 1866, apoiando a ideia de trazer famílias de fazendeiros sulistas escravocratas dos Estados Unidos, que estavam insatisfeitas com a recente abolição da escravidão no país. No mesmo ano, Bocaiúva foi para Nova York, onde atuou como agente de imigração até 1867. Segundo o autor, a produção do ensaio foi incentivada pelo Conselheiro Dantas, então ministro da agricultura, com quem ele discutiu sobre questões de imigração (Bocaiúva e Moreira 1870, p. 264).

Esses esforços demonstram como intelectuais e agentes políticos influentes colaboraram para promover a imigração e buscar soluções para os desafios enfrentados pela agricultura brasileira na época. “A China e os chins”, publicação de 1888, de autoria de Henrique Lisboa, é tida como um marco dos estudos chineses no Brasil, obra disponível na Biblioteca Nacional e que serviu de base, em vários momentos, para a construção genealógica do percurso das relações entre China e Brasil neste trabalho.

2.4. Orientalismo

O Orientalismo, conforme escreveu Edward Said (2007) é uma escola de interpretação em que o material a ser interpretado é o Oriente, seus povos, civilizações e localidades. As descobertas destas interpretações foram transmitidas e incorporadas na linguagem na forma de metáforas, metonímias e antropomorfismos.

[...] em suma, uma soma de relações humanas que foram realizadas, transportadas e embelezadas poética e retoricamente, e que depois de um longo uso parecem firmes, canônicas e obrigatórias a um povo: as verdades são ilusões, sobre as quais esquecemos que é isso que elas são” (Said, 2007, p. 276).

Edward Said (2007) argumenta que o Orientalismo não é apenas um campo de estudos acadêmicos ou um conjunto de conhecimentos sobre o Oriente, mas uma construção cultural e intelectual elaborada pelo Ocidente. Ele sustenta que as representações do Oriente, historicamente desenvolvidas por escritores, acadêmicos, artistas e políticos ocidentais, refletem não a realidade do Oriente, mas uma visão distorcida e muitas vezes estereotipada, criando uma noção homogênea e exótica do outro.

Nesse sentido, porém não de relação sinônima, o “Perigo Amarelo” seria um instrumento político, um mito com origem no final do século XIX, que foi impulsionado pelo imperador Guilherme II da Alemanha, que usou a frase “*die Gelbe Gefahr*” (o “Perigo Amarelo”) para defender especificamente os interesses alemães imperiais e justificar o colonialismo europeu na China. Neste período, circularam vários cartazes com a síntese do “Perigo Amarelo”, com reverberações também na cultura popular, por meio da imprensa sensacionalista. Não por acaso, a Alemanha mantinha interesses coloniais na China. No final do século XIX, Japão e, principalmente, China, eram vistos por países ocidentais como uma ameaça bélica, além dos aspectos culturais conflitantes com o Ocidente.

A construção e disseminação da ideia do “Perigo Amarelo” se deu a partir de distintas características e situações históricas. A China era vista como uma ameaça por conta de sua história milenar, seu tamanho e proeminência na Ásia. O Japão, por exemplo, teve sua ameaça constituída, em parte, devido à vitória sobre a Rússia, na Guerra Russo Japonesa (1904-1905). Tal feito marcou fortemente o imaginário

ocidental na construção do que se entende como Orientalismo e “Perigo Amarelo” (que não são a mesma coisa¹¹). O episódio fortaleceu o sentimento de ameaça pela ideia de um inimigo em comum (estereotipado), inimigo não branco e não cristão, que poderia ameaçar a hegemonia de sociedades ocidentais cristãs civilizadas.



Figura 10 - The Yellow Terror in all His Glory (1899) representa um rebelde chinês da dinastia Qing (1636–1912), armado até os dentes, montado em uma mulher branca caída que representa o colonialismo da Europa Ocidental. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Perigo_amarelo#/media/Ficheiro:Yellow Terror.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Perigo_amarelo#/media/Ficheiro:Yellow_Terror.jpg)

¹¹ O mito do Perigo Amarelo é um instrumento político, cujas origens remontam a uma tradição de obras e crenças similar – porém não sinônima – à ideologia orientalista que Edward Said descreve em seu livro *Orientalismo* (1978).

A “ameaça amarela” viria do Leste Asiático (China, Coreia do Sul, Coreia do Norte, Japão, Mongólia, Taiwan, Territórios Hong Kong, Macau) contra o povo cristão civilizado. Na perspectiva trazida por essa visão estereotipada, o “Perigo Amarelo” possuía características extremamente mutáveis, que dependiam de uma conjuntura política. Essa mutabilidade ocorria sempre de maneira a favorecer o Ocidente, atribuindo características negativas a um inimigo em comum e racializado. Para além de um imaginário negativado, é importante ressaltar que houve também uma importante interação cultural entre Brasil e China. O historiador de arte, José Umberto Teixeira Leite, sistematizou e catalogou, com ineditismo, as múltiplas e duradouras influências da nação antiga, China, exercidas sobre um jovem Brasil. Ele ressalta na obra, “A China no Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na arte e na sociedade do Brasil”, publicada em 1999, que foram influências profundas, desde os tempos iniciais da colonização e que continuaram sensíveis até o fim da primeira década do século XIX, momento em que começam a se diluir, sem esgotar-se de todo.



Figura 11- Dragão de luminária na Igreja do Pilar, Ouro Preto, com evidente influência chinesa. Nas artes, ela está presente, em especial, no barroco mineiro. Fonte: <https://outraspalavras.net/>



Figura 12 - Telhados em forma de pagode, Rio de Janeiro, 1818. Ilustração de Jean Baptiste Debret. Fonte: <https://revistaintertelas.com/>

Trazer essa herança para esta pesquisa tem o objetivo de enfatizarmos a fecundidade das relações, trocas afetivas e possibilidades que se estabelecem no ato relacional entre os indivíduos durante um período determinado da história de um país. Embora os imaginários em relação aos chineses trouxessem uma ambiguidade de características positivas e negativas, restou materializada esta relação em monumentos históricos, obras de artes e artefatos. De acordo com Leite (1999), os chinesismos ou chinesices¹², foram identificados em templos e edifícios religiosos, na arquitetura civil de vários Estados brasileiros como: Paraíba, Alagoas, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e, com maior frequência, em Minas Gerais. Mobiliários, afrescos e desenhos, porcelanas, quadros e outros objetos do uso cotidiano estão nesta lista. Importante ressaltar que as atividades pelo vasto Império Marítimo Português, que uniu os portos brasileiros aos

¹²De acordo com Longobardi (2011) Chinesices (ou *chinoiseries*, termo francês usado desde pelo menos o século XVII) são estilos ornamentais europeus que se inspiram nas artes do Extremo Oriente. Amplamente difundido no território luso-brasileiro entre os séculos XVII e XIX, esse tipo de ornamentação é um desdobramento direto de sua popularidade na Europa Moderna.

africanos, indianos, malaios e chineses, por mais de três séculos, fez com que estas influências ultrapassassem as marcas identificadas pelos chinesismos, quando dimensionamos o grande fluxo de pessoas, ideias, mercadorias e costumes. O autor ainda adverte:

“note-se que não estamos tratando aqui de chinoiseries ou chinesices, China de fantasia ou de mentira, invenção de europeus que também tivemos em dado momento, porém de influência chinesa sobre o Brasil Colonial ou já de tempos do Império: sob tal aspecto quer-nos parecer que o Brasil constitui caso único no mundo ocidental”, (Leite, p.11. 1999).

Exemplo contemporâneo de produtos culturais que atuaram (e ainda atuam) na construção do imaginário brasileiro acerca da China, a novela da Rede Globo de Televisão “Negócio da China” estreou em 06 de outubro de 2008, e durou cerca de 136 capítulos. A trama girava em torno de um roubo milionário, realizado num cassino chinês, em que os milhões roubados foram parar no Brasil por meio de dois portugueses que estavam de mudança para o país.



Figura 13 - Publicidade de “Negócio da China” em que os atores puxam os olhos, imitando orientais. Fonte: reprodução/Twitter/@fefegwaa.

A introdução da telenovela no Brasil ocorreu em dezembro de 1951 e continua até os dias atuais, consolidando um vínculo duradouro com a identidade nacional, conforme Balbino (2016). Em países em desenvolvimento como o Brasil, a teledramaturgia desempenha uma função cultural que, em nações desenvolvidas, seria atribuída a meios culturais mais valorizados pela elite intelectual. No Brasil, país de economia emergente, a telenovela se tornou o produto cultural mais visível e amplamente acessível, refletindo o momento social do país e servindo de referência em uma sociedade em constante transformação. Isso levou muitos sociólogos a considerarem essa forma de representação artística para analisar o comportamento social.

Na trama, “Negócio da China”, os portugueses não sabiam que carregavam uma fortuna, que veio escondida em seus pertences por meio de um *pendrive* – objeto considerado inovação tecnológica na época da novela (2008). A máfia chinesa desembarca no Brasil atrás do conteúdo do *pendrive* e o enredo se desenvolve em meio a personagens chineses nada confiáveis envolvidos com a máfia e com o roubo, e o cotidiano de brasileiros no Rio de Janeiro.

Na teledramaturgia brasileira essa foi a única novela a abordar a cultura chinesa. Inclusive a Rede Globo foi acusada de apropriação cultural pela forma como construiu a narrativa e publicidade em torno do produto. Fato interessante é a ligação territorial na história entre China, Portugal e Brasil, em que, aliás, o herói desta história é um personagem português, interpretado pelo ator português, Ricardo Pereira.

Os caminhos “além-mar” que ligam a história entre Brasil, Portugal e China são muito antigos e nos remetem ao período em que fomos colônia de Portugal. Aliás, a expressão, “negócio da China” está associada, até os dias de hoje, a uma transação muito vantajosa. Uma das versões para a origem do termo está descrita no livro de etimologia, “A casa da mãe Joana” de Reinaldo Pimenta (2002), em que o autor afirma que as viagens de Marco Polo ao Oriente no século XIII, são responsáveis por divulgar a narrativa de que a China era uma terra de coisas mirabolantes, exóticas, atraindo a ambição de comerciantes. Fato é que os estereótipos permeiam os imaginários acerca dos chineses e as relações comerciais e afetivas entre culturas.

3. MICROAGRESSÃO RACIAL: SOBRE NOVAS MANIFESTAÇÕES DE RACISMO

Microagressões é termo cunhado pelo psiquiatra de Harvard, Chester Pierce, nos anos 1970, podem ser resumido, nas palavras de Derald Wing Sue, professor da Universidade Columbia, e que estuda a psicologia do racismo e do antirracismo, como “os insultos, as indignidades e as mensagens humilhantes passadas às pessoas não brancas por indivíduos que não têm consciência da natureza ofensiva de suas palavras ou ações”, podendo ser direcionadas a membros de qualquer grupo minorizado incluindo mulheres, imigrantes, pessoas com deficiências, pessoas negras, pessoas LGBTQIA+, entre outros grupos. Esta definição foi dada por Derald Wing Sue em artigo intitulado “Desmascarando microagressões raciais” publicado em 2009, pela American Psychological Association (APA).

Estudos realizados sobre o racismo contra negros nos Estados Unidos da América defendem que o tipo “antiquado”, em que o ódio racial explícito, direto e muitas vezes intencional, tem se transformado cada vez mais em uma forma sutil, indireta e muitas vezes disfarçada. A existência de estereótipos implícitos e que indicam que a nova forma de racismo é mais provável de ser evidente em americanos brancos bem-intencionados, que não sabem que possuem crenças e atitudes prejudiciais às pessoas de cor (Banaji, 2001; Banaji, Hardin, 1993; DeVos & Banaji, 2005).

Alguns estudiosos da área de psicologia da Universidade de Columbia (Derald Wing Sue, Jennifer Bucceri, Annie I. Lin, Kevin L. Nadal, and Gina C. Torino) preferem utilizar o termo “microagressão racial” para descreverem essa forma de racismo recorrente no cotidiano de pessoas negras. Por serem comuns e consideradas improváveis de causarem danos visíveis, esse tipo de racismo não é reconhecido o que resulta na negligência desse tipo de manifestação de preconceito racial (Solorzano, Ceja, & Yosso, 2000). A nova percepção da manifestação do racismo tem sido comparada ao “monóxido de carbono, invisível, mas potencialmente letal” (D. W. Sue & D. Sue, 2003; Tinsley-Jones, 2003, tradução nossa). Sue *et al.* (2009, p. 72), tradução nossa, definem microagressões raciais como:

“[...] breves e corriqueiras indignidades verbais, comportamentais e ambientais, intencionais ou não, que comunicam ofensas e insultos hostis, depreciativos ou negativos que potencialmente têm impacto psicológico prejudicial ou desagradável na pessoa ou grupo alvo”.

O grupo de estudiosos da área de psicologia da Universidade de Columbia (Derald Wing Sue, Jennifer Bucceri, Annie I. Lin, Kevin L. Nadal, and Gina C. Torino) definem em linhas gerais que, microagressões são como “breves e corriqueiras indignidades verbais, comportamentais e ambientais diárias, intencionais ou não, que comunicam ofensas e insultos raciais hostis, depreciativos ou negativos à pessoa ou grupo alvo” (SUE *et al*, 2007, p. 72-73, tradução nossa). Eles propuseram uma nova classificação de microagressões raciais que dividiram essas experiências em três tipos: microagressão, microinsulto e microinvalidação. Microagressões são atos de racismo explícito caracterizados principalmente por um ataque verbal ou não verbal destinado a ferir a vítima por meio de xingamentos, comportamento evitativo ou ainda discriminações propositais (Sue et al., 2007, p. 73). Este ato seria dentre as outras classificações propostas por Sue et al. (2007), o mais próximo de nossa compreensão do racismo antiquado e consciente, seria o equivalente a dizer a pessoas estrangeiras para voltarem para o seu país. O microinsulto e a microinvalidação, por outro lado, muitas vezes são cometidos involuntariamente pelo seu agente agressor, mas geram uma experiência negativa aos olhos do receptor (Wong, 2023).

Os microinsultos são comportamentos que “transmitem grosseria, insensibilidade ou humilham a identidade racial ou a herança de uma pessoa” (Sue et al., 2007, p. 73) tradução nossa¹³. “Por exemplo, quando um aluno negro é informado de que seus pais devem estar muito orgulhosos deles por participar em uma faculdade de prestígio, o palestrante pode sugerir que eles devem ter sido admitidos por meio de alguma ação afirmativa em vez de sua capacidade”.

Já as microinvalidações são comportamentos que “excluem, negam ou anulam os pensamentos, sentimentos ou realidade experiencial psicológica de uma pessoa de cor” (Sue et al., 2007, p. 73, tradução nossa¹⁴).

¹³ A microinsult is a behavioral action or verbal remark that conveys rudeness, insensitivity, or demeans a person’s racial identity or heritage. (Sue et al., 2009, p. 73).

¹⁴ Microinvalidations are actions that exclude, negate or nullify the psychological thoughts, feelings or experiential reality of a person of color. (Sue et al., 2009, p. 73).

Embora seja consensual que afro-americanos e latinos/hispano-americanos experimentam formas ostensivas e encobertas de preconceito e discriminação, os asiático-americanos são frequentemente vistos como uma minoria modelo que chegou a esta sociedade e vivencia poucas experiências de racismo (Wong & Halgin, 2006). Apesar da longa história documentada de racismo em relação aos asiático-americanos, tem sido dada pouca atenção ao preconceito e à discriminação dirigida contra eles (D. W. Sue & D. Sue, 2003). Uma razão pode ser que muitos americanos brancos tendem a dicotomizar questões raciais em termos de negros e brancos (Liang, Li, & Kim et al., 2004).

Diante desse cenário complexo, trazemos para o nosso trabalho estes estudos que são atualmente considerados pioneiros pela proposta de classificação e reflexão sobre novas formas de manifestação do racismo, advinda da psicologia, visto que compreendemos que no Brasil também está presente, de forma mais incisiva, a dicotomia das questões raciais entre negros e brancos, embora tenhamos o registro de xenofobia e racismo contra indígenas, imigrantes das mais diversas partes do mundo, dentre outras minorias.

A partir das concepções de microagressão, microinsulto e microinvalidação e a ideia de que a comunicação é um ato relacional buscaremos identificar no *corpus* de nossa pesquisa, a partir de uma análise dos textos/comentários, quais os temas que aparecem atrelados a esses atos direcionados aos chineses durante a pandemia.

Em relação as manifestações de racismo no Brasil, considero importante contextualizar estudos contemporâneos que conectam a modernidade e seus princípios ao colonialismo (Mbembe, 2014; Almeida, 2019). Nesse contexto, o ato de silenciar parece refletir um ambiente de negação e desumanização fomentado pelo racismo, um sistema opressor global. Tais estudos estão voltados para a manifestação do racismo contra os negros, e a partir disto, ponderamos que não trazemos essas informações com a intenção de comparação entre a manifestação de racismo contra os negros e as manifestações de sinofobia contra os chineses e seus descendentes durante a pandemia no Brasil.

Assim como nos estudos que resultaram no conceito de microagressões raciais (Sue et al., 2007) partiram da observação das manifestações de racismo nas formas sutis e frequentemente inadvertidas de discriminação e preconceito enfrentadas no cotidiano de afro-americanos, acredito que não poderíamos falar de xenofobia contra

uma raça e comunidade étnica em nosso país sem tocar nas manifestações de racismo contra os negros. Tanto os asiático-americanos e os sino-brasileiros quanto os afro-americanos e os negros brasileiros enfrentam formas de racismo sutil ou microagressões.

Enquanto os estereótipos e preconceitos direcionados aos asiáticos e seus descendentes podem se concentrar em ideias de “perpetuidade estrangeira” (como serem tratados como estrangeiros apesar de sua cidadania americana) ou exotificação (tratados como “diferentes” ou “não pertencentes”), os negros frequentemente enfrentam estereótipos negativos relacionados à criminalidade, inteligência ou comportamento.

Almeida (2019) argumenta que o racismo é uma peça fundamental na estruturação social, permeando dimensões econômicas e políticas. Ele se manifesta de forma normalizada em todos os aspectos da sociedade, inclusive no ambiente familiar, e não como um fenômeno patológico ou desordenado. O autor evita o termo “preconceito”, substituindo-o por racismo, pois acredita que descrever uma opressão estrutural e normalizada como preconceito confere um sentido psicologizante e individualista indevido. No Brasil, essa opressão teve suas raízes entre os anos de 1535 e 1888, período marcado pela dolorosa prática da escravização de indivíduos africanos. Durante esses séculos sombrios, as estratégias para sustentar o sistema escravocrata eram cruéis, incluindo a desumanização deliberada dos negros, ao promover a crença na suposta inferioridade desse grupo.

O racismo “científico” foi habilmente invocado para justificar essa brutalidade, baseando-se em teorias eugenistas que afirmavam que a “miscigenação racial teria um efeito degenerativo na formação da sociedade brasileira” (Mendonça; Porto, 2017, p. 159). Como destacado por Maria Augusta Bolsanello (1996, p. 158), os intelectuais da época partiam do princípio de que essa linha de raciocínio era fundamentada na incorporação de conceitos do darwinismo social, racismo científico e eugenia.

“Partia-se do princípio de que se o brasileiro não tinha conseguido promover o desenvolvimento adequado do país, por ter-se tornado preguiçoso, ocioso, indisciplinado e pouco inteligente devido ao calor e à mistura com raças inferiores, era necessário pelo menos resolver o problema racial, uma vez que contra o clima nada poderia ser feito”. (Bolsanello, 1996, p.158)

Há diferenças – aqui destaco que nosso estudo não abarca essa dimensão – nas formas e manifestações do racismo enfrentado pelos asiático-americanos e afro-americanos, sino-brasileiros e negros no Brasil, há também sobreposições significativas que refletem a complexidade e a interseccionalidade das experiências raciais nos Estados Unidos e no Brasil. Estudos como "*Racial Microaggressions and the Asian American Experience*", (Sue et al., 2007) contribuem para uma compreensão mais profunda das múltiplas dimensões do racismo e como ele afeta diferentes comunidades raciais e étnicas. Pretendemos também com nossa reflexão contribuir de alguma maneira para a compreensão dessas múltiplas camadas do racismo em nosso país.

3.1. Ódios e microagressões raciais no ambiente digital

Nossa pesquisa aciona a dimensão afetiva das manifestações de preconceito, intolerância, sinofobia no ambiente digital durante a pandemia por Covid-19. Essa dimensão afetiva atravessa as nossas intolerâncias, preconceitos. O livro "*Sim, Você Odeia! Uma Reflexão Sobre os Ódios Contemporâneos que Nós Praticamos*" é uma obra escrita por Ettore Stefani de Medeiros (2023) que aborda o tema do ódio na sociedade contemporânea. Através de uma análise psicológica e sociológica, o autor explora as diversas manifestações de ódio que surgem em diferentes contextos e relações humanas. Medeiros (2023) investiga como o ódio se manifesta nas relações interpessoais, nas redes sociais, na política e em outras esferas da vida moderna. Ele examina as razões por trás do ódio e como ele é, muitas vezes, alimentado por sentimentos de frustração, ressentimento e medo. O autor também discute como o ódio pode ser inflamado por discursos de intolerância, polarização e preconceito.

Medeiros (2023) nos conduz por um mergulho profundo nos meandros do ódio na sociedade moderna. Como um arqueólogo do coração humano, o autor escava a partir de autores como Achille Mbembe, Hannah Arendt, Zygmunt Bauman as camadas mais profundas dessa emoção negativa, revelando como ela se insinua em nossas vidas diárias e afeta nossas interações. Ele não apenas identifica as formas visíveis do ódio, mas também as sombras sutis que se escondem nas entrelinhas das relações humanas. Medeiros (2023) utiliza o conceito de necropolítica de Achille

Mbembe para discutir como certas vidas são consideradas descartáveis na sociedade contemporânea, essencial para entender a dinâmica dos crimes de ódio no contexto político atual. A ideia de "banalidade do mal" de Hannah Arendt é empregada para explicar como atos de ódio podem ser cometidos por indivíduos comuns, normalizando o mal na sociedade. Zygmunt Bauman, com seu conceito de "modernidade líquida", é usado para discutir como a fluidez das relações sociais influencia a disseminação do ódio e a fragilidade dos vínculos humanos

Nessa jornada de introspecção e análise, Medeiros (2023) convoca seus leitores a um diálogo íntimo consigo mesmos, instigando uma reflexão profunda sobre nossas atitudes e comportamentos em relação aos outros. Ele ergue um espelho coletivo, revelando as máscaras que usamos e as feridas que infligimos por meio do ódio, na esperança de catalisar uma transformação em direção a uma cultura mais empática e tolerante. Uma ponte intrigante se forma entre os conceitos explorados por Medeiros (2023) e os estudos sobre microagressões raciais e a experiência dos asiático-americanos. Enquanto Medeiros (2023) investiga o ódio em sua amplitude, incluindo suas manifestações raciais, os estudos de Sue et al. (2007) e seus colegas trazem à luz as microagressões: pequenos venenos que corroem a alma das minorias étnicas. Essas formas insidiosas de discriminação, apesar de sua natureza velada, têm um impacto devastador sobre aqueles que são alvo delas.

Ambas as abordagens convergem ao reconhecer a presença silenciosa, porém poderosa, do preconceito em nosso cotidiano. Medeiros (2023) nos desafia a questionar as estruturas e normas sociais que perpetuam o ódio, incentivando-nos a desmascarar os estereótipos arraigados e a confrontar as mensagens culturais que alimentam essa emoção tóxica. Por outro lado, os estudos sobre microagressões (Sue et al., 2007) ampliam nossa consciência para as nuances da discriminação e nos lembram da importância de ouvir e validar as experiências das minorias étnicas.

No cerne dessa interseção está a necessidade premente de cultivar empatia e compreensão mútua. Medeiros (2023) almeja uma revolução na forma como nos relacionamos, buscando criar um ambiente de respeito e tolerância. Da mesma forma, os estudiosos das microagressões (Sue et al., 2007) nos convocam a desafiar ativamente as formas de discriminação disfarçadas, promovendo um diálogo aberto e inclusivo, que reconheça a dignidade e a diversidade de cada indivíduo. Assim, ao explorar as profundezas do ódio e das microagressões somos confrontados com um

convite urgente: transformar nossas atitudes e comportamentos, dando lugar a um futuro em que o amor e a compaixão superem as sombras do preconceito e da intolerância.

Medeiros (2023) investiga a intrincada relação entre os ódios contemporâneos e a dinâmica das plataformas de mídias sociais, explorando uma variedade de perspectivas e fenômenos que moldam essa interação. Uma das abordagens centrais de Medeiros (2023) é a observação da amplificação de discursos extremos nas mídias sociais. Ele argumenta que as plataformas digitais tendem a favorecer conteúdos emocionais e polarizadores, como mensagens de ódio, devido aos algoritmos que privilegiam o engajamento. Isso pode resultar na disseminação e promoção de conteúdos controversos que exacerbam divisões sociais e alimentam o ódio entre diferentes grupos.

Outro ponto destacado pelo autor é o fenômeno das bolhas de filtro e fragmentação nas redes sociais. Tal reflexão, apresentada em 2012 por Eli Pariser no livro “O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você”, nos fala, justamente, dessa falsa neutralidade das redes e de como vamos nos aprofundando, cada vez mais, em preferências e interações que corroboram com nossas convicções, havendo pouco espaço para a diferença. Tal fenômeno, na perspectiva trazida por Medeiros (2023) faz com que as pessoas fiquem frequentemente expostas apenas a opiniões semelhantes às suas, criando assim uma visão limitada do mundo e intensificando sentimentos de ódio em relação a grupos externos. Essa falta de exposição a perspectivas diversas pode, dentre outras coisas, impedir o desenvolvimento de um diálogo construtivo e a promoção da compreensão mútua.

Medeiros (2023) também examina a influência da despersonalização e do anonimato nas interações online. Ele explora como a natureza impessoal das mídias sociais pode encorajar comportamentos agressivos e hostis que as pessoas talvez não expressassem pessoalmente. O anonimato proporcionado pelas plataformas online pode diminuir os freios sociais que, normalmente, limitariam a expressão de ódio.

Além disso, o autor investiga a facilidade com que a desinformação e teorias da conspiração são disseminadas nas mídias sociais, alimentando o ódio contra determinados grupos ou indivíduos. Ele destaca como a propagação rápida e viral desses conteúdos falsos pode agravar divisões sociais e intensificar sentimentos

negativos. As plataformas digitais podem promover uma visão polarizada do mundo, levando ao aumento dos sentimentos de hostilidade em relação a grupos percebidos como "outros".

3.2. Fake News e teorias conspiratórias

O cenário de rápida circulação de notícias e opiniões divergentes sobre a Covid-19, principalmente nas redes sociais online, foi apontado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como fator dificultador no enfrentamento da pandemia por meio da divulgação e argumentação científica (Garcia; Duarte, 2020). A OMS se referiu a este cenário como contexto de "infodemia". Este cenário favorece a disseminação de *Fake News*.

Compreender o contexto contemporâneo a partir dos efeitos práticos da desinformação não significa uma ruptura com a sociedade da informação. A sociedade da desinformação diz sobre um contexto de crise da modernidade em que temos a descrença em relação a alguns parâmetros da modernidade como por exemplo a crença no progresso científico, a crença em mediações especializadas como a medicina, universidade, imprensa, partidos políticos. Há ausência de referências que são refletidas como o contexto da desinformação. Compreender este processo nos levaria a pistas do porquê a desinformação tem crescido tanto em todo o mundo a partir de um entendimento para além das evoluções tecnológicas.

As *Fake News* atravessam diretamente os afetos dos indivíduos participantes das ações comunicacionais analisadas em nosso *corpus* de estudo, desde o título do vídeo escolhido para a análise, seu conteúdo e informações trazidas pelos usuários do *Youtube* engajados no diálogo. Vemos uma articulação de discursos que tentam conversar entre si, mas que escorregam na construção desse diálogo muitas vezes pelas diferenças quanto às fontes de verificação desses discursos e pela divergência quanto a confiabilidade nas autoridades, instituições e diversas áreas do conhecimento científico.

No artigo "Teorias conspiratórias, verdade e democracia" (2021), o pesquisador Camilo Aggio analisa as teorias conspiratórias como um sistema de crenças fundamentado em duas premissas principais: primeiro, que há sempre um

envolvimento oculto de certos indivíduos que buscam poder ou dinheiro às custas de um público desatento ou ingênuo; segundo, que autoridades epistêmicas como cientistas, imprensa, universidades, especialistas e órgãos governamentais são vistos como corruptos, não confiáveis e deliberadamente engajados em enganar e iludir. Aggio (2021) argumenta que as teorias conspiratórias têm uma posição significativa nas comunicações e sociabilidades dentro das redes digitais.

Tivemos durante o período do nosso estudo manifestações de autoridades políticas que inflaram a sinofobia e também tivemos discursos negacionistas quanto ao conhecimento científico, descrença nas figuras de autoridade e instituições. O ex-presidente dos EUA, Donald Trump¹⁵, referiu-se à doença como “vírus chinês”, “*kung flu*” (*flu* significa gripe em inglês). A declaração do deputado federal, Eduardo Bolsonaro¹⁶ (PSL-SP) de que a culpa da pandemia é da China, provocou uma crise diplomática entre Brasil e China em 2020. Esta visão preconceituosa e racista, mobilizada em duelos econômicos e nos embates das relações internacionais, promove a corporificação de um inimigo invisível em pessoas com fenótipos oriundos da Ásia Oriental e revela a dimensão política deste tema.

"A dimensão política é, portanto, uma chave explicativa fundamental para os roteiristas dos enredos conspiracionistas porque, afinal, segundo essas perspectivas, o poder é o designador central da capacidade dos supostos conspiradores de atuar com eficiência nas sombras, em segredo, imunes ao conhecimento público e capazes de alterar o curso de eventos sociais e políticos" (Aggio, p.68, 2021).

A relação entre *Fake News* e teorias conspiratórias é muito próxima e em alguns casos uma *Fake News* faz parte de uma teoria conspiratória. Durante a pandemia por Covid-19 diversas foram as teorias conspiratórias relacionadas ao surgimento da doença. Desde teorias que afirmavam que a China havia criado o vírus em laboratório com o objetivo de se beneficiar comercialmente, desde teorias que diziam que os Estados Unidos da América haviam criado o vírus em laboratório para prejudicar a China, dentre muitas outras. A *Fake News* de que todo chinês come carne

¹⁵ Durante comício de campanha, Trump chama coronavírus de 'Kung-flu'. Link: <https://oglobo.globo.com/mundo/durante-comicio-de-campanha-trump-chama-coronavirus-de-kung-flu-24491047>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

¹⁶ Declaração de Eduardo Bolsonaro sobre coronavírus provoca crise diplomática com a China. Link: <https://oglobo.globo.com/mundo/declaracao-de-eduardo-bolsonaro-sobre-coronavirus-provoca-crise-diplomatica-com-china-24313933>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

de morcego, ou ainda, de que o vírus Covid-19 surgiu do consumo de carne de morcego por chineses está na base da construção do conteúdo analisado em nosso trabalho.

3.3. Ontologia política do “Perigo Amarelo”: degeneração e emergência

Segundo o médico e antropólogo, Christos Lynteris (2018) há uma exploração das conexões entre epidemias históricas e xenofobia. Essas conexões nos apresentam, no entanto, uma falácia que, em tempos de ameaças e perigos, pode, sutil, mas, persistentemente, parecer analiticamente atraente e politicamente útil. Nesta perspectiva, torna-se necessário empregar uma abordagem genealógica (Michel Foucault, 1979) e antropológica (Lynterus, 2018) com diligência para compreendermos, tanto abordagens do século XIX e do século XXI para a China, bem como os espaços, corpos e cultura chineses, atreladas às relações imaginárias e reais, entre doenças infecciosas, epidemias em todo o mundo.

Ao longo do século XIX, a China foi frequentemente associada a diversas doenças e condições precárias de saúde, pois havia um estereótipo que descrevia o conhecimento médico deste país como escarço e limitado quanto a disseminação de informações precisas sobre tais enfermidades. Essas associações, entretanto, muitas vezes careciam de fundamentação científica sólida, resultando em estereótipos negativos atribuídos à região, em particular, doenças como a cólera, a peste e a malária foram indevidamente associadas à China. A cólera, uma enfermidade temida no século XIX, teve surtos na China, contribuindo para a associação estigmatizada entre a região e essa doença. Além disso, episódios de peste bubônica na China, nesse período, reforçaram estereótipos negativos sobre o país. A malária, enfermidade transmitida por mosquitos e de ocorrência em diferentes localidades do mundo, foi erroneamente associada a regiões tropicais, inclusive a algumas áreas chinesas onde as condições climáticas favoreciam a propagação dos mosquitos vetores.

Essas associações, embora baseadas em eventos históricos, careciam de fundamentação científica precisa. É relevante ressaltar que tais doenças não são exclusivas de nenhuma região. No entanto, no contexto do século XIX e no início da

história da medicina moderna, essas doenças eram erroneamente atribuídas a áreas geográficas específicas, levando a estigmas e preconceitos em relação à região afetada, desencadeando interpretações e reações infundadas baseadas em percepções errôneas sobre a saúde e a geografia. Para entendermos o emaranhado no processo de identificação de corpos e espaços chineses com a epidemia em particular, não devemos simplesmente examinar como isso pode refletir “padrões de estigmatização das populações chinesas” (Lynteris, 2018, p.160), mas devemos também refletir sobre como as pandemias são narradas, como essas narrativas evoluíram ao longo do tempo e como moldaram a resposta das sociedades a esses eventos.

A associação da China com a ameaça de doenças infecciosas na virada do século XIX e a conexão aparentemente semelhante hoje não devem ser lidas em termos que confiam ou enfatizam suas continuidades. De acordo com Lynteris (2018), há uma descontinuidade que torna os dois fenômenos distintos em termos de sua ontologia política. Resumidamente, queremos evidenciar o contraste entre o século XIX e percepções contemporâneas da China como fonte de doenças infecciosas.

No século XIX, o medo das doenças associadas aos corpos e espaços chineses era baseado na visão da China como uma terra de “degeneração” e “decadência”. Recentemente, esse medo evoluiu para uma nova preocupação, ligada à ideia da China como uma “terra de emergência”. O conceito de “terra de emergência” pode se referir à percepção contemporânea da China como um lugar de onde emergem várias questões significativas e globais. Pode abranger ideias sobre o rápido crescimento econômico, inovação tecnológica, mudanças geopolíticas, dinamismo cultural e influência crescente que a China exerce no cenário mundial.

Neste contexto complexo temos a sinofobia¹⁷ como a denominação do que se compreende como sentimento antichinês. Historicamente, os chineses foram muitas vezes alvos de estigmatizações relacionadas à Ásia como um todo. Mas, como os estudos da cultura não são uma ciência exata, o antropólogo da Universidade da

¹⁷ Segundo do Dicionário de Cambridge, se descreve como um medo ou aversão à China, ou ao seu povo ou cultura: com o surto de coronavírus, o mundo testemunhou um aumento na sinofobia. Alguns observadores afirmam que os rivais da China são os responsáveis pela sinofobia. “Sinophobia: a fear or dislike of China, or its people or culture: With the outbreak of the coronavirus, the world has witnessed an increase in Sinophobia. Some observers say that China’s rivals are to blame for Sinophobia”. Link: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/sinophobia>. Acesso em 20 de out. de 2023.

Califórnia em Berkeley, Franck Billé (2018) destaca que os ocidentais não têm “monopólio” dessas discriminações — elas variam de local para local e, inclusive, acontecem dentro das fronteiras da própria Ásia e China.

4. IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS E ESTEREÓTIPOS EM CIRCULAÇÃO: SOCIEDADE EM REDE

A análise de discurso e a concepção de que a comunicação se dá por meio de um ato relacional estão interligadas de várias maneiras, pois abordam a comunicação como um processo complexo que vai além da simples transmissão de informações e enfatizam a importância das relações sociais e contextuais na construção do significado. A teoria dos atos de linguagem de Charaudeau destaca a complexidade das interações humanas por meio da comunicação verbal, delineando a interdependência entre linguagem e ação. Implicando aos parceiros do contrato de comunicação uma compreensão mútua mínima sendo essa a condição que permitiria a interação e a construção de sentido teremos neste lugar o discurso passível de um reconhecimento de sentido. Em obras mais recentes, Charaudeau aprofundou este conceito:

Denominamos Contrato de comunicação o ritual sociolinguageiro do qual depende o Implícito codificado e o definimos dizendo que ele é constituído pelo conjunto das restrições que codificam as práticas sociolinguageiras, lembrando que tais restrições resultam das condições de produção e de interpretação (Circunstâncias de Discurso) do ato de linguagem. O Contrato de comunicação fornece um estatuto sociolinguageiro aos diferentes sujeitos da linguagem. Assim, as estratégias discursivas mencionadas devem ser estudadas em função desse Contrato. (Charaudeau, 2008b, p. 60).

O ato de comunicação pressupõe um acordo de conhecimento amplo entre os indivíduos de uma dada sociedade. Este acordo será a origem dos limites e restrições dentre as trocas linguageiras. “[...] Por um jogo de regulação das práticas sociais, instauradas pelos indivíduos que tentam viver em comunidade e pelos discursos de representação, produzidos por justificar [...]” (Charaudeau, 2006, p. 67). Atentamos ao fato de que, no contrato de comunicação, também poderemos lidar com o fenômeno da não aceitação, da quebra, da possibilidade de renovação, do refazer, características que compõem a complexidade das dinâmicas presentes nas relações

sociais. Há ainda a possibilidade de uma situação comunicacional não bem-sucedida em que tais dinâmicas não serão realizadas com êxito.

Charaudeau (2007) explora como os contratos de comunicação, ou seja, as regras tácitas ou explícitas, que governam a comunicação entre os participantes, são moldadas pelo imaginário social. Assim, os atos de linguagem referem-se à maneira como utilizamos a linguagem para agir no mundo, não apenas para transmitir informações, mas também para influenciar, persuadir, questionar ou expressar sentimentos. Segundo Charaudeau (2006), a linguagem não é apenas um veículo de transmissão de mensagens, mas sim um instrumento poderoso que molda as relações sociais e influencia a construção de significados. Cada ato de fala carrega consigo uma intenção, um propósito e uma função, moldando a interação entre emissor e receptor.

O imaginário social refere-se ao conjunto de representações, valores, crenças e símbolos que são compartilhados por um grupo, cultura ou sociedade. Charaudeau (2005) argumenta que esses elementos do imaginário influenciam a forma como as interações comunicativas são estruturadas. O contrato de comunicação é, portanto, afetado pelo imaginário social predominante em determinado contexto. Por exemplo, as expectativas, normas e regras comunicativas em uma sociedade são moldadas pelas representações culturais e sociais que influenciam a maneira como os indivíduos se expressam e interpretam as mensagens. O que é considerado adequado, persuasivo ou aceitável em uma conversa, apresentação ou texto é muitas vezes influenciado pelas crenças, valores e símbolos compartilhados no imaginário social. Charaudeau (2017) enfatiza que o contrato de comunicação não é estático, mas sim dinâmico e está sujeito a mudanças devido à evolução do imaginário social ao longo do tempo. À medida que as crenças, valores e representações sociais se transformam, as regras e as normas de comunicação também podem se adaptar e mudar para refletir essas mudanças no imaginário social. Para Charaudeau (2017) o estereótipo e o imaginário social são fenômenos que envolvem a forma como concebemos a conexão da linguagem à realidade e o lugar em que localizamos o fenômeno das representações sociais.

Segundo Moscovici (1961), a representação social é uma forma de conhecimento que tem como objetivo a transformação do que é estranho em familiar, por meio da agregação da novidade a estruturas de conhecimento já existentes e

dotadas de certa estabilidade. Em afinidade com a menção de Moscovici (1961), segundo Charaudeau (2017) há também no fenômeno do estereótipo uma ambiguidade quanto a sua função. Se por um lado o estereótipo teria papel balizador no estabelecimento de ideias comuns no processo de aprendizagem social, como garantia de normas e julgamento, ele também seria responsável pela deformação e mascaramento da realidade. Charaudeau (2017) defende que os imaginários também podem ser qualificados como fenômenos sociodiscursivos ao passo em que uma hipótese do sintoma desse imaginário é a fala. Esse imaginário produz representações e constrói universos mentais, lugares de legitimidade de verdades, em que essa produção ocorre por meio da consolidação de argumentos e discursos narrativos propostos como descritivos e explicativos dos fenômenos do mundo e dos comportamentos dos indivíduos. Essa produção resulta em sistemas de pensamento que se apresentam coerentes a partir de tipos de saber acionados nessa produção.

4.1. Estereótipos e imaginários sociais

Patrick Charaudeau (2017) explora a relação entre estereótipos e imaginários de forma interessante em sua obra "*Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor?*" Ele aborda como os estereótipos e os imaginários estão interligados e influenciam a maneira como percebemos e compreendemos o mundo. Os estereótipos são ideias simplificadas, geralmente preconcebidas, sobre grupos de pessoas, lugares ou conceitos. Eles podem ser culturais, sociais ou individuais e muitas vezes são baseados em generalizações simplistas. Os estereótipos podem ser vistos como representações codificadas que simplificam e categorizam a complexidade do mundo. Os imaginários, por outro lado, referem-se aos conjuntos de imagens, representações e ideias que influenciam nossa compreensão e percepção do mundo. Eles envolvem elementos simbólicos, emocionais e culturais que moldam nossas visões, crenças e expectativas.

A relação entre estereótipos e imaginários para Charaudeau (2017) é explorada como um processo dinâmico. Os estereótipos podem emergir dos imaginários, refletindo representações simplificadas enraizadas em nossa cultura e experiências compartilhadas. Por outro lado, os imaginários podem ser moldados e perpetuados

por meio da disseminação de estereótipos. Assim, Charaudeau sugere que os estereótipos e os imaginários estão interligados e se reforçam mutuamente. Eles desempenham um papel crucial na formação de identidades culturais, na construção de narrativas sociais e na maneira como interpretamos e interagimos com o mundo ao nosso redor.

O sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, assim como diversos teóricos, não aponta um momento específico de início da pós-modernidade. Em suas obras, Bauman não delimita um marco temporal concreto para o surgimento desse período, pois considera que a transição para a pós-modernidade é um processo complexo e gradual, não sendo facilmente definido por um evento singular. Para Bauman (1998), a pós-modernidade não surge de maneira abrupta, como uma mudança radical, mas sim como um desdobramento gradual e contínuo das transformações sociais, econômicas, culturais e tecnológicas ao longo do tempo.

A velocidade das mudanças tecnológicas e a capacidade de conexão global, de acordo com Bauman (1998) alteram as percepções de tempo e espaço, impactando as relações sociais e ampliando a sensação de instabilidade. Com a disseminação generalizada dos meios de comunicação de massa no século XIX, surgiu uma nova forma de estrutura social que despertou o interesse de estudiosos sobre os efeitos desse contexto inovador nos âmbitos sociais e individuais. O termo midiatização refere-se à teorização da crescente influência da mídia na cultura e na sociedade. É um processo em que a mídia está cada vez mais integrada às rotinas de instituições como família, política e religião. “A mídia é onipresente, diária, dimensão essencial da experiência contemporânea”, (Silverstone, 2002, p.12).

A midiatização é um processo complexo, e embora sua ascensão tenha se acelerado consideravelmente com o avanço da tecnologia e a disseminação dos meios de comunicação de massa, como jornais, rádio, televisão e, mais recentemente, a internet e as redes sociais, suas origens podem ser identificadas em eventos e mudanças ao longo dos séculos. Há, portanto, uma intensificação da experiência mediada pelos meios de comunicação na sociedade contemporânea. Essa intensificação da experiência mediada foi descrita como o modelo de “sociedade em rede” (Castells, 1999) abordagem que se refere a estrutura e a dinâmica da sociedade contemporânea, influenciada pelas tecnologias da informação e comunicação.

Segundo Castells (1999), a sociedade em rede é um modelo social caracterizado pela interconexão global e pela centralidade das redes de comunicação e informação.

Castells (1999) argumenta que a sociedade em rede é fluida e mutável, marcada pela flexibilidade e pela capacidade de adaptação rápida. As relações sociais e as identidades são influenciadas pela participação nas redes sociais e nos fluxos de informação, impactando desde os processos econômicos até as dinâmicas culturais e políticas. Além disso, ele destaca que a sociedade em rede não é uma estrutura uniforme, mas sim composta por diversos tipos de redes que coexistem e interagem. Essas redes variam desde redes sociais pessoais até redes empresariais, políticas e culturais. Esclarecemos que o foco do nosso trabalho não será detalhar o aparato tecnológico que medeia a interação no loco do nosso objeto. No entanto trazemos tais informações como pano de fundo onde ocorrem as ações que serão observadas.

Durante o período da pandemia pelo Coronavírus, assistimos a uma atualização da versão do “Perigo Amarelo” que passa por mudanças na sua forma de apresentação (discurso) e na maneira como é aplicada, compartilhada e mediada pelo aparato tecnológico. As plataformas digitais tomaram-se um lugar central, criando regimes de discursividade, e se estabelecendo como o ambiente das interações, criando formas de laço social. As variadas narrativas de apresentação do outro por meio destas plataformas digitais podem contribuir, em certa medida, para o conhecimento e situações de reconhecimento no que diz respeito à alteridade. As plataformas digitais se apresentam como local privilegiado de contato com a presença do outro, presença da alteridade, no entanto, se faz importante pontuar que esse contato nem sempre ocorre de forma acolhedora, pois muitas vezes a diversidade é recebida de maneira hostil por seus usuários. Não esqueçamos dos recortes e enquadramentos produzidos por essas mídias que contribuem nas formas para as formas de compreensão, legitimidade dos indivíduos e seus modos de vida apresentados em suas narrativas.

Os ambientes digitais são palcos onde se desenrolam e circulam os imaginários sociodiscursivos que permeiam e influenciam nossa “sociedade em rede” (Castells, 1999). No cerne dos ambientes digitais, os imaginários sociodiscursivos abrangem uma gama diversa de temas: desde estereótipos culturais e representações de identidade até narrativas políticas e visões de mundo. Os memes, vídeos virais,

postagens em redes sociais e os debates online ajudam a criar e reforçar esses imaginários, muitas vezes de maneira velada e sutil.

A discussão em torno desses imaginários sociodiscursivos nos ambientes digitais deve abranger uma reflexão crítica. É fundamental questionar a validade, a fonte e o propósito por trás dessas representações. A conscientização sobre como tais construções influenciam nossas visões de mundo é ponto inicial para lidarmos com os impactos positivos e negativos que possam ter. A responsabilidade recai tanto sobre os usuários quanto sobre as plataformas digitais. Os usuários devem ser críticos em relação ao que consomem e compartilham, além de buscar informações de fontes confiáveis. Enquanto isso, as plataformas digitais precisam assumir a responsabilidade de promover a transparência, a diversidade e a moderação para conter o avanço de discursos nocivos.

Estudos que incorporam a mediação digital nas interações humanas, geralmente, se interessam por investigar as relações entre o “mundo real” e o “mundo virtual”. As perspectivas que defendem a participação da tecnologia para além de uma função facilitadora ou como um braço da vida social. Contexto sociocultural e político e econômico, a partir de um contexto histórico onde plataformas virtuais e práticas social se constituem mutuamente na dinâmica diária de uma sociabilidade e criatividade dos indivíduos (Van Dijck, 2013).

Além de seu papel facilitador, a tecnologia é considerada uma força que impacta a maneira como nos comunicamos, interagimos e percebemos o mundo ao nosso redor. Van Dijck (2013) destaca que as plataformas de mídia social não são apenas ferramentas neutras, mas estão intimamente ligadas a questões de poder, controle, política, identidade e economia. As mídias sociais moldam a cultura e a conectividade, influenciando a formação de identidades individuais e coletivas, a disseminação de informações, as estruturas de poder e a maneira como as pessoas se engajam na esfera pública.

Nesse sentido, podemos dizer que as redes sociais online transformaram drasticamente a maneira como as pessoas se comunicam e interagem na sociedade contemporânea. Com bilhões de usuários em todo o mundo, essas plataformas se tornaram centrais na criação e circulação de produções discursivas que abrangem desde conversas informais até discursos políticos e culturais de grande relevância.

O senso comum, atualmente, traz o termo “rede social” como um sinônimo para *Whatsapp, Facebook, Twitter, Instagram*, assim como as diversas outras ferramentas com funções similares a estas, que trouxeram novas formas de comunicação e interconexão entre pessoas e instituições. Sobre este assunto e suas definições, trazemos reflexões importantes para a nossa investigação, produzidas pela autora, Raquel Recuero (2019).

O conceito rede social tem raízes na Sociologia e historicamente refere-se a abordagem estrutural do estudo dos grupos sociais. Rede social, em sua base, diz sobre a visão de um grupo social através de suas relações. Na década de 60, inaugura-se a concepção da compreensão da sociedade como rede e das noções de agência, controle e identidade nessas redes. Neste período a ideia de *network individualism* – individualismo em rede – foi desenvolvida trazendo novos conceitos para a reflexão acerca das “conexões locais dos grupos para as conexões por interesse dos indivíduos no ciberespaço” junto a noção de *glocalization* em que se discutem as características em comum nos tempos locais e globais das novas comunidades, (Recuero, 2019).

No entanto, somente na década de 90, vimos uma mudança drástica com o surgimento da mídia digital e alteração das interações sociais em dados, novas maneiras de estudar esses grupos sociais de maneira massiva a partir de novas ferramentas para este ato. A nova forma de estudo culminou por trazer a interdisciplinaridade assim como novas “subáreas” que tradicionalmente não se dedicavam ao estudo de dados sociais. Segundo Recuero, ao falarmos de “rede social” precisamos dar notabilidade a história e tradição de estudos de décadas de trabalho. “A rede são as pessoas e instituições materiais e o foco é nas relações entre esses diferentes atores”, Recuero (2019).

Os estudos de redes sociais, localizados no ambiente virtual, internet, trouxeram uma mudança importante por conta da natureza de mediação intrínseca a estrutura da tecnologia digital. Estas relações são de ordem interpessoais, institucionais e com possibilidades de conexão mais individual e por interesse, conexões em grande escala, acesso a conteúdo e conversações globais que não estariam disponíveis dada a complexidade das conexões sociais e a possibilidade de novos atores. *Danah Boyd* e *Nicole Ellison*, definiram a denominação de *site* de Rede

Social (SRS) no ano de 2006, expressão que na época tentava explicar o fenômeno de ferramentas como o Facebook, Orkut.

Os *sites* de rede social eram ferramentas que permitiam que os usuários apresentassem suas redes sociais e mostrassem essas estruturas para outros usuários. Ressaltamos que essas estruturas não são em si as redes sociais, mas permitem a publicização e transformação dessas redes. A popularização e aumento dos aplicativos ocasionaram novamente mudanças na percepção dessas redes sociais.

Os *sites* passaram a oferecer elementos mais complexos e com características únicas das ferramentas móveis. A partir disto, notou-se que o conceito de redes sociais não daria mais conta da complexidade presente nas interações que acontecem neste espaço. Este conceito até então, daria conta de ferramentas como o Instagram, Facebook, Twitter, mas não de outras com origem no espaço mobile, como o *Telegram*, *Whatsapp*, onde as redes não são públicas. Diferentemente dos conceitos anteriores, a mídia social não foca na estrutura que media a comunicação (*sites* de rede social), não foca nos *affordances* – uso intuitivo de ferramentas – e não foca na rede que surge dessa estrutura, mas sim “na emergência da combinação desses elementos” Recuero, 2019. A mídia social compreenderia as conversações decorrentes da apropriação dessas plataformas pelas redes sociais, que resultam na transformação dos modos de circulação das informações.

Em nosso estudo consideramos que o canal Pula Muralha está inserido numa plataforma digital – *Youtube*, embora consideramos que existem tantas outras definições e discussões importantes acerca deste tipo de ferramenta digital Segundo, Carlos D’Andrea, o conceito de plataforma digital seria mais abrangente o que engloba os *sites* de rede sociais de forma mais ampla e a partir da “*Application Programming Interface*” - Interface de Programação de Aplicativos – e de outras ferramentas que são utilizadas a partir destes.

(...) para os estudos sobre plataformas digitais e, em especial, para as controvérsias que nelas se desenrolam, essa visada aponta para a importância de se compreender a formação do social situada, entre outros aspectos, nas materialidades dos softwares (e das infraestruturas) e a partir das regulações político-econômicas (D’Andrea, p.29, 2018).

Estas plataformas são constituídas de várias dimensões de sentido, de estrutura (arquitetura), política e computacional. Consideramos a funcionalidade deste conceito para o nosso estudo, pois, abrange todo o tipo de plataforma de interação ou comunicação digital, dentre estas o *Youtube*. Este conceito tem um forte foco na estrutura da ferramenta utilizada pelas redes sociais quando comparamos com o foco nas redes em si. A equação entre “objetos” e “atores” nesta análise traz estes dois elementos com importâncias equilibradas na composição da estrutura.

O *Youtube*, como uma das plataformas mais influentes da era digital, possui características distintas que o tornam um ambiente único para a criação, compartilhamento e consumo de conteúdo audiovisual. Sua evolução ao longo dos anos resultou em uma complexa intersecção entre entretenimento, informação, educação e expressão cultural. A plataforma permite que qualquer pessoa crie e compartilhe vídeos, sem restrições significativas de acesso. Isso levou a um vasto leque de conteúdo, variando de vlogs pessoais a documentários, tutoriais, música, entre outros. Tal facilidade de acesso resultou em uma diversidade de vozes e perspectivas, proporcionando um mosaico de culturas, conhecimentos e opiniões. Além disso, a capacidade do *Youtube* de personalizar o conteúdo com base nos interesses de cada usuário é uma de suas características mais poderosas. Seu algoritmo, embora sujeito a críticas, busca adaptar recomendações de vídeos para atender às preferências individuais. Essa personalização tem o potencial de oferecer conteúdo relevante, mas também pode levar à polarização e à formação de bolhas de informação.

O *YouTube*, com sua diversidade de vozes, desempenha um papel crucial na construção de um mosaico cultural e intelectual. No entanto, a personalização do conteúdo pode criar bolhas de informação e polarização, limitando a exposição a diferentes perspectivas. É essencial adotar uma postura crítica em relação ao papel das plataformas digitais na formação de nossas opiniões, buscando um consumo consciente e diversificado de conteúdo para uma compreensão mais equilibrada do mundo. Ao oferecer uma ampla variedade de vozes, o *Youtube*, enriquece o cenário cultural e intelectual. No entanto, a personalização dos algoritmos pode criar bolhas de informação, limitando o acesso a visões diferentes e contribuindo para a polarização.

5. CANAL PULA MURALHA: CONEXÕES ENTRE BRASIL E CHINA

O canal Pula Muralha foi criado com o objetivo de divulgar as aulas de chinês oferecidas pela professora de mandarim, *Sisi Lao*. Na época o seu companheiro, o jornalista Lucas Brand, percebeu que *Sisi* ficava à vontade durante as gravações de vídeos para a família, que mora em Wuhan, na China e, portanto, a incentivou a criar o canal. *Sisi Lao* possui licenciatura em Literatura e Língua Chinesa pela Universidade de Hubei, localizada em Wuhan. Ela veio para o Brasil em 2011 como aluna intercambista do curso de mestrado em Linguística, por meio de uma parceria com a Unesp. Após namoro e casamento com o jornalista, Lucas Brand, eles decidiram morar no Brasil e investir no ensino de mandarim. Até a presente data o canal Pula Muralha é um dos maiores canais sobre cultura e língua chinesa do Brasil com 819 mil inscritos.

Inicialmente, o canal produzia conteúdos voltados para o ensino de chinês – mandarim, no entanto, o conteúdo sobre curiosidades acerca dos hábitos chineses, choques culturais inspirados na própria experiência de *Sisi* como imigrante chinesa residente no Brasil, aproximações e distanciamentos culturais entre Brasil e China, tomaram praticamente todo o espaço no conteúdo produzido pelo Pula Muralha.

O interesse dos brasileiros por esse tipo de conteúdo foi tão grande que a professora de mandarim fundou outro canal para tratar do ensino da língua chinesa, o canal “Clube de Chinês”. Sendo assim, o Pula Muralha, assumiu seu papel mais cultural, tornando-se um espaço que “conecta os brasileiros com a China”, segundo palavras da própria *Sisi Lao* em entrevista¹⁸ ao site do Instituto Sociocultural Brasil-China.

Decidimos que seria importante para o desenvolvimento deste trabalho e parte da construção do conhecimento empírico sobre os imaginários sociodiscursivos relacionados ao tema do nosso estudo, ter uma conversa preliminar com *Sisi Lao*, visto que, *Sisi* foi vítima de xenofobia/sinofobia em resposta aos conteúdos que produzia durante a pandemia em seu canal. Buscar nos aproximar da visão da imigrante chinesa acerca das agressões que sofreu neste período nos ajudou na

¹⁸ A chinesa Sisi criou o Pula Muralha, maior curso online de mandarim do país. Link: <https://ibrachina.com.br/a-chinesa-sisi-criou-o-pula-muralha-maior-curso-online-de-mandarim-do-pais/>. Acesso em 20 de março de 2024.

percepção das microagressões (Sue et al., 2017) direcionadas a ela e à nação chinesa.

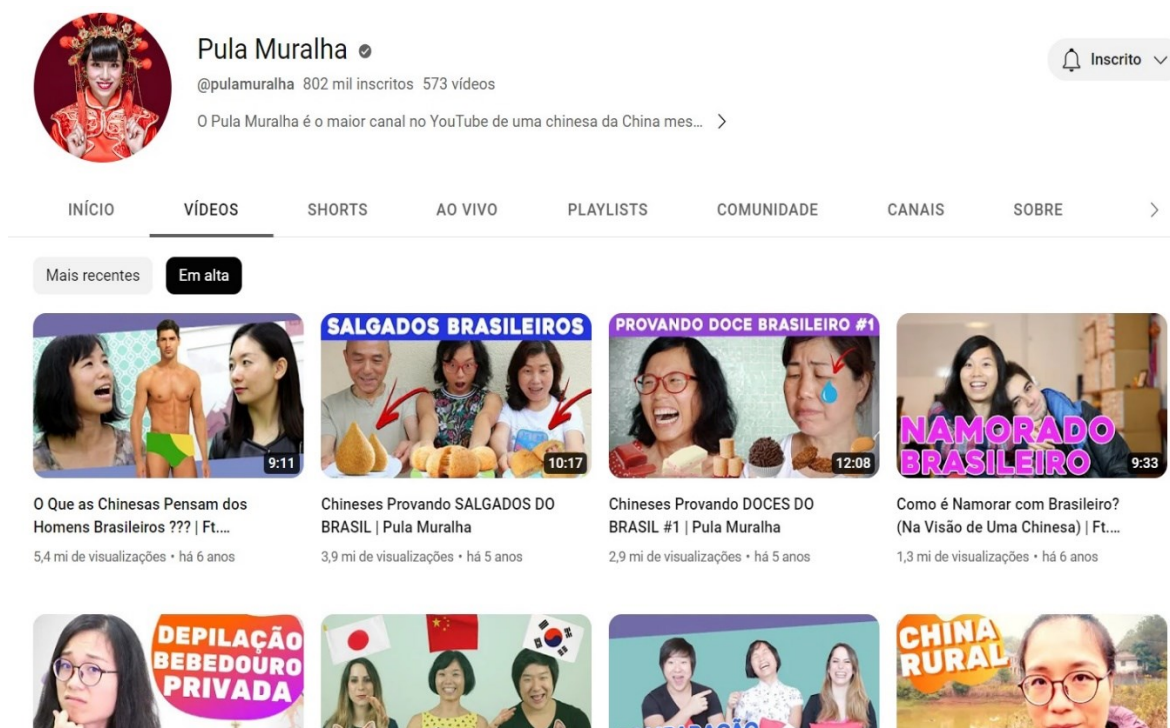


Figura 14 – Vídeos do canal Pula Muralha.

Na conversa que tivemos em março de 2023, a *Youtuber* e professora de chinês, *Sisi Lao*, relatou que o período em que sofreu sinofobia por conta das discussões sobre o marco zero da Covid-19, que indicavam a província de Wuhan na China como foco inicial da doença, local onde mora sua família, foi o momento mais difícil para ela enquanto imigrante chinesa residente no Brasil. Sob este aspecto, citamos a pesquisa de Sue et al (2017), que abordou a incidência de “microagressões raciais” contra indivíduos asiáticos-americanos nos Estados Unidos da América antes e durante a pandemia. O estudo reflete sobre mudanças na forma como a agressão racial se apresenta no contexto americano, segundo Sue et al (2017) a pesquisa não respalda mais manifestações flagrantes de superioridade racial branca; pelo contrário, sugere que o racismo evoluiu para formas mais sutis, ambíguas e não intencionais que permeiam a vida social, política e econômica dos Estados Unidos.

Apesar de não ser o foco de nossa pesquisa, a conversa com *Sisi Lao* foi enriquecedora para a leitura do nosso *corpus*. Saber, por ela, que preconceito, xenofobia e sinofobia sempre estiveram presentes nas manifestações de usuários da

plataforma no seu canal, permitiu-nos situar, historicamente, a questão do preconceito contra os chineses, levando-nos a perceber que a pandemia ressaltou elementos que já estavam presentes no imaginário de algumas pessoas.

O aumento da ocorrência de microagressões durante a pandemia foi um fato de dimensão importante e que de certa forma surpreendeu a professora e que a deixou bastante chocada e decepcionada. No Brasil, não tivemos uma contabilização do aumento de agressões raciais contra asiáticos durante a pandemia, visto que já não tínhamos essa contagem antes da pandemia. Este é um dado inexistente em nosso país.

5.1. Mobilização de afetos no canal Pula Muralha: sobre o que me afeta/afetou

O vídeo do canal escolhido como ponto de partida para nossa análise foi o vídeo com melhor desempenho em relação ao engajamento de comentários dos seguidores desde a sua publicação em março de 2020 até o início de junho de 2023: “MORCEGO, *FAKE NEWS* E PRECONCEITO (coronavírus) - Canal Pula Muralha”, publicado em 31 de janeiro de 2020 e que conta, até junho de 2023, com mais de 213.201 visualizações e 3.871 comentários.

Esclarecemos que, nesse estudo, o critério escolhido para listarmos os principais comentários foi o filtro de desempenho do algoritmo da plataforma *Youtube*, que nos mostra os comentários que mais se destacaram conforme as regras desse algoritmo. Aqui também encontramos a possibilidade de destaque a determinados conteúdos oferecidos pela plataforma aos administradores do canal por meio do uso de ferramentas específicas para este fim.

Em nossa pesquisa destaco para a seleção dos conteúdos que irão nos permitir realizar uma reflexão acerca dos “imaginários sociodiscursivos”, os comentários dos usuários da plataforma *Youtube* que mais me afetaram como pesquisadora, seguidora do canal da Sisi Lao, como migrante interna dentro do meu próprio país. Sou nordestina, maranhense e resido em Belo Horizonte, Minas Gerais, há 9 anos. Em meu íntimo, algo se identificava com a situação de pessoas que deixaram seu local de nascimento para morar longe de suas origens. Em vários momentos, me peguei

pensando “você não seria capaz de se comparar a um estrangeiro porque você migrou dentro do seu próprio país, não é?”.

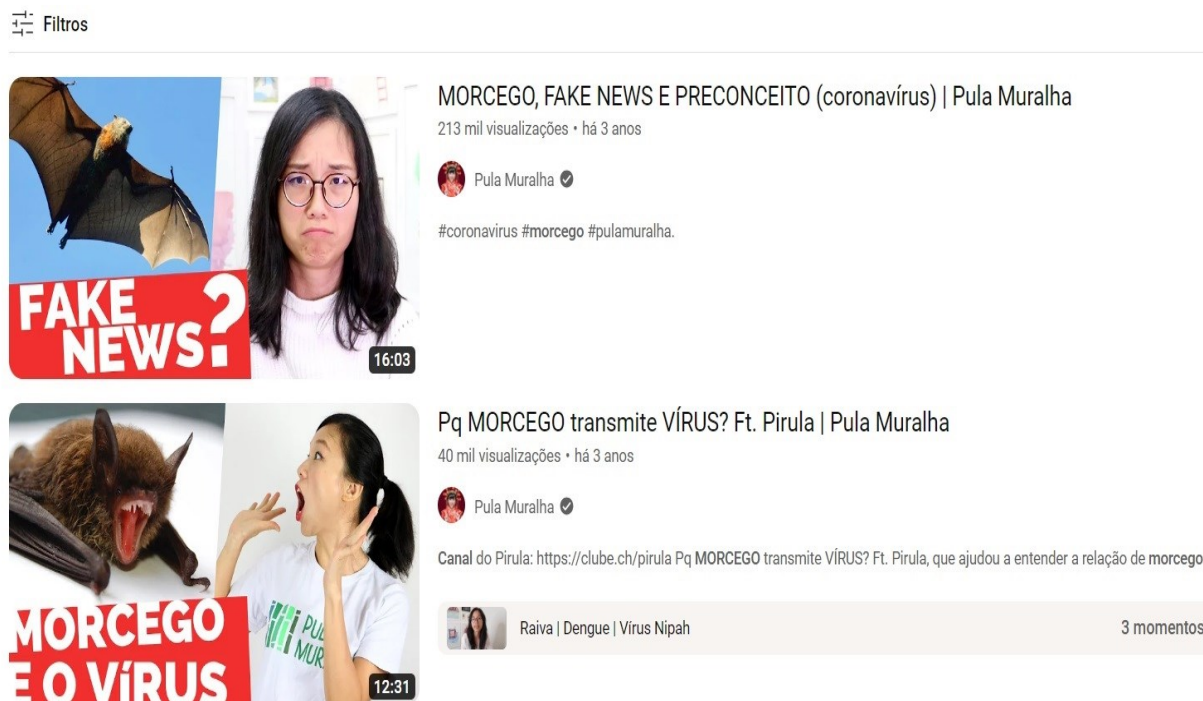


Figura 15 - Capa de vídeos com a temática sobre consumo de carne de morcego na China.
Fonte: Canal Pula Muralha

O meu interesse por esta pesquisa foi justificado de muitas maneiras, desde o início deste projeto. Tais justificativas perpassam desde o meu interesse pelo estudo de temas que abordam minorias estigmatizadas como no meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre os sentidos da doença psiquiátrica no jornal “Folha de São Paulo” perpassando pela minha atividade laboral atual no atendimento a brasileiros e estrangeiros, imigrantes, que procuram a Universidade Federal de Minas Gerais para revalidar o diploma obtido em país em estrangeiro.

Durante o percurso de aprendizado e escrita deste trabalho percebi que a minha afetação e identificação com alguns sentimentos e situações pelos quais fui atravessada durante a abordagem desse estudo não se mostrou tão equivocada, embora não seja equiparada a situação de estrangeiros que moram no Brasil, à medida que entrava em contato com o *corpus* da nossa pesquisa. Sobre isto, detalharemos na análise com as devidas aproximações e afastamentos em proporções cuidadosas as quais este tema requer.

5.2. Seleção do *corpus* e categorias de análise

Para o recorte de nosso *corpus* de análise foi realizada a leitura de todos os 3.871 comentários para o vídeo “MORCEGO, *FAKE NEWS* E PRECONCEITO (coronavírus) - Canal Pula Muralha”. Desse montante, verificamos os comentários com maior número de curtidas e comentários com maior número de respostas. Importante ressaltar que a incidência de número de curtidas e também de respostas (comentários) pode ser observada em concomitância para um mesmo comentário. A situação em que um comentário apresentou somente alto número de curtidas também foi verificada, sendo importante dizer que, nesta análise, não encontramos comentários com alto número de respostas (comentários) e baixo número de curtidas.

Apesar de não deixarmos de verificar a quantificação de respostas para um mesmo comentário e sua relação com o número de curtidas, ressalto que a análise quantitativa não foi o foco do nosso recorte e metodologia, embora ela não tenha passado despercebida, afinal, esses aspectos se apresentam inclusive de forma visual e são facilmente percebidos por quem os lê (aos comentários). No contexto dos aspectos metodológicos, enfatizamos a necessidade de imersão nas comunidades que diferem dos dispositivos que se propõem a ser estudados. A abordagem metodológica de inspiração etnográfica surgiu como uma alternativa que nos permitiu uma observação detalhada, por meio da qual pudemos obter informações e *insights* para além do que se expressa quantitativamente, contribuindo de forma significativa para uma análise sociodiscursiva das interações que ali se apresentaram.

O aspecto qualitativo em nosso estudo foi definido de modo a nos permitir estabelecer um critério para avaliar a incidência de assuntos e ocorrência de temas relacionados a manifestações de sinofobia que mais nos chamaram a atenção. O vídeo escolhido para o nosso recorte trata de um assunto delicado que é o consumo de carne de morcego e, por este motivo, não ficamos surpresos com o fato de que a maioria de comentários estão atravessados por afetos de julgamento dos hábitos alimentares e reprovação quanto ao modo de vida oriental.

A partir disso, e com base na leitura prévia de todos os comentários atribuídos ao vídeo, definimos que os comentários que repercutiram a respeito da sinofobia sofrida por *Sisi Lao* e que conversaram com o vídeo produzido pela *Youtuber*, seriam o ponto de partida para a seleção do nosso *corpus* de análise.

Inicialmente, realizamos a transcrição e análise do conteúdo do vídeo escolhido. A seguir, o resultado de nossa análise: o texto apresenta várias camadas de discurso, abordando temas como xenofobia, desinformação (*Fake News*), preconceito, diversidade cultural e responsabilidade na disseminação de informações. Para melhor compreensão, organizamos a análise da seguinte forma:

- a) **Contexto e apresentação dos personagens:** o diálogo começa com uma introdução dos dois interlocutores, *Sisi* e Lucas. *Sisi* se identifica como chinesa que vive no Brasil há nove anos, enquanto Lucas se apresenta como brasileiro nativo. Isso estabelece uma dinâmica de interculturalidade e sugere que o diálogo abordará temas relacionados às experiências de *Sisi* como uma estrangeira vivendo no Brasil.
- b) **Xenofobia e desinformação:** *Sisi* e Lucas discutem a disseminação de desinformação e preconceitos em relação ao surto de coronavírus, destacando o impacto negativo que isso tem em suas vidas. *Sisi* menciona experiências pessoais de discriminação e a hesitação em usar máscaras por medo de ser estigmatizada como infectada. Isso aponta para a questão mais ampla da xenofobia e estigmatização enfrentada por indivíduos de origem chinesa devido à pandemia.
- c) **Análise de *Fake News*:** os interlocutores analisam um vídeo viral¹⁹ que supostamente mostra uma mulher chinesa comendo morcego, uma imagem que contribuiu para a disseminação de desinformação e estereótipos sobre a China. Eles desmistificam a história por trás da foto e explicam o contexto cultural específico em que a cena ocorreu, destacando a importância de entender a origem e o contexto das informações antes de tirar conclusões precipitadas.
- d) **Cultura e contexto socioeconômico:** *Sisi* e Lucas compartilham histórias pessoais e *insights* sobre a cultura chinesa e brasileira, enfatizando a

¹⁹Sobre o vídeo em questão, divulgado em julho de 2019, a influenciadora chinesa Wang Mengyun ganhou destaque internacional após causar indignação ao filmar um vídeo, no ano de 2016, em que comia sopa de morcego durante uma viagem ao Sudeste Asiático. O vídeo gerou críticas por contribuir para a perpetuação de estereótipos prejudiciais sobre a alimentação chinesa e por seu potencial papel na propagação de doenças zoonóticas, como a Covid-19. *Wang Mengyun* enfrentou duras críticas online e foi forçada a se desculpar publicamente pelo vídeo. O incidente trouxe à tona questões sobre a responsabilidade dos influenciadores na disseminação de informações e na promoção de comportamentos responsáveis.

diversidade de práticas alimentares e as influências do contexto socioeconômico na dieta e nos hábitos alimentares das pessoas. Eles destacam a importância de considerar esses fatores ao avaliar o comportamento humano e evitar generalizações prejudiciais.

- e) **Responsabilidade na disseminação de informações:** Os interlocutores enfatizam a importância da responsabilidade ao compartilhar informações, especialmente em relação à saúde pública. Eles alertam contra a propagação de *Fake News* e destacam a necessidade de verificar fontes e entender o contexto antes de compartilhar informações online.
- f) **Conclusão e chamada à ação:** O diálogo termina com uma reflexão sobre a importância da compreensão mútua, respeito pela diversidade cultural e combate à desinformação. Eles incentivam os espectadores a se engajarem em diálogos construtivos e ações que promovam o entendimento e a solidariedade entre as comunidades.

5.3. Diálogos entre vídeo e comentários

A partir desse conteúdo destacamos a alta incidência de respostas a pergunta da professora, *Sisi Lao*, ao comentário fixado em destaque para o vídeo (figura 16): foram mais de 300 comentários para o pedido da professora. Há que se destacar que, dentre os conteúdos encontrados denominamos contratos de fala argumentos variados em relação à pergunta de *Sisi*.

Tais argumentos nos chamaram a atenção por terem um maior potencial de engajamento (curtidas e respostas) em relação aos demais comentários para o mesmo vídeo. Sendo assim, empreendemos uma análise de cunho qualitativo a partir da seleção de recortes que consideramos representativos dos temas de maior ocorrência.

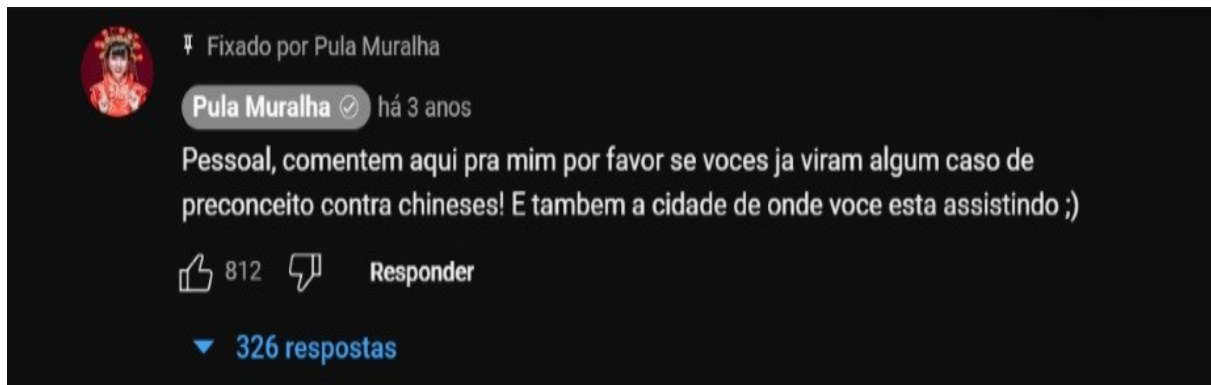


Figura 16 - Publicação fixada no topo dos comentários do vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito” pelo administrador do canal. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

1) “Comem tudo o que se mexe”

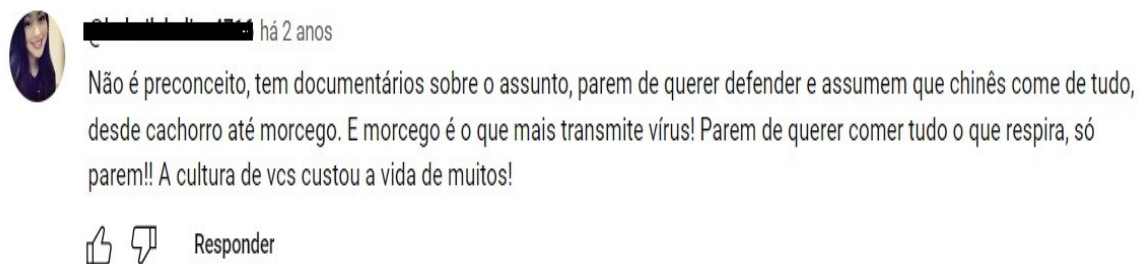


Figura 17 - Comem tudo o que se mexe. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

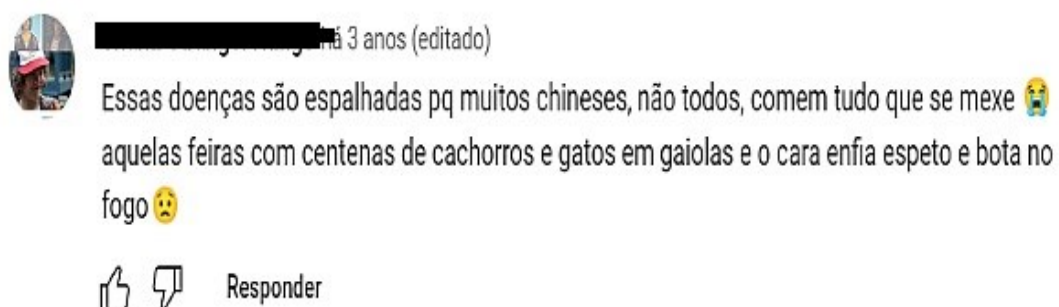


Figura 18 - - Mito do Perigo Amarelo e Sinofobia. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

Os comentários da figura (17) acima foram produzidos por brasileiros e acionam o julgamento aos hábitos alimentares dos chineses, além de culpabilizar estes indivíduos pela pandemia. Este tipo de comentário é o que mais se apresenta para o vídeo selecionado. Temos, nestas manifestações do imaginário de alguns brasileiros acerca dos “modos não civilizados” (Orientalismo, Edward Said, 2007), inflados pela afirmação de uma autoridade política²⁰ diante do contexto de medo e insegurança, demonstrações de apegos irracionais aos nossos hábitos pessoais, hábitos moldados por nossa cultura. Outra questão importante é o fato de que se o conteúdo está na Internet ele sumariamente será verdadeiro, conforme escreveu um dos seguidores. A manifestação do imaginário de alguns brasileiros acerca dos “modos não civilizados”, inflados pelo discurso de uma autoridade política diante do medo e da insegurança, revela a prevalência de apegos irracionais aos nossos hábitos pessoais, moldados por nossa cultura. Além disso, a crença cega na veracidade de conteúdos da internet é outra questão relevante destacada por um dos seguidores.

2) Mito do “Perigo Amarelo” e Sinofobia

Dentre os exemplos recortados por nós para as diversas manifestações de alguns dos imaginários acerca dos chineses, durante a pandemia, consideramos importante dar destaque a estes dois exemplos a seguir que citam o mito do “Perigo Amarelo” e o conhecimento acerca do termo “sinofobia” para denominar o sentimento antichinês que emergiu no ambiente digital no contexto pandêmico. A importância deste recorte se dá pela baixa ocorrência de menção a estes termos, rastro que lemos como resultante do pouco conhecimento acerca dos termos “sinofobia” e “xenofobia”.

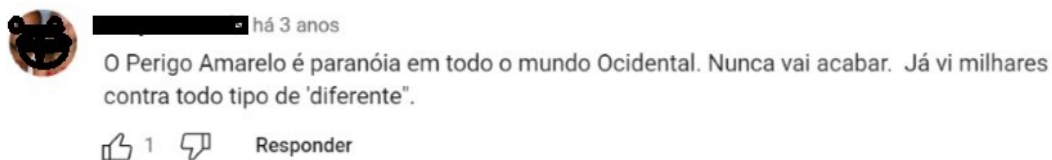


Figura 19– Perigo Amarelo. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

²⁰ Bolsonaro volta a insinuar que a China teria criado o coronavírus propositalmente. Link: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/05/05/bolsonaro-volta-a-insinuar-que-a-china-teria-criado-o-coronavirus-propositalmente.ghtml>. Acesso em 20 de outubro de 2024.

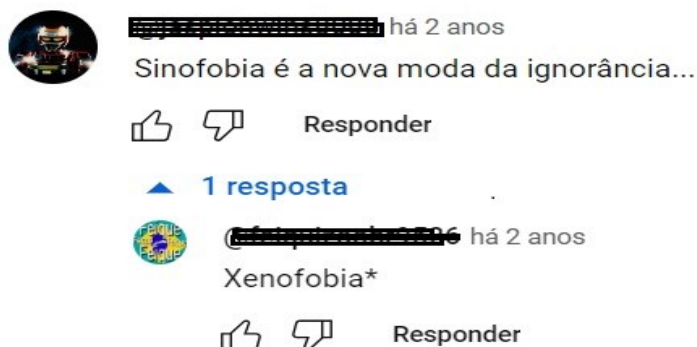


Figura 20 - Sinofobia. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

Um dos usuários da plataforma participa do debate com o intuito de corrigir o uso do termo sinofobia para “xenofobia” (figura 20) e aqui não sabemos se isso se deu pelo desconhecimento do significado da palavra “sinofobia”, que é específica para o preconceito destinado aos chineses, ou se pela intenção de utilizar um termo mais conhecido para tratar de preconceito contra uma raça, etnia. O próprio percurso de nossa pesquisa nos levou ao conhecimento do termo sinofobia, visto que não é uma palavra comumente utilizada e tampouco se fala sobre o racismo e microagressões raciais destinado a pessoas de origem chinesa. A sinofobia, descrita como o medo, aversão, preconceito ou hostilidade direcionada à China, aos chineses ou à cultura chinesa, é uma atitude que pode se manifestar de várias maneiras, incluindo discriminação racial, estereótipos negativos, sentimentos antichineses e, em alguns casos, hostilidade política. A sinofobia pode ser potencializada pelo mito do “Perigo Amarelo”.

3) Brasil falando de “Brasis”

Os comentários selecionados para este tópico em que os hábitos alimentares de nordestinos e nortistas foram citados como comparativo aos hábitos alimentares chineses foram lidos, inicialmente, com um sentimento de surpresa por esta pesquisadora, mas esse sentimento não durou por muito tempo. O racismo estrutural brasileiro é latente e a xenofobia contra nordestinos e nortistas é assunto nos jornais todos os anos. Surpresa tivemos por encontrar este assunto atrelado à discussão sobre hábitos alimentares de uma nação tão distante como a China.

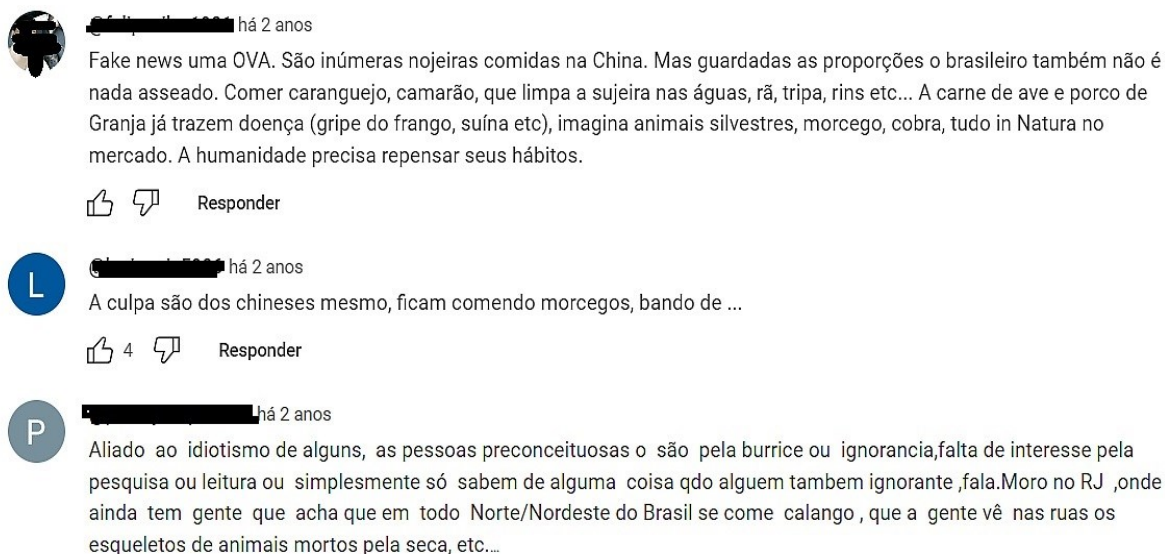


Figura 21 - Brasil falando de “Brasis”. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

A partir disto, refletir que esta dimensão geográfica poderia nos tornar de certa forma “estrangeiros” de um mesmo país foi um elemento desafiador. A xenofobia contra nordestinos e nortistas nos últimos anos, devido ao nosso contexto político, vinha acompanhada do estigma de que são indivíduos com baixa escolaridade e que, por este motivo, não sabem escolher os seus representantes políticos.

Citamos ainda a acusação de que o fluxo migratório do Norte para o Sul do Brasil seria prejudicial para a economia dessas regiões de destino, sem adentrarmos em temas mais obscuros como a indesejável mistura de culturas resultante do convívio com estas pessoas. No entanto, esta reflexão não se esgota aqui, pois, como vimos, os hábitos alimentares, especificamente de pessoas que moram no interior e zona rural do Brasil, também são citados como hábitos perigosos e não civilizados.

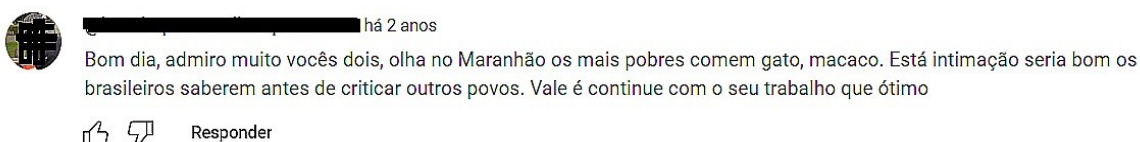


Figura 22- Brasil falando de “Brasis”. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

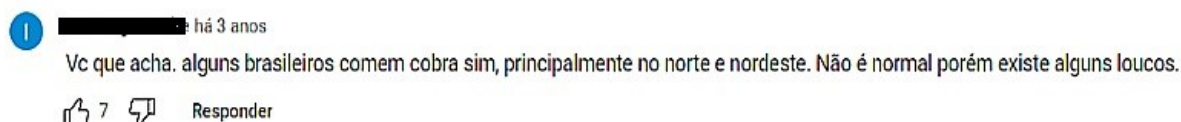


Figura 23- Brasil falando de “Brasis”. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

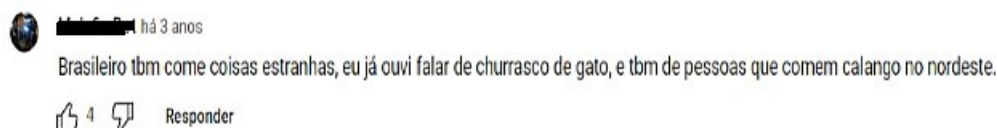


Figura 24 - Brasil falando de “Brasis”. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

O Brasil é um país de dimensões continentais e de origens raciais múltiplas. A partir dessas breves materialidades discursivas, encontramos elementos que nos falam não só sobre a invenção do Oriente pelo Ocidente (Edward Said, 2007), sobre o Orientalismo, mas que nos falam também da potência das trocas e dinâmicas culturais regionais e da ausência dessa partilha ocasionada por inúmeros elementos, dentre eles, o fator de contexto histórico e contexto político.

Goffman (1988), ao tratar sobre o estigma direcionado a nações, religiões, estigmas tribais de raça, pontou que eles não estão exatamente inscritos no indivíduo, mas fazem parte do comportamento de um grupo em um dado contexto social. Há menções de hábitos alimentares distantes e próximos geograficamente (conforme *print* abaixo) feitos pelos usuários no vídeo em análise neste estudo. A complexidade dessa dinâmica comunicacional acerca do mesmo tema nos traz contratos de comunicação que se reafirmam, que se apartam, que se renovam.

Esses preconceitos refletem a invenção do Oriente pelo Ocidente e ressaltam a potência das trocas culturais regionais, influenciadas pelo contexto histórico e político. A análise de Goffman sobre estigmas revela que tais concepções não são inerentes aos indivíduos, mas resultam do comportamento social em determinados contextos. A complexidade dessas dinâmicas comunicacionais ressalta a constante negociação e renovação dos contratos de comunicação.

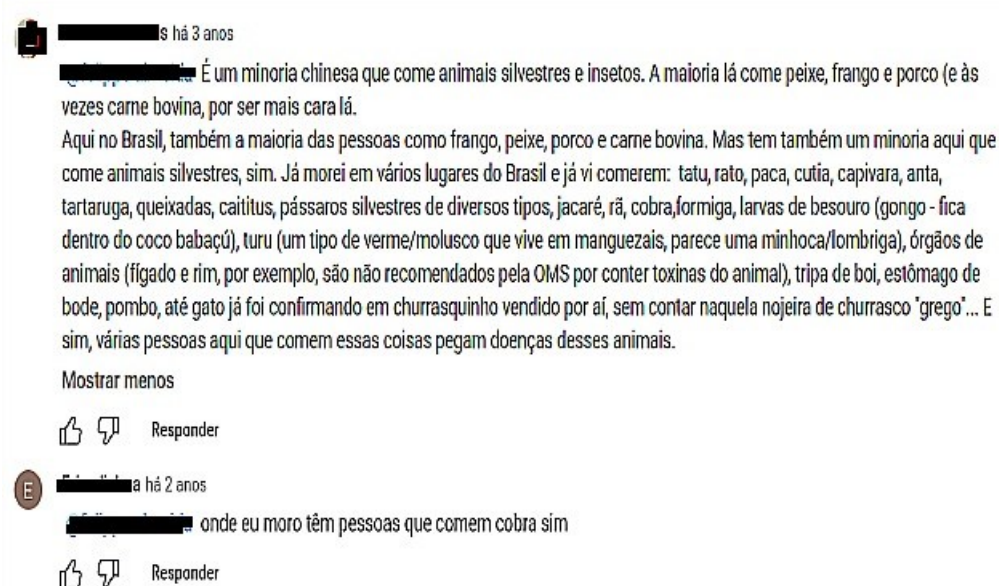


Figura 25- Brasil falando de “Brasis”. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

O contexto pandêmico trouxe para o debate hábitos tribais de raças (Goffman, 1988), hábitos de populações, que antes não estavam sob os holofotes. A ameaça biológica de um vírus mortal em escala mundial movimentou o imaginário daqueles que acompanhavam o canal Pula Muralha em relação ao que estava distante, ao desconhecido, mas também fez emergir o que alguns de nós pensamos sobre o outro em relação a seus hábitos de limpeza, modo de vida, e alimentação. Nesse balaio de costumes, entramos na mira, todos nós, com nossas diferenças advindas do local de nascimento, do preconceito, do medo do desconhecido numa situação extrema em que não sabíamos se iríamos sobreviver.

4) Eles são fofos, lindos e admiráveis

O fascínio pelos chineses é acompanhado por curiosidade e por um estereótipo positivo. Eles são idealizados de maneira que nunca poderão corresponder na realidade, especialmente em relação às suas origens, hábitos e personalidade, vistos como fofos e passivos. A dificuldade de comunicação com brasileiros é frequentemente justificada pelo comentário "falam muito pouco o português". Não há intenção de julgamento nessa observação sobre sua postura.

Importante lembrar, que estereótipos e fantasias eram a base do imaginário brasileiro durante o Brasil Império, que construíra um Orientalismo de matizes nativas, de acordo com André da Silva Bueno (2022). Este fascínio é parte da ambivalência do estereótipo produzido em relação a populações orientais presentes no estudo de Bueno (2022) e em nosso *corpus* de pesquisa, pois há uma outra face desse fenômeno social que pode simplesmente ojerizar e detestar estes indivíduos.

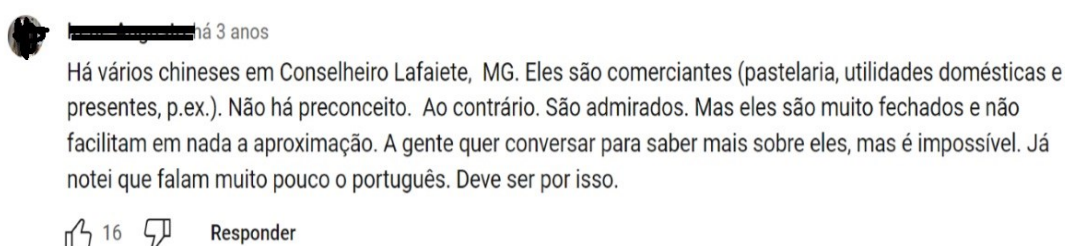


Figura 26- Fofos, lindos e admiráveis. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

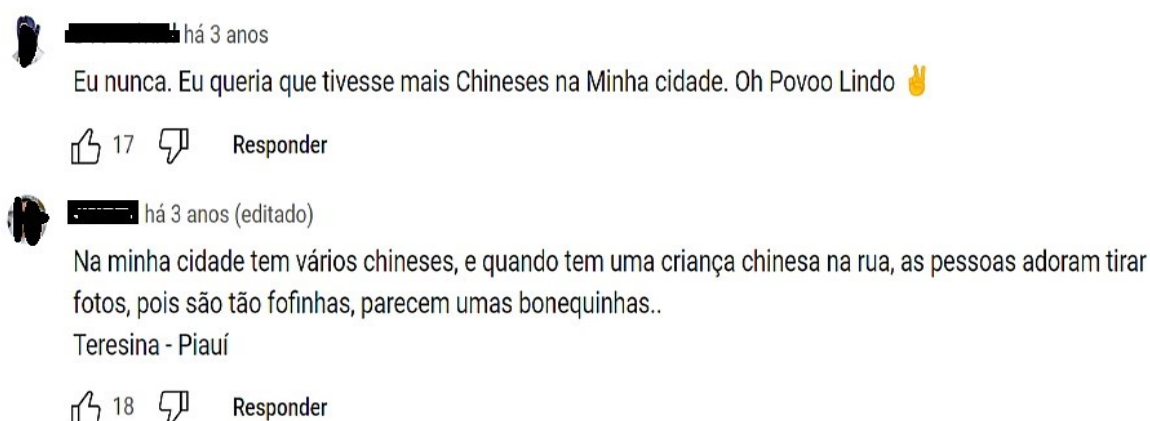


Figura 27- Fofos, lindos e admiráveis. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

Os estereótipos são representações socialmente compartilhadas indispensáveis para toda ação comunicativa. A construção e os usos dos estereótipos são um processo “natural” habitual e necessário ao convívio em sociedade. Segundo Patrick Charaudeau (2017), o conceito de estereótipo se refere a uma imagem simplificada e padronizada que é aplicada a um grupo ou categoria de pessoas, frequentemente ignorando a individualidade e as variações dentro desse grupo. Esses estereótipos

são construídos e reforçados socialmente, servindo como uma forma de categorização rápida, mas muitas vezes incorreta ou injusta, das características de um grupo. Charaudeau (2017) enfatiza que os estereótipos podem ser positivos ou negativos, mas ambos tendem a distorcer a realidade ao exagerar ou simplificar as qualidades atribuídas ao grupo em questão.

5) Pontos inegociáveis: consumo de carne de cachorro



Figura 28- Carne de cachorro. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

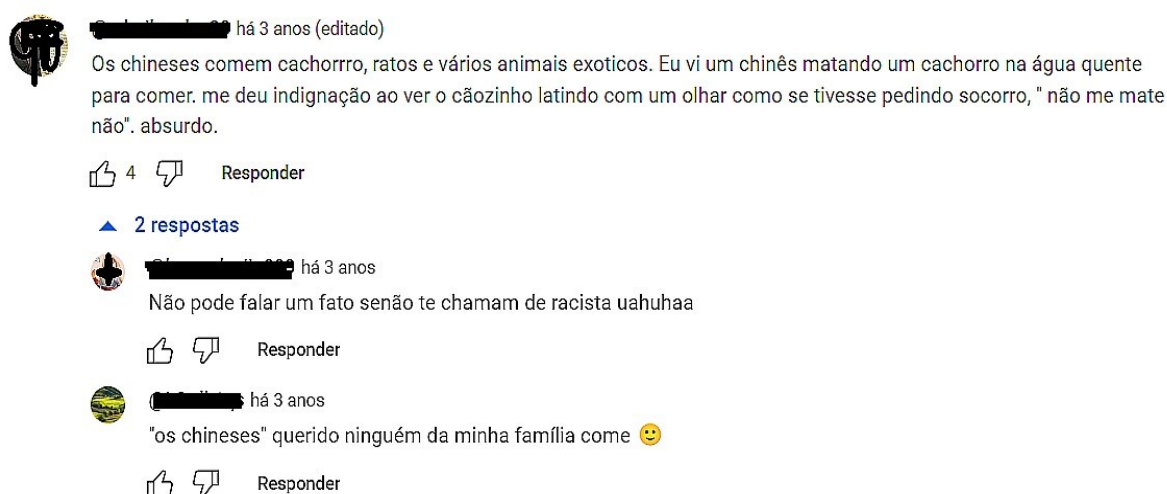


Figura 29- Carne de cachorro. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

Antes mesmo de chegarmos à constatação do grande tabu e alto número de comentários sobre o consumo de carne de cachorro, fomos alertados, em nossa conversa com a professora de mandarim, *Sisi Lao*, em março de 2023, de que este era o ponto de maior tabu para os brasileiros em relação aos hábitos chineses, com base na sua interação com estas pessoas pela plataforma *Youtube*.

O hábito de consumir carne de cachorro é uma realidade na China, mas é um hábito que, atualmente, faz parte do cardápio de uma minoria da população chinesa. Este estereótipo é bastante reforçado pela mídia, principalmente, por meio de vídeos, que circulam nas Redes Sociais e Plataformas digitais, que trazem registros audiovisuais do Festival da Lichia e da carne de Cachorro, que acontece todo dia 21 de junho, em Yulin, uma localidade situada ao sudeste da Região Autônoma Zhuang de Quancim (China). As imagens deste festival circulam em vários lugares do mundo e ajudam a reforçar o estereótipo de que todos os chineses consomem carne de cachorro, o que não é verdade, assim como não é verdade que todos os chineses consomem carne de morcego.

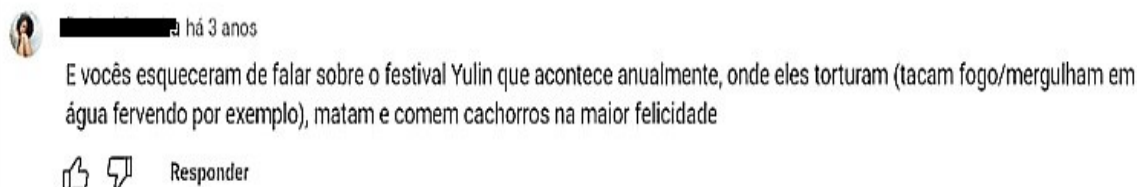


Figura 30- Cultura alimentar. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

O Festival da Lichia e da carne de Cachorro (Figura 30) foi mencionado dentre os comentários analisados em nosso *corpus* em meio a comentários que questionavam tanto o consumo de carne de cachorro quanto a higiene de comer este tipo de carne. Este é um assunto delicado e sensível até para a própria população chinesa que, em sua maioria, não consome carne de cachorro.

A prática do consumo de carne de cachorro na China (ela também é consumida em outros países da Ásia, como a Tailândia) remonta a um período por volta de 1700 a. C., e à região norte do país. Segundo Liu (2020), a partir de consulta a recursos documentais disponíveis, os cães domésticos apareceram pela primeira vez no Neolítico Médio da China, e tornaram-se um dos principais rebanhos pecuários, desempenhando um papel muito importante já nas dinastias Xia, Shang e Zhou.

Na tentativa de justificar o posicionamento contra o consumo desta carne, são utilizados toda a ordem de argumentos, em especial, a questão da higiene (menciona-se, por exemplo, a existência de bactérias), classificando o ato como nojento. Em

contraposição, há o argumento de que é um hábito cultural e, portanto, precisaria ser respeitado.

Há outros elementos que contam a história da origem do consumo desse tipo de carne por uma parcela de chineses, mas este assunto, contextualizado no século XXI, é marcado por atos de ativismos durante este festival. Uma pesquisa encomendada pela *China Animal Welfare Association* mostrou que 62% dos chineses residentes na China acreditam que o Festival que acontece anualmente em Yulin é um evento vergonhoso para a nação.

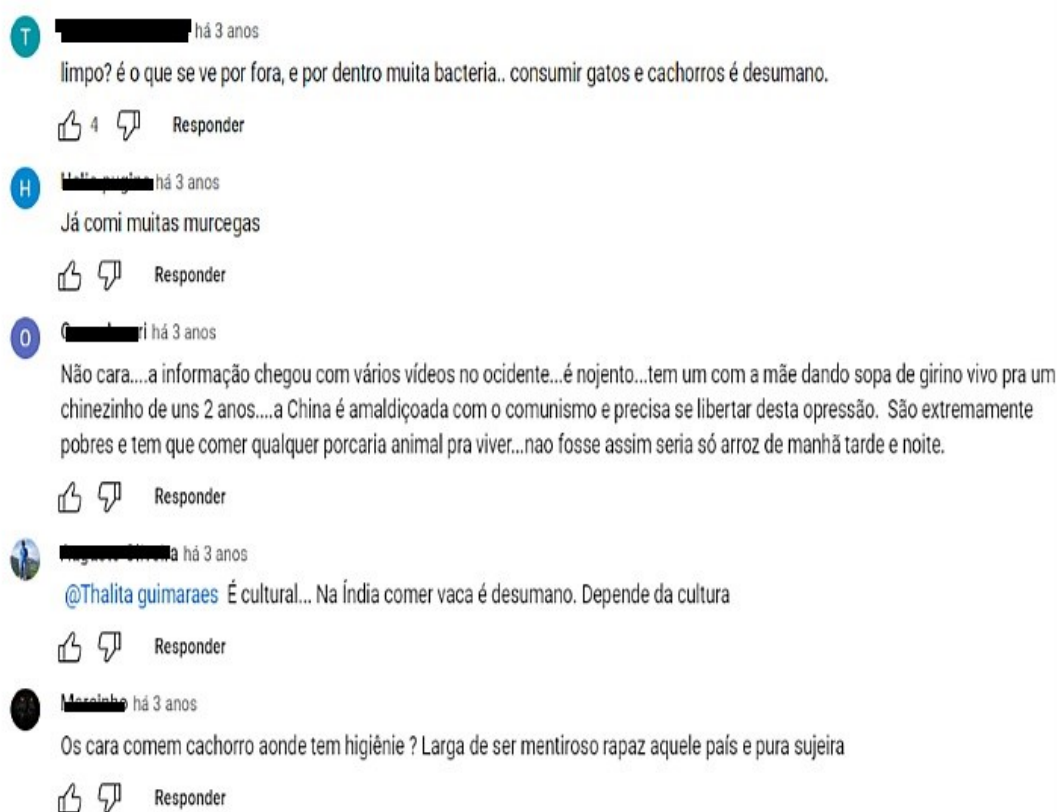


Figura 31 - Festival da Lichia. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha

O festival, mencionado em comentários analisados, suscita debates sobre questões de higiene e ética, evidenciando a sensibilidade do tema mesmo entre os próprios chineses, a maioria dos quais não participa desse tipo de consumo. Embora a prática remonte a períodos históricos antigos na China, o contexto atual é marcado por ativismos e movimentos contra o festival de Yulin, refletindo a crescente consciência sobre o bem-estar animal e os valores culturais contemporâneos.

É importante mencionar que o festival não é tradicional – foi criado por comerciantes de cães em 2010 para aumentar os lucros e, embora milhares de cães morram todos os anos em Yulin, a *Humane Society* diz que cerca de 30 milhões de outros são mortos em toda a Ásia por sua carne a cada ano. Uma petição no *site* <https://www.change.org/> para encerrar o festival reuniu 2,5 milhões de assinaturas²¹, e não há evidências científicas de que o comércio de carne de cachorro não contribua para a propagação da raiva e o risco de cólera.

Há ainda relatos de resgate de cães durante o Festival em Yulin como o de uma ativista²² de 65 anos e originária de Tianjin (nordeste), pagou US\$ 24 para salvar do sacrifício e consumo 360 cachorros e dúzias de gatos no Festival da Lichia e da Carne de Cachorro de Yulin. Celebidades chinesas têm participado de atos que apoiam a interrupção do evento fato que vem ganhando força a cada ano. Recentemente, o governo chinês tem tomado medidas para desestimular o consumo de carne de cachorro, refletindo uma mudança cultural e de políticas em resposta às crescentes preocupações com o bem-estar animal.

Em 2020, o Ministério da Agricultura e dos Assuntos Rurais da China excluiu cães da lista oficial de animais considerados gado, um passo significativo que indicou o reconhecimento de cães como animais de companhia, e não como alimento. Algumas cidades, como Shenzhen e Zhuhai, já proibiram formalmente o consumo de carne de cachorro, e há um movimento crescente em nível nacional para erradicar essa prática, impulsionado tanto por questões éticas quanto pela mudança de percepções sociais.

Até aqui nos dedicamos a análise qualitativa dos comentários que apontam para imaginários sociodiscursivos sobre os chineses no Brasil, especificamente aos imaginários acionados no período da pandemia por Covid-19. Durante a pandemia o imaginário sociodiscursivo dos brasileiros em relação aos chineses foi uma combinação complexa de curiosidade, estereótipos e desconfiança. Com o surgimento do vírus na China, muitos brasileiros associaram a origem da pandemia ao país, o que gerou preconceitos e atitudes discriminatórias.

²¹ Ativistas reúnem 11 milhões de assinaturas contra festival de carne canina na China. Link: <https://veja.abril.com.br/mundo/ativistas-reunem-11-milhoes-de-assinaturas-contrafestival-de-carne-canina-na-china>. Acesso em 30 de novembro de 2024.

²² Ativista salva 400 cães que seriam abatidos em Festival na China. Link: <https://jovempan.com.br/noticias/ativista-salva-400-caes-que-seriam-abatidos-em-festival-na-china.html>. Acesso em 10 de outubro de 2024.

A pandemia intensificou tanto os preconceitos quanto a curiosidade sobre a China, moldando de maneira complexa as percepções dos brasileiros em relação aos chineses. No próximo subcapítulo traremos recortes do *corpus* que apontaram para situações de microagressões raciais (Sue et al, 2007) que se alimentam dos estereótipos negativos e estigmas em relação aos chineses no período da pandemia. Atos de ódios materializados em discurso no ambiente digital. Ressaltamos que as plataformas digitais, muitas vezes, falham em moderar esses comportamentos, contribuindo para a propagação de conteúdos tóxicos e polarização social. Essa dinâmica não só afeta negativamente as vítimas, mas também deteriora o ambiente digital como um todo, minando a confiança e a civilidade nas interações online.

5.4. Relatos de microagressão racial

Ao nosso olhar alguns comentários dialogavam de maneira diferente com o conteúdo do vídeo e também com a pergunta feita pela professora, *Sisi Lao*. São comentários que relatam experiências de hostilização, julgamento, dentre outras ações que associamos a situações de microagressões raciais. Microagressão racial (Sue et al., 2007) refere-se a comportamentos, comentários ou atitudes sutis e, muitas vezes, inconscientes que transmitem preconceitos e hostilidades em relação a indivíduos de grupos raciais minoritários.

A pesquisa de Sue *et al.* (2007) foi realizada pela observação de comportamentos no cotidiano e não num ambiente virtual. Atentamos para o movimento que faremos ao tentar visualizar tais manifestações na dimensão do discurso, e acredito que por este motivo, os recortes são de relatos de situações experienciadas pelos seus interlocutores que são as vítimas dessas microagressões ou que foram observadores desses eventos em que outra pessoa foi vítima.

Esses atos não são necessariamente intencionais, mas refletem estereótipos e discriminações arraigadas na sociedade. Exemplos de microagressões incluem perguntar repetidamente a uma pessoa de ascendência asiática de onde ela realmente é, implicando que ela não pode ser do país onde reside, ou elogiar a elocução de uma pessoa negra de forma condescendente, insinuando surpresa por sua habilidade linguística. Tais interações, embora aparentemente insignificantes,

acumulam-se ao longo do tempo, contribuindo para um ambiente de exclusão e desvalorização dos indivíduos afetados.

Temos as seguintes categorias de conceitos de microagressões raciais (Sue et al., 2007), a saber:

- **Microgressão** – São breves e comuns indignidades verbais, comportamentais ou ambientais, sejam elas intencionais ou não, que comunicam insultos hostis, depreciativos ou negativos a pessoas de cor. Essas ações ou comentários são geralmente sutis e podem parecer inofensivos para o perpetrador, mas têm um impacto significativo sobre as pessoas que as experienciam;
- **Microinsulto** – É um tipo específico de microgressão que inclui comunicações rudes ou insensíveis que degradam a identidade racial ou a herança de uma pessoa. Estes são frequentemente disfarçados como elogios ou comentários aparentemente positivos, mas carregam conotações negativas e reforçam estereótipos raciais. Por exemplo, dizer a uma pessoa asiática que "seu inglês é muito bom" pode implicar que é surpreendente que ela fale bem o idioma, assumindo que sua origem não seria compatível com isso;
- **Microinvalidação** – Refere-se a comunicações que excluem, negam ou anulam os pensamentos, sentimentos ou experiências da pessoa de cor. Isso pode incluir a negação de que o racismo existe ou minimizar as experiências de discriminação racial que alguém enfrenta. Por exemplo, quando alguém diz "Eu não vejo cor" ou "O racismo não é mais um problema", isso invalida as experiências de quem lida com o racismo diariamente.

Fizemos nossa escolha a partir de comentários que afetavam aos chineses e/ou aos seus descendentes sino-brasileiros por sua aparência, desenvoltura social, forma de falar, julgamentos que na essência poderiam traduzir-se na vida fora do ambiente virtual como um olhar que constrange, exclusão, isolamento social, manifestações verbais. Selecionamos comentários que refletiam estereótipos e preconceitos dirigidos aos chineses e sino-brasileiros, abordando sua aparência, comportamento social e forma de expressão, cujos impactos extrapolam o ambiente virtual para manifestações de constrangimento, exclusão e isolamento social.

1) Traço fenotípico e estereótipos

Os traços fenotípicos de uma raça, como cor da pele, formato dos olhos, textura do cabelo e outras características físicas, têm uma relação profunda com os estereótipos raciais. Esses estereótipos são construções sociais que atribuem atributos, comportamentos e capacidades a indivíduos com base em suas características físicas. Os estereótipos são perpetuados através de narrativas culturais, mídia, e políticas institucionais, reforçando desigualdades sociais. Assim, características fenotípicas tornam-se marcadores visíveis que ativam preconceitos e discriminam, influenciando profundamente a forma como indivíduos são percebidos e tratados na sociedade.

Diante do comentário de uma seguidora, indígena da comunidade Maxakali, nos atentamos ao recorte reducionista das mídias para os rostos chineses com o uso de máscaras “olhos em destaque”. Imagens de chineses usando máscaras foram destaque principalmente no início da pandemia, quando a doença ainda não havia se espalhado pelo mundo de forma significativa que alarmasse a população. A ameaça concentrada no território chinês, simbolicamente e potencialmente nos corpos chineses. Caso o enfoque das mídias fosse multirracial, afinal vivenciamos uma pandemia, muito provavelmente não teríamos uma mulher indígena como vítima de olhares hostis por conta de sua característica fenotípica de “olhos puxados”.

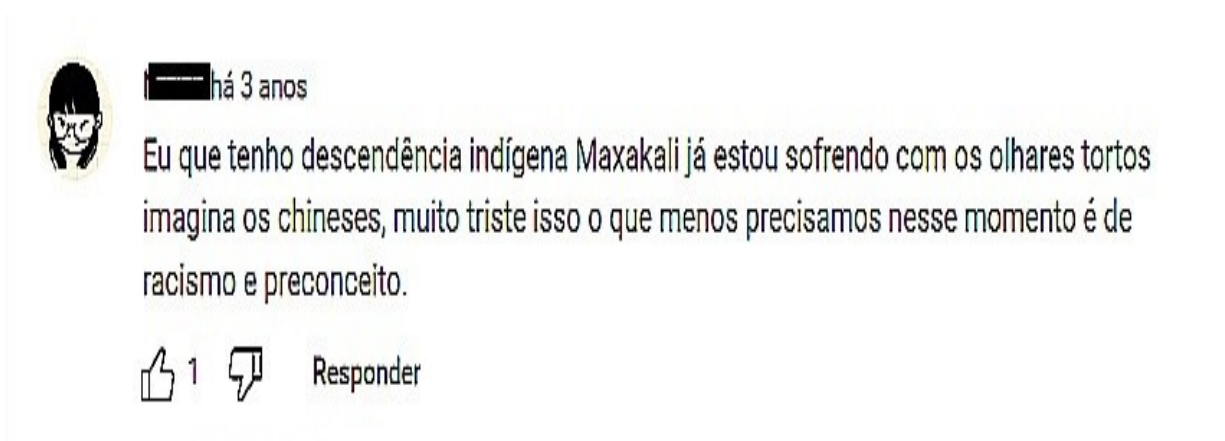


Figura 33- Descendente indígena relata que sofreu microagressão por causa do traço fenotípico dos olhos puxados, que se assemelham aos olhos dos chineses. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

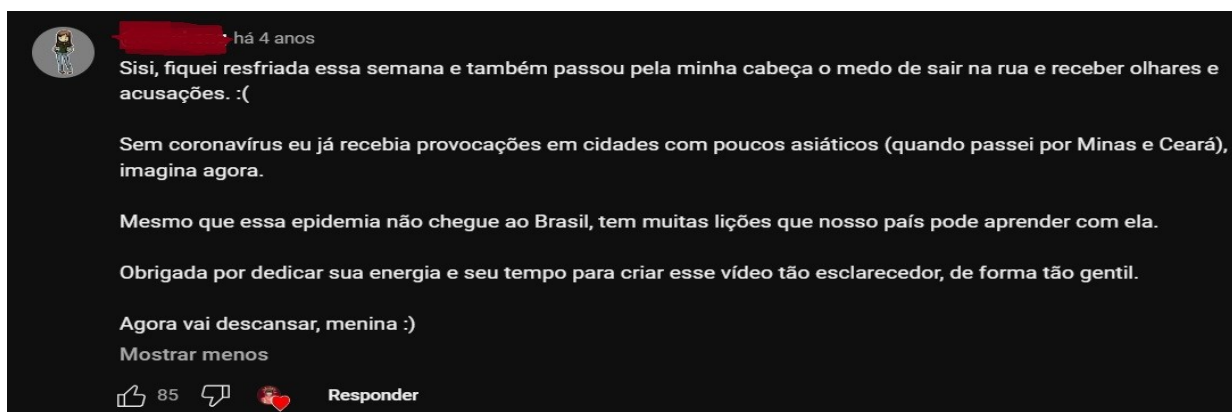


Figura 34 - Relato de um possível microinsulto ao falar que sofre “provocações” em cidades com poucos asiáticos no Brasil. Fala do medo de sair de casa e sofrer hostilização por estar resfriada. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

As origens multiculturalistas e raciais, que estão na base na formação do povo brasileiro, ocasionou episódios como o comentário (figura), que afirmou ter sofrido um microagressão pelo fato do agressor ter assimilado a sua aparência ao povo chinês. Este dado nos leva a perceber que o insulto e agressão baseados na aparência física durante a pandemia não atingiu somente pessoas com ascendência asiática, indígenas (pelo fato de terem os olhos puxados), mas pessoas diversas, com traços raciais similares aos corpos indesejáveis – naquele momento – e com potencial contaminante, segundo a crença de determinados indivíduos.

Temos também o relato de uma seguidora que não explica se é asiática ou descendente de asiáticos, mas que deixa claro que sofre com olhares hostis quanto a sua aparência em lugares com poucos asiáticos (aqui consideramos que sejam asiáticos oriundos do Leste Asiático) em período antes da pandemia por Covid-19, (figura 34).

2) Chineses em solo brasileiro

Segundo relatório publicado pelo grupo *Stop AAPI Hate*²³ (militância asiática) a violência contra asiáticos aumentou de forma preocupante desde o início da pandemia e os principais alvos de ataques são crianças, idosos e mulheres. A maioria das agressões são xingamentos e humilhações verbais.

²³ Link: <https://stopaapihate.org/>.

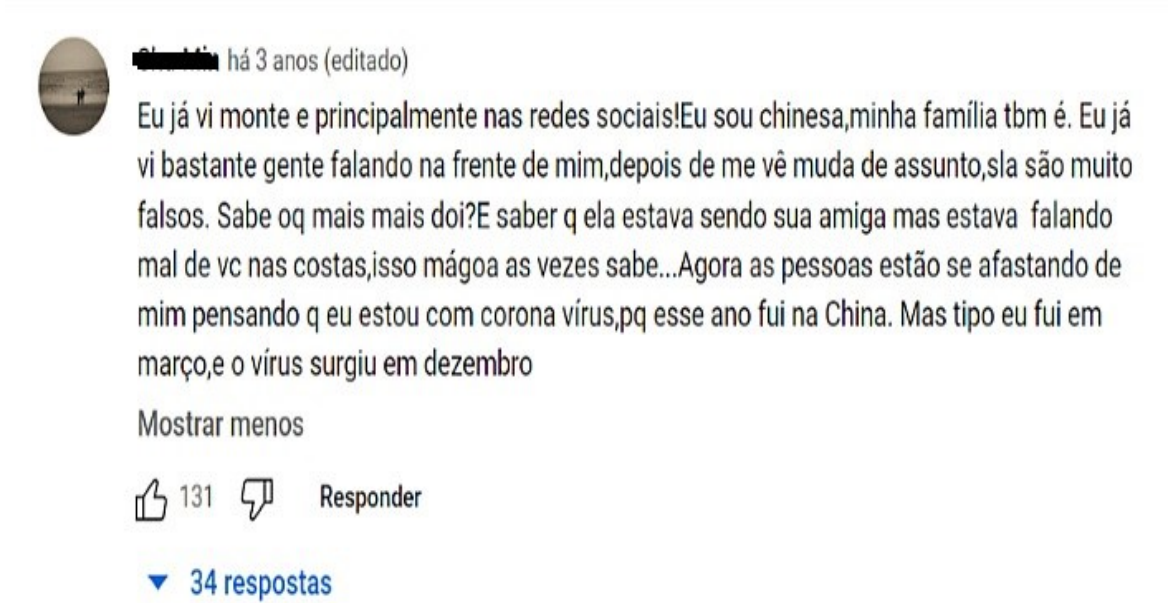


Figura 35- Relato de microagressão em que há a percepção de comentários a seu respeito (vítima) que se cessam na sua presença. Há também a percepção de um comportamento evitativo após o retorno de sua viagem à China em período anterior ao surgimento da Covid-19.

No Brasil, tivemos vários relatos de violência que ganharam espaço na mídia, como, no exemplo já citado anteriormente de uma moça de 19 anos (descendente de japoneses) teve álcool borrifado em seu rosto por uma colega de trabalho. Como descrito, a agressão aconteceu em março de 2020, em São Paulo, e foi acompanhada por comentários da agressora como “Estou com a coronavírus aqui do lado”, “Olha a infectada”.

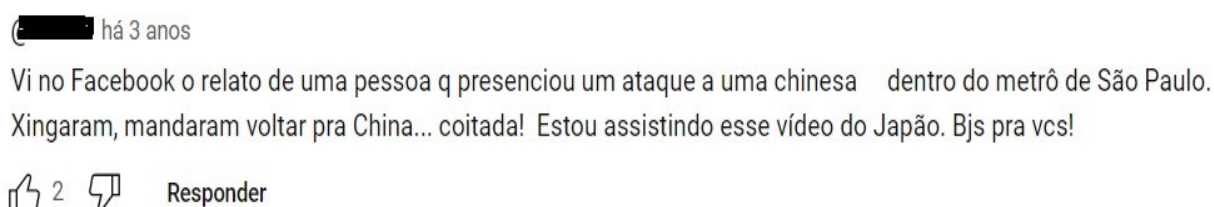


Figura 36- Seguidora compartilha o viu no Facebook sobre microinsulto direcionado a uma chinesa no metrô de São Paulo. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

Este é um relato preocupante de agressão direcionada a uma mulher chinesa no Brasil, o que gerou preocupação e indignação da comunidade asiática²⁴. Esses ataques foram amplamente atribuídos à disseminação de estereótipos e preconceitos associados à origem étnica, exacerbados pelo clima de tensão global em torno da pandemia de COVID-19.

3) Minoria modelo e racismo moderno

O comentário em análise (figura 37) pode ser lido como um exemplo do estereótipo da “minoria modelo” termo amplamente disseminado pela imprensa norte-americana nas décadas de 60 e 70, período de bastante movimentação nas reivindicações de direitos da população negra nos Estados Unidos. Há pesquisadores que entendem a minoria modelo como oposição à ideia do “Perigo Amarelo” e há pesquisadores que a compreendem como uma dialética, contínuo do estereótipo do “Perigo Amarelo”. O termo "minoria modelo" foi popularizado pelo sociólogo William Petersen em um artigo²⁵ publicado em 1966 no The New York Times Magazine.

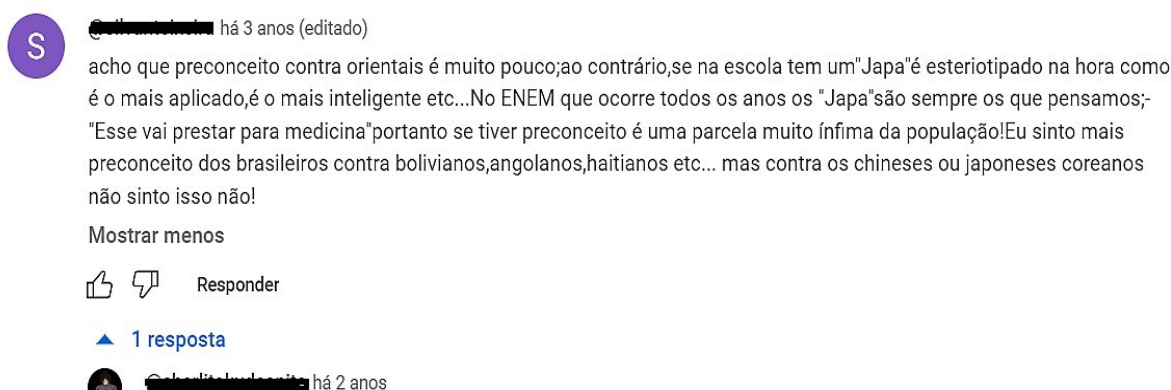


Figura 37- Neste relato o usuário pratica a microinvalidação ao afirmar que o preconceito contra os orientais não ocorre no Brasil. A microinvalidação se baseia no discurso da “minoria modelo”. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

²⁴ Preconceito contra asiáticos e seus descendentes cresce no Brasil durante a pandemia. Link: <https://agenciauva.net/2022/07/12/preconceito-contra-asiaticos-e-seus-descendentes-cresce-na-pandemia-no-brasil/>. Acesso em 25 de abril de 2024.

²⁵ Success Story, Japanese-American Style; Success Story, Japanese-American Style. Link: <https://www.nytimes.com/1966/01/09/archives/success-story-japaneseamerican-style-success-story-japaneseamerican.html>. Acessado em 01 de maio de 2024.

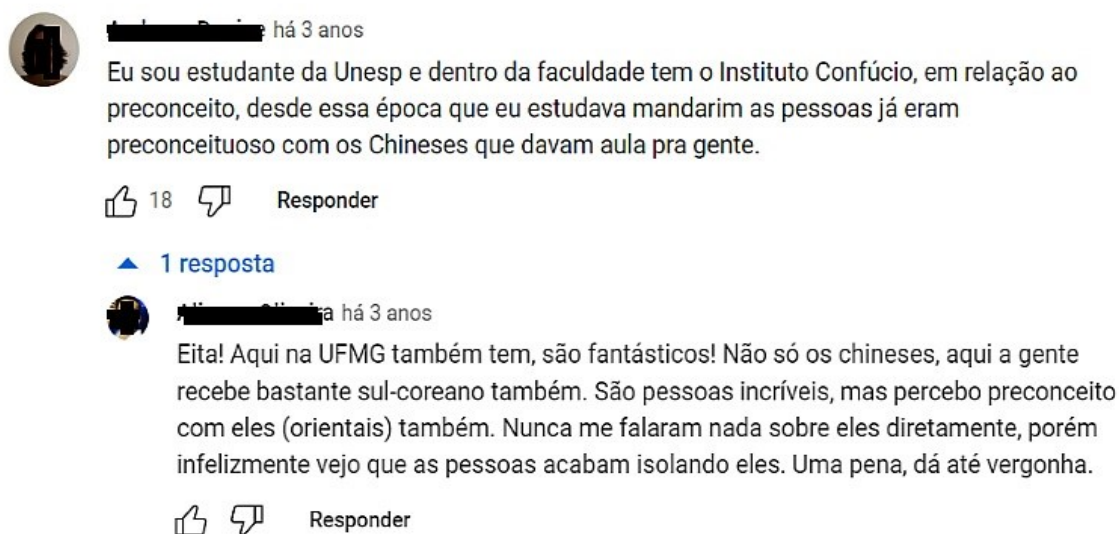


Figura 38 - O primeiro relato menciona que presenciou preconceito direcionado aos chineses professores de mandarim na Unesp. O segundo relato descreve percepção de isolamento de estudantes chineses na UFMG. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”.

O artigo intitulado "Success Story: Japanese American Style" destacou o sucesso econômico e educacional dos japoneses-americanos, contrastando-o com outras minorias, em particular os afro-americanos. Petersen argumentou que os japoneses-americanos superaram adversidades sem depender de assistência governamental ou movimentos de direitos civis, sugerindo que outras minorias deveriam seguir seu exemplo. Em nosso *corpus* de análise este argumento também é utilizado para negar a existência de preconceito contra asiáticos, e neste quadro também contra os chineses.

A produção de discursos a partir do estereótipo do “Perigo Amarelo” surge nos Estados Unidos da América na década de 60, principalmente por um interesse de oposição ao movimento de luta por igualdade racial. A ideia de que há uma minoria racial que não precisaria de políticas públicas e ajuda do Estado, e que ainda assim conseguiria obter sucesso financeiro e profissional, minoria que preza por valores familiares, era utilizada no contexto norte-americano como discurso de oposição à luta por igualdade racial travada pela população negra. Cria-se também uma disputa entre minorias.

De acordo com Higa (2015), a minoria modelo foi usada como na comparação, implícita e explicitamente, entre asiáticos e negros. Torna-se modelo de racismo ao

colocar em disputa minorias racializadas numa estrutura que beneficia a raça branca e a cultura eurocêntrica. Para o autor, Walter Mignolo (2017), o racismo moderno tem um só propósito que é o de classificar como alheia e inferior ao domínio do conhecimento sistemático todas as línguas que não sejam o latim, grego e as seis línguas europeias modernas com o intuito de manutenção do pensamento Renascentista e a Ilustração Europeia. Racismo e xenofobia contra asiáticos não são fenômenos inéditos, mas, no contexto da pandemia, houve um aumento dessas tensões em determinadas regiões do mundo. Respeitadas as particularidades locais que atravessam o fenômeno, é inegável que, durante a pandemia, pessoas com fenótipos de países do leste asiático passaram a ser alvo de insultos e de violência nas ruas e nas Redes Sociais Digitais.

A disputa implícita entre minorias racializadas, segundo Higa (2015) alimenta intolerâncias e ocasiona menos abertura para o compartilhamento de experiências com indivíduos que fariam parte de uma parcela da população que obtém privilégios proporcionados por sua origem. Esse fator atua como combustível para falas extremamente violentas como “Para entrar na USP, tem que matar um japonês”, como afirma a atriz brasileira, Ana Hikari, sobre sua experiência como brasileira com ascendência asiática. Ela afirma que esse tipo de comentário era comum até poucos anos atrás. O relato de Ana foi dado em entrevista publicada em 2021²⁶.

5.5. Diálogos sobre os imaginários sociodiscursivos

Neste subcapítulo, trazemos um recorte de diálogos que se destacaram por trazer elementos que não respondiam ao questionamento da *youtuber*, Sisi Lao, são elementos que fazem parte dos imaginários sociodiscursivos sobre a China e os chineses que não estão diretamente relacionados a pandemia.

Charaudeau (2007) sugere que os imaginários sociodiscursivos são moldados pela interação entre sujeitos sociais, que utilizam a linguagem não apenas para comunicar informações, mas também para expressar identidades, ideologias e

²⁶ Preconceito amarelo: o que é e por que aumenta durante os vestibulares”. Guia do estudante abril, 08 de março de 2021. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/preconceito-amarelo-o-que-e-e-por-que-aumenta-durante-os-vestibulares>. Acesso em 15/06/2023.

relações de poder. Nos diálogos, os imaginários sociodiscursivos emergem através da escolha de palavras, narrativas e estruturas discursivas que refletem e reforçam as crenças e normas culturais. Assim, os diálogos tornam-se arenas onde os imaginários são negociados, desafiados e transformados, revelando as dinâmicas subjacentes de uma sociedade e as maneiras pelas quais os indivíduos e grupos buscam legitimar suas visões de mundo e posições sociais.

5.5.1 “Ah, o chinês da lojinha de coisa barata”

O comentário de um seguidor do canal (figura 39) traz à memória o tipo de negócio que muitos chineses abrem ao chegar no Brasil: lojas com produtos “made in china”, geralmente similares a produtos originais e/ou de qualidade questionável. Algumas pessoas utilizam o termo “xing ling²⁷” de forma pejorativa para se referir tanto aos produtos chineses quanto aos indivíduos dessa nacionalidade. Literalmente traduzido, “Xing” significa “Estrela” e “Ling” pode ser interpretado como “Zero”. Assim, a expressão “Xing Ling” poderia sugerir algo como “zero estrelas”, indicando baixa qualidade. Não encontramos registros de que este termo seja usado em outro lugar além do Brasil.

“O chinês do pastel”! Este estereótipo, segundo relatos não comprovados cientificamente, tem sua origem no final do século 19, quando imigrantes chineses passaram a preparar o rolinho primavera (comida chinesa preparada com massa frita) adaptado com recheios conhecidos pela população brasileira como a carne moída. Em relação ao pastel assado, conhecido também como pastel de feira, não há uma origem de certeza definida. Este comentário (figura 39) do canal relembra o estereótipo associado aos negócios chineses no Brasil, frequentemente caracterizados por lojas que oferecem produtos 'made in China', muitas vezes de qualidade duvidosa, o que pode levar ao uso pejorativo do termo 'xing ling'. Além disso, a figura do 'chinês do pastel' remonta ao final do século 19, quando imigrantes chineses adaptaram o rolinho primavera com recheios locais, uma narrativa que persiste até os dias de hoje.

²⁷ O que realmente significa 'Xing Ling'? Link: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/154349-realmente-significa-xing-ling.htm#:~:text=A%20tradu%C3%A7%C3%A3o%20literal%20de%20Xing,%C3%A9%20apenas%20utilizado%20no%20Brasil>. Acesso em 15 de fevereiro de 2024.



██████████ há 3 anos

Na minha cidade tem muita gente que fica "Ah o chinês da lojinha de coisa barata" ou "O chinês do pastel" Mas a maioria dos chineses que tem aqui são muito legais e bastante gente também gosta deles e as poucas famílias chinesas que tem aqui são muito legais sabe

- Porto Velho - Ro

Mostrar menos



Responder

Figura 39- Imaginários acerca do trabalho desempenhado pelos chineses em terras estrangeiras. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

5.1.2 Imigrantes chineses no Brasil: relações de conflito

As tensões inerentes ao contato entre indivíduos de culturas diferentes são fator de conflito nas relações humanas. Com base nos conceitos de Goffman (2006) sobre estigma depreendemos que os estigmas têm um efeito depreciativo de identidade por meio de ações sociais de determinados indivíduos com o objetivo de justificar a inferioridade do outro, diferente em seus costumes, origens. Os efeitos mais visíveis do estigma em relação ao outro “diferente”, podem ser descritos como descrédito pessoal, juízos de valor atribuídos a esta pessoa.

Para Goffman (2006), o termo estigma é usado em referência:

“a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso.” (Goffman, p.6, 2006).

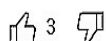
Os recortes de comentários deste tópico relatam situações de conflito no convívio entre chineses e brasileiros. São mencionadas situações que envolvem relações de trabalho em que os imigrantes chineses ocupam uma posição de poder por serem os patrões, crimes, e juízos de valor atribuídos a uma soberba, sentimento de superioridade inaceitável para alguns brasileiros devido ao fato destes indivíduos não compartilharem da nacionalidade brasileira.



██████████ há 3 anos

Eu vejo preconceito direto aqui onde moro na zona leste, más por parte de chineses que são mau educados e tratam os clientes com soberba como se fosse melhores que a gente, não posso generalizar mais os comerciantes chineses em SP são em sua maioria ladrões, sonegadores e porcos, quando comem cachorro lá na China são tratados pelos próprios como lixo, vem pro Brasil quase sempre de forma ilegal e agradecem dessa forma, sou totalmente a favor de limitar em 90% estrangeiros no País, e deportar imediatamente todos estrangeiros ilegais sumariamente, quer vir pra cá vem agora pra trabalhar e pra comprar e de forma legal e não aos milhões como acontece hoje

Mostrar menos



Responder

Figura 40- Estereótipos sobre os chineses e desejo de conter as migrações. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

Há comentários de que os chineses são sonegadores de impostos, são porcos, e maltratam os funcionários (embora a pessoa que relata faça a ressalva de que não é um comportamento da maioria dos chineses). As atitudes mencionadas são injustificáveis, desumanas e até mesmo classificadas como crime pelas leis brasileiras. A seguidora menciona fato ocorrido no Rio de Janeiro em 2013, noticiado em vários veículos da imprensa²⁸. O Ministério Público do Trabalho, MPT, procedeu a investigação da denúncia mencionada que resultou em condenação para os envolvidos.

Esse caso, especificamente, aparece em nossa pesquisa como o mais grave nos últimos 10 anos envolvendo chineses, situação de trabalho análoga à escravidão e infrações sanitárias. O estabelecimento tinha como dono o chinês, *Van Ruilonc*, de 32 anos, que foi julgado e condenado. Na época, as investigações apontaram para um esquema de quadrilha formada por chineses residentes no Rio de Janeiro acusados de aliciar pessoas na província de Guagdong e trazê-las para o Brasil, onde seriam exploradas em regime de trabalho escravo. Segundo trechos da investigação, os chineses eram convencidos a vir com boas propostas de salários, moradia e alimentação de graça.

²⁸MPT investiga pastelaria por uso de trabalho escravo no Rio. Link: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/04/mpt-investiga-pastelaria-por-uso-de-carne-de-cachorro-e-trabalho-escravo.html>. Acesso em: 24 de jun. de 2023.

13/04/2015 16h26 - Atualizado em 14/04/2015 09h01

MPT investiga pastelaria por uso de trabalho escravo no Rio

Chineses não recebiam por trabalho subumano e eram torturados, diz MPT. Segundo procuradora, foi encontrada carne de cachorro congelada.

Produto G1

+

Rio de Janeiro

+

Janaina Carvalho
Do G1 Rio



Vítima era trancada em estabelecimento e trabalhava das 5h às 23h sem folga (Foto: Divulgação / MPT)

Figura 41 - Denúncia de trabalho escravo e venda de carne de cachorro foi feita em 2013.

Fonte: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/04/mpt-investiga-pastelaria-por-uso-de-carne-de-cachorro-e-trabalho-escravo.html>.

No entanto, ao chegarem no Brasil, eles recebiam a informação de que deveriam trabalhar por três anos sem receber pagamentos em pastelarias da cidade para cobrir as despesas das passagens aéreas. Assim como ocorreu na época do Brasil Império com o tráfico dos *coolies*, vemos que o tráfico humano de chineses, e demais nacionalidades estrangeiras como a boliviana, ainda acontecem e são um grave problema de direitos humanos no mundo. Outro seguidor, menciona que os chineses não são confiáveis, pois os conhece muito bem.

Chama-nos a atenção que a manifestação de tais comentários atinge uma escalada no debate que culmina na seguinte afirmação: “sou totalmente a favor de limitar a 90% estrangeiros no país” e deportar “sumariamente” todos os imigrantes ilegais do país. Supomos que o seguidor tenha tido a intenção de limitar o número de estrangeiros no Brasil a 10% do total da população. A afirmação sobre deportar sumariamente todos os imigrantes em situação ilegal no país demonstra o desconhecimento de outras condições de estrangeiros de variadas nacionalidades que chegam ao Brasil em situação de refúgio e em total vulnerabilidade.

5.1.3 Objetificação da mulher asiática: fetiche e imaginário sobre submissão

Em nossa análise, visualizamos diversos comentários relacionados a aparência de Sisi Lao. Estes comentários também descreviam como o seu comportamento e discurso eram considerados meigos, fofos, ainda que ela tivesse pronunciado uma palavra portuguesa de forma incorreta. A famosa troca da “R” pelo “L”, que ocorre pela dificuldade de pronúncia do “R” de muitos chineses, foi elogiada sob estes aspectos atrelados a um possível comportamento calmo, compreensivo, e porque não dizer “submisso”. Visualizamos em outros comentários deboche e descrédito relacionados a forma de falar da professora de mandarim. A objetificação de qualquer indivíduo a partir de suas características físicas, ou ainda a infantilização pelo modo de falar resultando em adjetivos que se aplicam geralmente ao que é inofensivo, vulnerável, submisso (meigo e fofo) traduz-se na desumanização da pessoa foco de tais definições. Veja na figura (43). O fetiche pelo estereótipo da mulher asiática no Ocidente reflete não apenas uma objetificação, mas também uma problemática perpetuação de ideias exóticas e simplificadas sobre identidades culturais complexas.

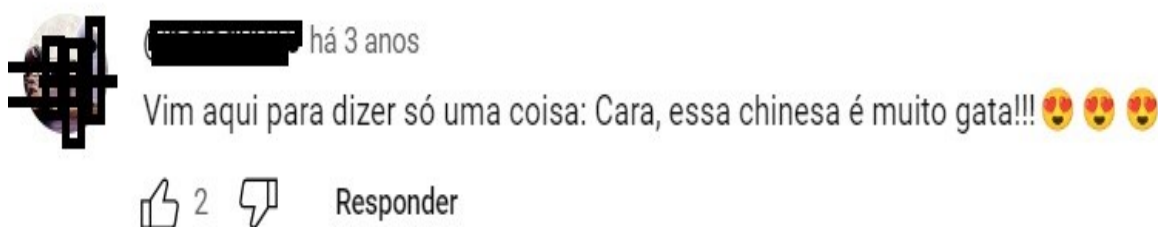


Figura 42 - Seguidores elogiam a aparência física e a forma de falar que troca o “R” pelo “L” da professora Sisi Lao. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.



Figura 43- Seguidores elogiam a aparência física e a forma de falar que troca o “R” pelo “L” da professora Sisi Lao. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

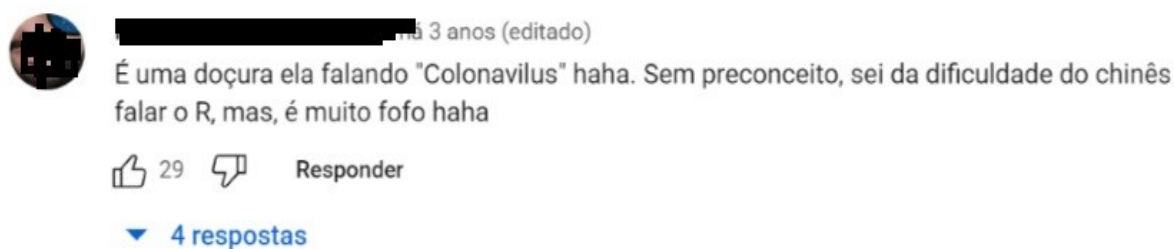


Figura 44- Seguidores elogiam a aparência física e a forma de falar que troca o “R” pelo “L” da professora Sisi Lao. Fonte: vídeo “Morcego, Fake News e Preconceito”, canal Pula Muralha.

Há discussões e lutas de mulheres asiáticas, como o Coletivo Lótus²⁹ contra um estereótipo étnico histórico que transforma aparência e comportamento destas mulheres em fetiches. Este é um padrão de comportamento racista, xenofóbico e machista que não ocorre somente no Brasil, mas em diversos outros países.

5.6 Reflexões possíveis acerca da análise do *corpus*

Partimos em busca dos imaginários sociodiscursivos que emergiram dos comentários feitos no canal Pula Muralha a partir do vídeo “MORCEGO, FAKE NEWS E PRECONCEITO (coronavírus) em relação aos chineses durante a pandemia e encontramos traços presentes nestes imaginários que nos remetem: a movimentos de reconhecimento, movimentos de conflito, movimentos de alteridade, afetos da ordem do medo, do fascínio, do fetiche, em suma, afetos sobre o que pensamos sobre o outro. Começamos a nossa análise nos comentários tentando perceber esse olhar que se constituía sobre o diferente, e no caso específico, sobre a China e os chineses, no entanto, conforme a análise foi se desenvolvendo, houve diversos momentos em que flagramos o Brasil falando de Brasis.

O aspecto da historicidade do contato entre Brasil e China e o marco temporal de nosso estudo durante a pandemia por Covid-19 trouxeram elementos importantes

²⁹ O coletivo Lótus Feminismo nasceu em 2016, como um grupo no Facebook criado pela artista Caroline Ryca Lee, que entendeu que existia uma demanda por "acolhimento e reflexão sobre a noção de raça entre mulheres amarelas [termo que compreende o fenótipo de japoneses, chineses, coreanos]". Link: https://www.facebook.com/plataformalotus?locale=pt_BR. Acesso em 01 de maio de 2024.

e complexos para a compreensão do nosso objeto. À época do Brasil colônia, período em que o comércio e a vinda dos *coolies* proporcionaram os primeiros contatos entre China e Brasil, o fascínio ou a aversão aos chineses eram justificados pelo pouco conhecimento e informações acerca daquele país distante, além de mitos criados em relação à reputação dos chineses que eram acusados de vício em ópio e depravação, dentre outras características. Havia ainda as questões relativas às disputas geopolíticas. No século XXI, permanecem os estereótipos, porém, não os mesmos, porque, embora haja semelhanças entre alguns consensos do imaginário que se constituiu em relação aos chineses, enfatizamos que houve uma descontinuidade, o que torna os dois momentos distintos em relação a tais fenômenos conforme o contexto político e cultural para cada período.

Os relatos de microagressões raciais (Sue et al., 2007) localizados em nosso estudo confirmam a tendência apontada pelo relatório do grupo *Stop AAPI Hate*, em que mulheres e idosos são os principais alvos de agressões no contexto de nossa análise. Não tivemos relatos de agressões direcionadas a crianças. Neste contexto as *Fake News* têm um impacto significativo na sedimentação de estigmas e estereótipos em relação a grupos étnicos, reforçando preconceitos e perpetuando desinformação. Quando notícias falsas são disseminadas sobre um grupo específico, elas frequentemente retratam os membros desse grupo de maneira negativa, associando-os injustamente a comportamentos criminais, práticas culturais mal compreendidas ou características pejorativas. Essa repetição constante de informações falsas cria uma narrativa distorcida que influencia a percepção pública, levando a discriminação e marginalização. Além disso, as *Fake News* aproveitam-se de vieses existentes e emoções fortes, como medo e desconfiança, para ganhar tração, o que torna ainda mais difícil desconstruir os estereótipos que se formam. O resultado é um ciclo vicioso onde o grupo alvo das *Fake News* enfrenta maiores dificuldades para alcançar igualdade e aceitação na sociedade.

O estereótipo presente como um consenso (Charaudeau, 2017) e constituindo parte fundamental para que haja um contrato de comunicação bem-sucedido (ou não) durante a pandemia e em momento de pico da doença no Brasil foi potencializado em direção a afetos negativos à medida que o número de vítimas foi crescendo. Estereótipos sustentados, por exemplo, em suposições sobre os modos de vida chineses não civilizados, em relação ao que se pensa, imagina, e se fala sobre os

mercados molhados da China e os hábitos alimentares dos chineses. O apego ao familiar e ao tradicional, são elementos presentes nas manifestações em que se fazem comparações entre chineses e brasileiros e também entre brasileiros e brasileiros com origem de diferentes Estados.

Verificamos ocorrências de microagressões raciais classificadas como microagressões, microinsultos e microinvalidação, de acordo com Sue *et al.* (2009), ocasionadas pelo julgamento da característica fenotípica dos indivíduos, ocasionadas pela origem destes indivíduos, pelo comportamento, motivadas pelo racismo e por diversos estereótipos. Este aspecto se alia ao conceito de que a comunicação é um ato intrinsecamente relacional, fundamentado na troca de significados e na interação entre os sujeitos envolvidos. Ela transcende a atuação na transmissão de informações e influencia as relações sociais, moldando percepções, identidades e conexões entre indivíduos e grupos. Temos ainda a problemática relacionada ao estigma e aos estereótipos que podem impactar profundamente essa interação comunicativa sedimentando comportamentos hostis e violentos e/ou ainda objetificando o indivíduo, ainda que este seja visto de maneira positiva a partir de um fascínio e idealizações que resultam na desumanização.

Charaudeau (2017) afirmou que o imaginário produz representações e constrói universos mentais que podem ser marcados como fenômeno discursivo. Lidamos com essa materialização do imaginário em real a partir do contato com os diversos comentários acerca dos hábitos da população chinesa em que indivíduos tentavam interpretar o desconhecido e transformá-lo em familiar de alguma maneira, mesmo que para tal, fosse necessário o julgamento e descrédito do outro. Conforme Moscovici (1961) a representação social seria a forma como lidamos com o desconhecimento a partir do objetivo de transformá-lo em familiar.

Os ódios contemporâneos e a disseminação de estereótipos e estigmas no século XXI, nos trazem o desafio do enfrentamento e superação dessas emoções negativas. Medeiros (2023) nos oferece uma visão crítica e esperançosa de como podemos transformar nossas sociedades em direção a uma convivência mais inclusiva e respeitosa. Suas reflexões são um convite para uma mudança cultural e social que abrace a diversidade e celebre a humanidade em toda a sua complexidade.

O impacto deste estudo preliminar sobre essa pesquisadora que vos escreve/fala está marcado pela forte presença sobre o que pensamos (aqui me incluo

de forma propositada) sobre o Outro à medida que o Eu detecta semelhanças e diferenças nesse movimento de aproximação e distanciamento durante o processo de tornar o diferente em familiar, conhecido.

Concluimos que o estigma, ao ser incorporado na dinâmica da comunicação, gera barreiras e distorções na interação entre as pessoas. Estereótipos, preconceitos e julgamentos prévios, componentes essenciais do estigma, influenciam não só como uma mensagem é emitida, mas também como é recebida e interpretada. Isso gera um ciclo de desconfiança, distanciamento e até exclusão social. Quando indivíduos são estigmatizados devido a características, condições físicas, identidades culturais ou sociais, a comunicação torna-se afetada. A percepção distorcida gerada pelo estigma pode gerar dificuldades na troca de ideias e na compreensão mútua e pessoas estigmatizadas muitas vezes enfrentam obstáculos para se expressar, são mal interpretadas ou, em alguns casos, silenciadas, o que limita sua participação plena e igualitária na sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E APONTAMENTOS FUTUROS

O presente estudo buscou lançar luz sobre os imaginários sociodiscursivos acerca dos chineses no Brasil, particularmente, através do canal do *YouTube* “Pula Muralha”, tendo como recorte temporal o período da pandemia de Covid-19. No turbilhão de incertezas e medos que a pandemia nos trouxe, o ambiente digital, ao mesmo tempo em que se configurou como o lugar possível para mantermos nossas relações de proximidade, atividades de lazer, acesso a informações e trabalho, também se tornou um campo fértil para a disseminação de estereótipos e preconceitos, em especial, sobre a China e sua população.

Diante desse cenário, nossa análise teve por objetivo refletir sobre como esses estereótipos foram intensificados pela disseminação desenfreada de *Fake News*, resultando em manifestações preocupantes de sinofobia e estigmatização. A pesquisa ressaltou a importância das plataformas digitais na formação e circulação desses imaginários, destacando a urgência de uma abordagem crítica e reflexiva para compreender e combater tais fenômenos.

No que concerne ao alcance e às possibilidades das análises que aqui foram desenvolvidas, é essencial reconhecer as limitações que permearam nossa pesquisa e que incidiram sobre os resultados apresentados, a saber, o recorte temporal e espacial. Sendo assim, nosso estudo foi delimitado ao período pandêmico (2020-2022) e ao ambiente digital, concentrando-se especificamente no canal "Pula Muralha".

Explorar outras plataformas e contextos temporais poderia fornecer uma visão mais abrangente das manifestações de Sinofobia, no entanto, para tornar viável a reflexão, dentro do que se propõe para uma dissertação de mestrado, realizar esse recorte foi fundamental. Nesse sentido, a análise teve por foco um conjunto específico de comentários de um único vídeo do canal, o que pode não representar completamente a diversidade de opiniões e manifestações presentes em outros vídeos ou canais, mas que não deixa de ser representativa daquilo que o estudo se propôs a refletir.

Para aprofundar a compreensão dos imaginários sociodiscursivos e estereótipos sobre os chineses no Brasil, pesquisas futuras poderiam adotar as seguintes abordagens. Dentre as muitas possibilidades destacamos: a) ampliar o recorte temporal e espacial e incluir análises de períodos pré e pós-pandemia, bem como investigar outras plataformas digitais e mídias tradicionais, para obter uma visão mais completa e detalhada dos fenômenos estudados; b) diversificar o *corpus* de estudo: analisar comentários e conteúdo de múltiplos vídeos e canais, bem como outras formas de interação digital, como diferentes redes sociais; c) adotar métodos mistos de pesquisa, combinando análises qualitativas e quantitativas para obter *insights* mais robustos; d) realizar entrevistas com criadores de conteúdo e espectadores poderiam enriquecer a compreensão dos fenômenos observados, trazendo vozes e perspectivas diretas para o estudo; e) investigar outras comunidades asiáticas com vistas a expandir o foco e realizar uma análise comparativa acerca das experiências de discriminação e estigmatização entre diferentes grupos; f) realizar estudos comparativos com outros países, que enfrentaram desafios semelhantes durante a pandemia, identificando padrões globais e particularidades locais. Todas essas possibilidades de estudos que se abrem, a partir das reflexões realizadas, nos instigam a dar continuidade ao trabalho iniciado no mestrado.

Sendo assim, acreditamos que este estudo pôde contribuir de forma significativa para a compreensão dos estereótipos e preconceitos enfrentados pelos chineses no Brasil, durante a pandemia de Covid-19, revelando a complexidade dos imaginários sociodiscursivos no ambiente digital. Além disso, foi possível compreender o potencial da comunicação em rede, tanto em suas manifestações mais negativas (discursos de ódio, fake News e preconceito), quanto em suas formas mais positivas, ao gerar solidariedade, acolhimento e, principalmente, no contexto analisado, ao levar informações que poderiam salvar vidas (vacinas, uso de máscaras, cuidados gerais de saúde).

Sabemos que a pesquisa não se encerra aqui, apontando para múltiplas possibilidades de estudos futuros, que avancem nas reflexões que foram apresentadas, aprofundando e ampliando a compreensão dos fenômenos analisados. Assim, diante dos desafios que se apresentam para os tempos atuais, poderemos, quem sabe, promover uma comunicação mais inclusiva e justa, essencial para uma sociedade verdadeiramente acolhedora e diversa.

7 REFERÊNCIAS

AGGIO, Camilo, **Teorias conspiratórias, verdade e democracia**. In: ALZAMORA, Geane; MENDES, Conrado Moreira; RIBEIRO, Daniel Melo. Sociedade da Desinformação e Infodemia. Olhares Transversais, v. 1. Belo Horizonte, MG. Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. cap.3, p. 63-86.

ALMEIDA, Silvio de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

APPADURAI, Arjun. **O medo ao pequeno número – Ensaios sobre a geografia da raiva**. São Paulo: Iluminuras, 2009.

ARAUJO, M. S. (2012). DEZEM, Rogério. **Matizes do “amarelo”: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005. 312p.

BALBINO, Jéfferson (2016). **A Identidade social brasileira na teledramaturgia: Um estudo sobre a telenovela Vale Tudo**. Disponível em: https://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468077890_ARQUIVO_AIdentidadeSocialBrasileiranaTeledramaturgia-NOVOTRATAMENTO.pdf. Acesso em 10 de abr de 2024.

BOLSANELLO, Maria Augusta. **Darwinismo social, eugenia e racismo "científico": sua repercussão na sociedade e na educação brasileira**. Educar em Revista, n. 12, p. 153-165, 1996.

BORJA, Melissa; JEUNG, Russel; HORSE, Aggie Yellow; GIBSON, Jacob; GOWING, Sarah;

LIN, Nelson; NAVINS, Amelia; POWER, Emahlia. **Anti-Chinese Rhetoric Tied to Racism against Asian Americans Stop AAPI Hate Report**. Disponível em: <https://stopaapihate.org/wp-content/uploads/2021/04/Stop-AAPI-Hate-Report-Anti-China-Rhetoric-200617.pdf>. Acesso em 25 de abril de 2024.

BUENO, André da Silva. Dossiê – **O Brasil Encontra o Extremo Oriente: a Missão Chinesa (1880)**. Antropolítica – Revista Contemporânea de Antropologia, (31). Biblioteca Nacional Digital, 2022. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/o-brasil-encontra-o-extremo-orienta-a-primeira-missao-brasileira-a-china-1880>. Acesso em 24 de out. de 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1998.

CHAN, Kam Wing. **Urbanization with Chinese Characteristics: The Hukou System and Migration** (English Edition). New York: Routledge; 1ª ed. 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor**. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, 2017, p. 571-591.

CHARAUDEAU, Patrick. **"Réflexions sur l'identité culturelle. Un préalable nécessaire à l'enseignement d'une langue"**, in Gabry J. et alii, Ecole, langues et modes de pensée, CRDP Académie de Créteil, 2005, consulté le 8 janvier 2014 sur le site de Patrick Charaudeau - Livres, articles, publications. URL: <http://www.patrick-charaudeau.com/Reflexions-sur-l-identite,119.html>. Acesso em 20 de out de 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática**. Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, [S.l.], v. 10, dez. 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede V. 1. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

D'ANDRÉA, C. F. B. **Cartografando controvérsias com as plataformas digitais: apontamentos teórico-metodológicos**. Galáxia, São Paulo, n. 38, p. 28-29, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2IRw1Py>. Acesso em: 11 de fev. de 2023.

DE SÁ TELES MINNAERT, A. C. **A comida na diáspora: um olhar antropológico sobre a comida chinesa em Salvador**. Bahia. Afro-Ásia, Salvador, n. 58, 2018.

DEZEM, Rogério Akiti. A Questão Chinesa (1879) no Brasil. Revista de Estudos Brasileiros Vol. 14, Departamento de Português, Universidade de Osaka. 2018.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2013.

GARCIA, Leila; DUARTE, Elisete. Infodemia: o excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a Covid-19. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 29, n.4. 2020. Disponível em: SciELO - Saúde Pública - Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a Covid-19 Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a Covid-19 (scielosp.org). Acesso em: 14 jul. 2022.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos Alfredo. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984. p. 223-244.

HIGA, L. M. Umi nu Kanata – Do Outro Lado do Mar: história e diferença na “comunidade okinawana brasileira”. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – USP. São Paulo, 2015.

HJAVARD, Stig. **Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural**. In: Revista MATRIZES, v.5, n.1, jan./jun. 2012, São Paulo, pp. 53-91.

LEITE, José Roberto Teixeira. **A China no Brasil. Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na Sociedade e na Arte brasileiras**. Campinas, Unicamp, 1999, p. 11.

Lesser, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2001.

LIMA, Silvio Cezar de Souza. **Para que nos servem os súditos do filho do céu? Raça, miscigenação e branqueamento nos debates sobre a imigração chinesa (1850-1890)**. In: Dossiê: Visões da História Chinesa (2021). Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/locus/article/view/33075>.

LISBOA, Henrique C. R. **A China e os chins: recordações de viagem**. Montevideo: Typ. A.Godel, 1888.

LIU, Dinghui. **A study on dog-eating and dog-raising in Han dynasty of China**. Francis Academic Press, UK, 2020. Disponível em: <https://francis->

press.com/uploads/papers/WTa6vYwM9SDRTksYmF9jXZe3YQW3XV9sb2XwEqpT.pdf. Acesso em: 01 de out. de 2023.

LONGOBARDI, Andrea Piazzaroli. **Fragmentos de visualidades chinesas no Setecentos Mineiro (1720-1770)**. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, p.191, 2011.

LOU SHOU. ELHAJJI, M; COCCO, G. M; REVOLLO PARDO, C.. **Mídia, Chinesidade e a Vida Sociocultural dos Sino-cariocas**: história e perspectivas. 2017.

LYNTERIS, Christos. (2018). **“Yellow Peril Epidemics: The Political Ontology of Degeneration and Emergence”**. In: BILLÉ, Franck; URBANSKY, Sören. *Yellow Perils: China narratives in the contemporary world*. University of Hawaii Press.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MEDEIROS, Ettore Stefani de. **Sim, Você Odeia! Uma Reflexão Sobre os Ódios Contemporâneos que Nós Praticamos**. Editora Dialética, 2023.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; PORTO, Nathália França Figuerêdo. **Reconhecimento ideológico: uma reinterpretação do legado de Gilberto Freyre sob a ótica da teoria do reconhecimento**. *Dados*, v. 60, n. 1, p. 145-172, 2017.

MINNAERT, Ana Claudia. S. **O dendê no wok: um olhar antropológico sobre a comida chinesa em Salvador**, Bahia. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2015.

MORICEAU, Jean-Luc. **Afetos na pesquisa acadêmica**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM Fafich /UFMG, 2020

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012

Panorama do Censo 2022. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em 10 de fev de 2024.

PESSOA, Sônia; MANTOVANI, C. A; BOAVENTURA, S. **A dimensão dos afetos: movimentos entre *corpous* sensível e gestos de pesquisa**. In: MARTINS, Bruno Guimarães; MOURA, Maria Aparecida; PESSOA, Sônia Caldas; VIANNA, Graziela Mello (orgs.). **Experiências metodológicas em textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

PESSOA, Sônia Caldas. **Estética da diferença: contribuições ao estudo da deficiência e das redes sociais digitais como dispositivos de mise en scène**. 2015. 332f. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9X4PFX>. Acesso em: 20 de out. 2023.

PESSOA, Sônia Caldas. **Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência: experiência e partilhas**. Belo Horizonte: PPGCOM, 2018.

PIMENTA, Reinaldo. **A casa da mãe Joana**. Editora: Elsevier, 1ª edição, 2002.

PINHEIRO, Xavier. **Importação de trabalhadores chins: Memória apresentada ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e Imprensa por sua ordem**. Rio de Janeiro: Typ. de João Ignácio da Silva, 1869.

RECUERO, Raquel. **Mídia social, plataforma digital, site de rede social ou rede social? Não é tudo a mesma coisa?** - <https://medium.com/@raquelrecuero>, 2019. Disponível em: <https://medium.com/@raquelrecuero/m%C3%ADdia-social-plataforma-digital-site-de-rede-social-ou-rede-social-n%C3%A3o-%C3%A9-tudo-a-mesma-coisa-d7b54591a9ec>. Acesso em 14 de out. 2023.

SAID, Edward W. (2007). **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras.

SHUO, Lou. **Mídia, chinesidade e a vida sociocultural dos sinocariocas: história e perspectivas**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Centro de Filosofia e Ciências Humanas Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p.90, 2017.

SINOPHOBIA. Cambridge Dictionaries Online. Link: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/sinophobia>. Acesso em 20 de out. de 2023.

STOP AAPI HATE – Retórica anti-chinesa ligada ao racismo contra asiático-americanos. Disponível em: <https://stopaapihate.org/2020/06/17/anti-chinese-rhetoric-tied-to-racism-against-asian-americans/>. Acesso em 30 de mar de 2024.

SUE, Derald Wing, Bucceri, Jennifer, Lin, Annie I., Nadal, Kevin L., Torino, Gina C. (2007).

“**Racial Microaggressions and the Asian American Experience**”. Columbia University. Disponível em: <https://www.apa.org/pi/oema/resources/ethnicity-health/asian-american/microaggressions-asians.pdf>. Acesso em 25/05/2023.

XENOPHOBIA. In : Dicionário online MERRIAM-WEBSTER, 14 fev. 2018. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/xenophobia>. Acesso em: 14 jan. 2024.

YAKUSHKO, Oksana. **Xenophobia: Understanding the roots and consequences of negative attitudes toward immigrants**. 2009. The Counseling Psychologist, vol. 37, nº 1. Jan, 2009. pp.36-66. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/edpsychpapers/90>. Acesso em: 28 dez. 2023.

WONG, Kelly Wing Kwan. **Exploring Racial Microaggressions Toward Chinese Immigrant Women in Greater Boston During Covid**. Tufts University, USA. 2023. Disponível em: <https://www.cogitatiopress.com/socialinclusion/article/view/6405>. Acesso em 20 de mai. de 2023.

MATÉRIAS E REPORTAGENS

“**A brief list of countries which eat dog meat the most**”. Indy100, 22 de junho de 2016. Disponível em: <https://www.indy100.com/news/the-countries-which-eat-dog-meat-the-most-7300266>. Acesso em: 23 de jun. de 2023.

Cães deixam de ser considerados animais para consumo na China. Publicado em 09 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/apos-coronavirus-caes-deixam-de-ser-considerados-animais-para-consumo-na-china/>. Acesso em 20 de mai. de 2023.

Conheça melhor a geografia da China e suas províncias – País tem um sistema de divisão único. Publicado em 29 de ago de 2023. Disponível em: <https://ibrachina.com.br/conheca-melhor-a-geografia-da-china-e-suas-provincias/#:~:text=O%20territ%C3%B3rio%20chin%C3%AAs%20possui%2034,equivalentes%20aos%20estados%20no%20Brasil>. Acesso em 25 de abril de 2024.

“**De onde vem o pastel? Saiba mais sobre a origem dessa delícia**”. RioMar Recife, 23 de novembro de 2020. Disponível em: <https://vivariorrecife.com.br/gastronomia/da-onde-veio-o-pastel-vem-entender/>. Acesso em: 20 de jun. de 2023.

História dos chineses no Brasil – A construção da comunidade chinesa no Brasil. Publicado em 01 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://ibrachina.com.br/a-construcao-da-comunidade-chinesa-no-brasil/#:~:text=Estima%2Dse%20que%20no%20Brasil,diferen%C3%A7as%20culturais%20e%20quest%C3%B5es%20sociais>. Acesso em 30 de set. de 2023.

Coronavírus: Influencer chinesa pede desculpas por vídeo em que come sopa de morcego. Publicado em 27 de janeiro de 2020 – Globo. Acessado em 05 de fev. 2024. Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/Noticias/noticia/2020/01/coronavirus-influencer-chinesa-pede-desculpas-por-video-em-que-come-sopa-de-morcego.html>

“**MPT investiga pastelaria por uso de trabalho escravo no Rio**”. G1 Globo, 13 de abril de 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/04/mpt-investiga-pastelaria-por-uso-de-carne-de-cachorro-e-trabalho-escravo.html>. Acesso em: 24 de jun. de 2023.

Mulher borrifa álcool em jovem: “Você é o coronavírus”. Link: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2020/03/mulher-borrifa-alcool-em-jov-em-voce-e-o-coronavirus.html>. Acesso em 15 de out. de 2023.

Negócio da China. Disponível em: <http://teledramaturgia.com.br/negocio-da-china/>. Acesso em 23 de set. de 2023.

“Pastelaria chinesa no RJ usou carne de cachorro como recheio”. Terra, 11 de abril de 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/imHRV>. Acesso em: 19 de jun. de 2023.

Origem do nome de Queimados. Disponível em: <https://www.queimados.rj.gov.br/municipio#:~:text=Como%20a%20morte%20dos%20oper%C3%A1rios,custom%20queimar%20os%20seus%20mortos>. Acesso em: 24 de set. de 2023.

“Todos os chineses comem cachorro?”. LTL Mandarin School, 10 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://ltl-chines.com/chineses-comem-cachorro/>. Acesso em: 18 de jun. de 2023.

VÍDEOS ACESSADOS

How could these Chinese ladies eat the bat?! 蝙蝠菜单. Publicado em 25 de janeiro de 2020 – Canal Bell Nathaniel Sanchez. Acessado em 05 de fev. 2024. Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=oKNz3FuFRIM>

Morcego, Fake News e Preconceito (coronavírus) Pula Muralha. Publicado em 31 de janeiro de 2020. Acessado em 01 de jan. 2024. Disponível em: <https://www.Youtube.com/watch?v=l7EzDjuXe1g&t=4s>